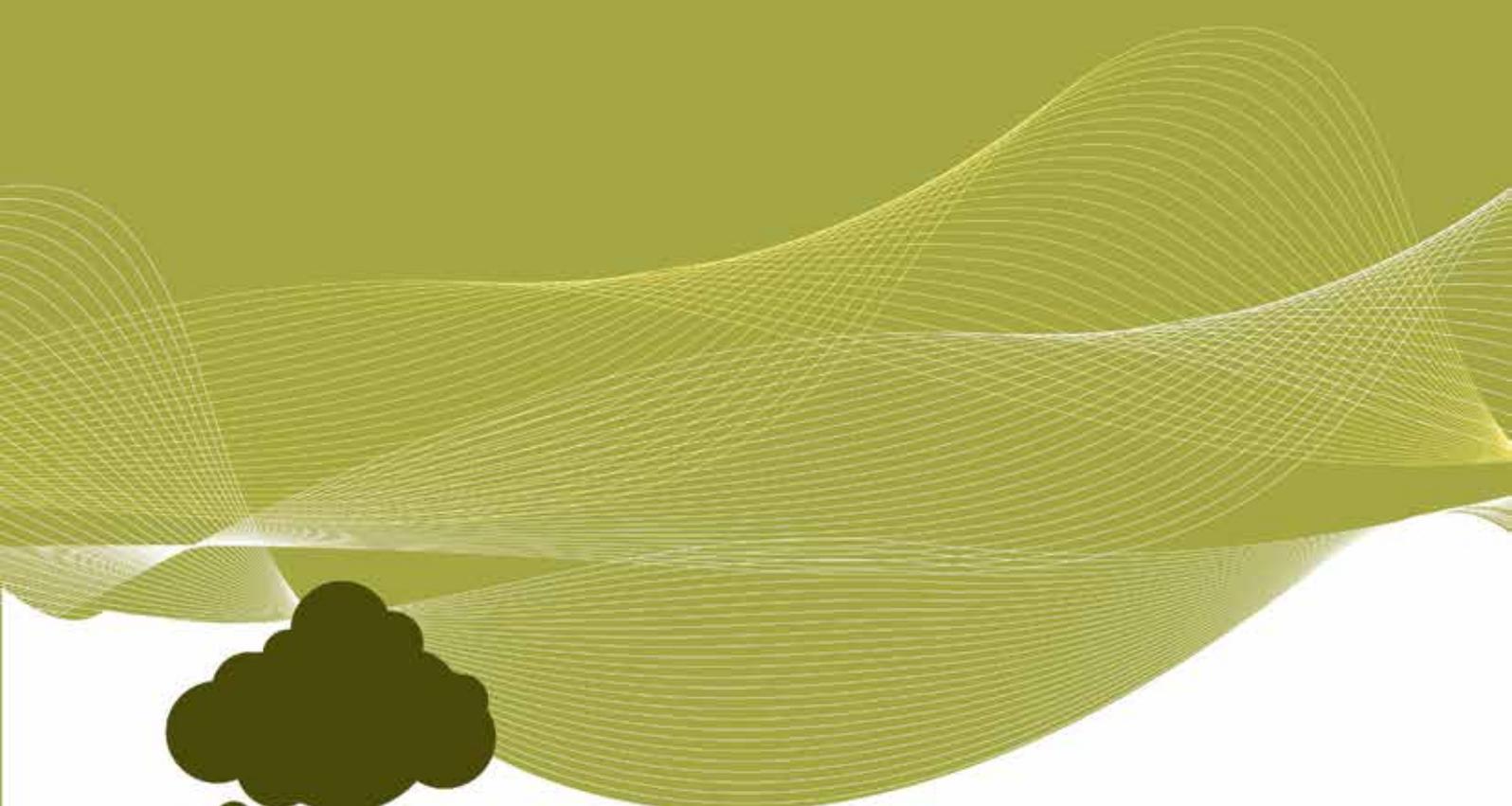




CELPA

Associação da Indústria Papeleira

2014



BOLETIM ESTATÍSTICO

Indústria Papeleira Portuguesa





CELPA

Associação da Indústria Papeleira

2014
SOJA

BOLETIM ESTATÍSTICO

Indústria Papeleira Portuguesa



NESTE BOLETIM

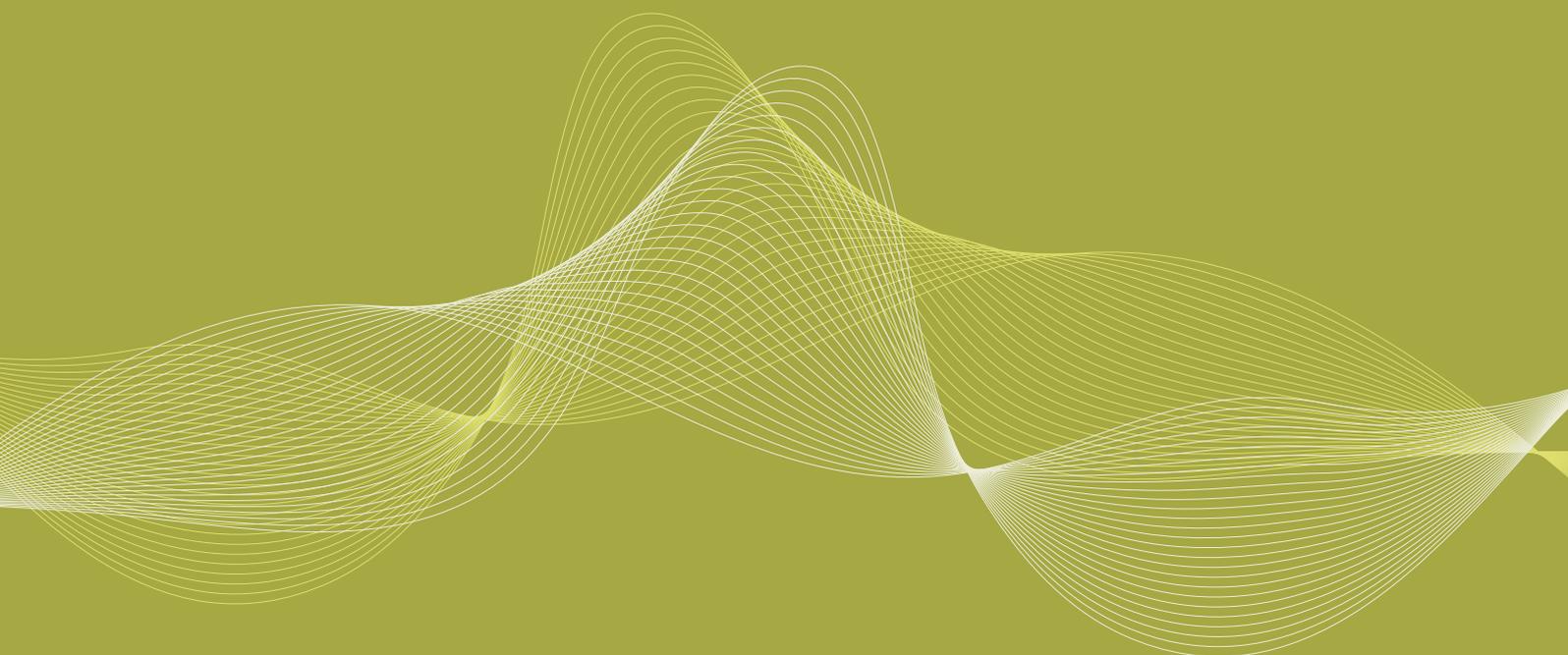
MENSAGEM DO DIRECTOR GERAL

EMPRESAS ASSOCIADAS DA CELPA

ENTIDADES ASSOCIADAS DA RECI PAC

DESCRIÇÃO DO SECTOR PASTA, PAPEL E CARTÃO

ÍNDICE





Eng. Armando Goes
Director Geral

Mensagem do Director Geral

Anualmente, o Boletim Estatístico da CELPA – Associação da Indústria Papeleira, em colaboração com a RECIPAC – Associação Nacional de Recuperação e Reciclagem de Papel e Cartão, vem apresentar o comportamento do sector de pasta e papel do último ano.

Em conformidade com os anos anteriores, em 2014, a indústria de pasta e papel conservou o elevado índice de produtividade, proveito dos investimentos industriais feitos ao longo destes anos. Contudo, esta valorização do potencial industrial tem seguido os preceitos de uma economia verde. A sustentabilidade desse crescimento tem-se traduzido numa eficiência energética onde se constata que o consumo da energia proveniente de biomassa é privilegiado em detrimento do consumo de combustíveis fósseis, na eficiência no uso dos recursos, tais como a água, e a própria gestão dos resíduos.

A CELPA tem procurado desenvolver e defender a importância da sustentabilidade da base florestal neste sector, mantendo o apoio na certificação florestal PEFC® e FSC®.

A sustentabilidade verde não surge em prejuízo da competitividade do sector. Entre 2010 e 2014 o volume de exportações de pasta e papel, em toneladas, teve um crescimento positivo de 15%, contribuindo para se destacar como uma das indústrias que positivamente mais se evidencia na contribuição da balança comercial do país.

O fornecimento de matéria-prima florestal é, sem dúvida, dos temas mais delicados deste sector que poderá ter uma mudança positiva a médio prazo, caso a implementação das medidas previstas na nova Política Agrícola Comum sejam aproveitadas de forma determinante no sector florestal português. A CELPA tem tentado contribuir para que a regulamentação destas medidas faça sentido na realidade portuguesa.

A campanha internacional “Think more paper means less trees? Think Again”, iniciada em 2013, teve continuidade este ano, mantendo o seu propósito de desmistificar ideias assentes sobre a indústria da pasta e papel, esclarecendo quanto ao seu contributo para o crescimento da floresta e demonstrar a sustentabilidade dos produtos papeleiros portugueses.

Renovamos os agradecimentos às empresas associadas da CELPA, bem como à RECIPAC, pelo seu contributo indispensável, assim como a todos os seus colaboradores, que se empenharam e se mobilizaram para a concretização conjunta deste Boletim Estatístico.



Empresas Associadas da CELPA

Grupo Portucel Soporcel



PORTUCEL - Empresa
Produtora de Pasta e
Papel, S.A.

Tel. 265 709 000
www.portucelsoporcel.com



SOPORCEL - Sociedade
Portuguesa de Papel, S.A.

Tel. 233 900 100
www.portucelsoporcel.com



Portucel Florestal - Empresa
de Desenvolvimento
Agro-Florestal, S.A.

Tel. 265 709 000
www.portucelsoporcel.com



**Portucel Soporcel
Florestal**

Sociedade de
Desenvolvimento
Agro-Florestal, S.A.

Tel. 265 709 000
www.portucelsoporcel.com

Grupo Altri



celbi

Celulose Beira Industrial
(CELBI), S.A.

Tel. 233 955 600
www.celbi.pt



caima

Caima - Indústria de
Celulose, S.A.

Tel. 249 730 000
www.caima.pt



altriflorestal

Altri Florestal, S.A.

Tel. 249 730 000
www.altri.pt



CELTEJO

CELTEJO - Empresa de
Celulose do Tejo, S.A.

Tel. 272 540 100
www.altri.pt



Renova

Renova - Fábrica de Papel
do Almonda, S.A.

Tel. 249 830 200
www.wellbeingworld.com



CELPA - Associação da indústria Papeleira

Rua Marquês Sá da Bandeira, nº 74, 2º 1069-076 Lisboa
Tel. 217 611 510 Fax: 217 611 511 email: celpa@celpa.pt



Entidades Associadas da Recipac



AFICAL - Associação dos Fabricantes de embalagens de Cartão para Alimentos Líquidos



AEPSPA - Associação das Empresas Portuguesas para o Sector do Ambiente



ANIPC - Associação Nacional dos Industriais de Papel e Cartão



APIGRAF - Associação Portuguesa das Indústrias Gráficas, de Comunicação Visual e Transformadores do Papel



CELPA - Associação da Indústria Papeleira



RECIPAC - Associação Nacional de Recuperação e Reciclagem de Papel e Cartão

Av. Defensores de Chaves, nº 23, 5º Dto 1000-110 Lisboa
Tel. 217 998 526 Fax: 217 998 529 email: geral@recipac.pt

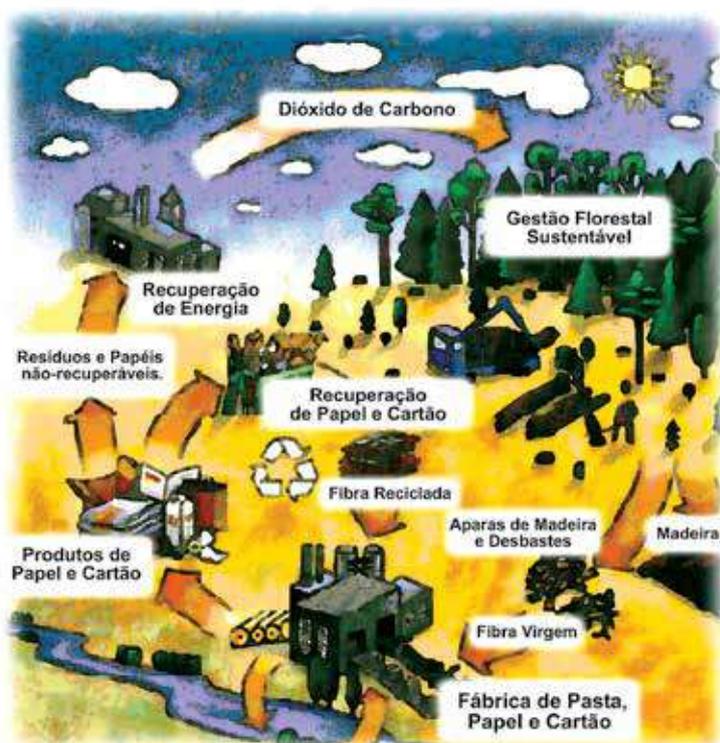


A Indústria da Pasta, Papel e Cartão

“Indústria Papeleira” é a designação geral dada a um conjunto de entidades relacionadas com a produção de pastas para papel e de diferentes tipos de papéis. Na realidade, a actividade desta indústria expande-se a quase todo o ciclo de vida dos produtos de papel, estando envolvida desde a produção de matérias-primas (produção florestal) até ao tratamento dos produtos no fim de vida (através de reciclagem ou valorização energética de papéis velhos). Estamos, portanto, perante um tipo de indústria de características únicas no panorama industrial português e mundial.

A actividade principal desta indústria está relacionada com as várias etapas do processo produtivo do papel, iniciando-se na produção de madeira (a indústria papeleira portuguesa é responsável pela gestão directa de cerca de 200.000 hectares de floresta), a sua exploração e transformação em pasta para papel, e a transformação de pasta em diferentes tipos de papel.

Ciclo de Produção da Indústria da Pasta, Papel e Cartão



Fonte: CEPI

A este circuito principal acrescem diversas actividades de apoio ou de suporte à actividade principal, das quais se destacam:

- 1. Viveiros Florestais** - Esta actividade destina-se a produzir as plantas que darão origem, após plantação, à futura floresta. Esta produção destina-se, obviamente, às matas próprias da indústria, e também aos proprietários privados.
- 2. Gestão das Áreas Florestais** - A gestão directa de áreas florestais, próprias ou arrendadas, pelas empresas produtoras de pasta, papel e cartão constitui uma forma privilegiada de intervenção no sector florestal. Permite às empresas garantir parte do abastecimento em madeira e intervir ao nível da modernização de práticas, da optimização de recursos e da introdução de tecnologias mais exigentes de intervenção na floresta. Utilizada frequentemente como demonstração ou como motor da sua promoção a terceiros, a gestão florestal das empresas industriais conduziu ao pioneirismo na adopção voluntária de códigos de boas práticas florestais e no desenvolvimento de programas de I&D em parceria com universidades e outras instituições.



3. Abastecimento de Madeira - Os elevados volumes de madeira transformados pela indústria são produzidos por um grande número de produtores florestais, na sua maioria com diminutas áreas de intervenção. O impacto desta actividade ao nível do sector de serviços nas áreas da exploração florestal e do transporte é extremamente importante, uma vez que dele depende em grande medida a manutenção da competitividade da indústria nacional.

4. Captação, Tratamento e Rejeição de Água - As unidades de tratamento de água destinam-se a garantir o abastecimento de água com a qualidade suficiente para o processo industrial (água de abastecimento), assim como a garantir que o efluente produzido tem, no mínimo, as características orgânicas, físicas e químicas especificadas pelas autoridades para cada unidade (efluentes líquidos).

5. Produção de Energia - A indústria produz e consome quantidades consideráveis de energia, sob várias formas e ao longo do processo produtivo: no digestor da madeira; na máquina de pasta; na máquina de papel; no tratamento de efluentes líquidos e gasosos; na recuperação de papéis velhos. A maior parte da energia é produzida pelas próprias unidades industriais com recurso à queima de combustíveis. Entre estes destaca-se a utilização de biomassa, resultante da preparação de madeiras (casca e outros desperdícios), da dissolução da lenhina da madeira (licor negro).

6. Recuperação de Químicos - Na produção de pastas e papéis são utilizados vários produtos químicos, principalmente no digestor de madeira, nos processos de branqueamento e na máquina de papel. Alguns destes químicos funcionam em circuitos quase fechados, sendo utilizados no processo industrial e seguidamente recuperados para novas utilizações. Deste modo, existem normalmente no parque industrial instalações dedicadas a esta recuperação.

7. Separação e Tratamento de Resíduos Sólidos - Esta indústria não produz resíduos considerados perigosos. No entanto, produz quantidades consideráveis de resíduos sólidos. A maior parte das unidades possui hoje aterros controlados para a deposição segura destes resíduos, assim como dispõe de mecanismos para a sua separação por tipos, o que permite o tratamento, reciclagem, reutilização ou valorização energética de parte dos resíduos produzidos, reduzindo deste modo a necessidade de deposições em aterro.

8. Recuperação de Papéis - Algumas unidades utilizam como matéria-prima, para além de fibra virgem, fibra proveniente da reciclagem de papéis recuperados, realizada em instalações dedicadas a essa função.

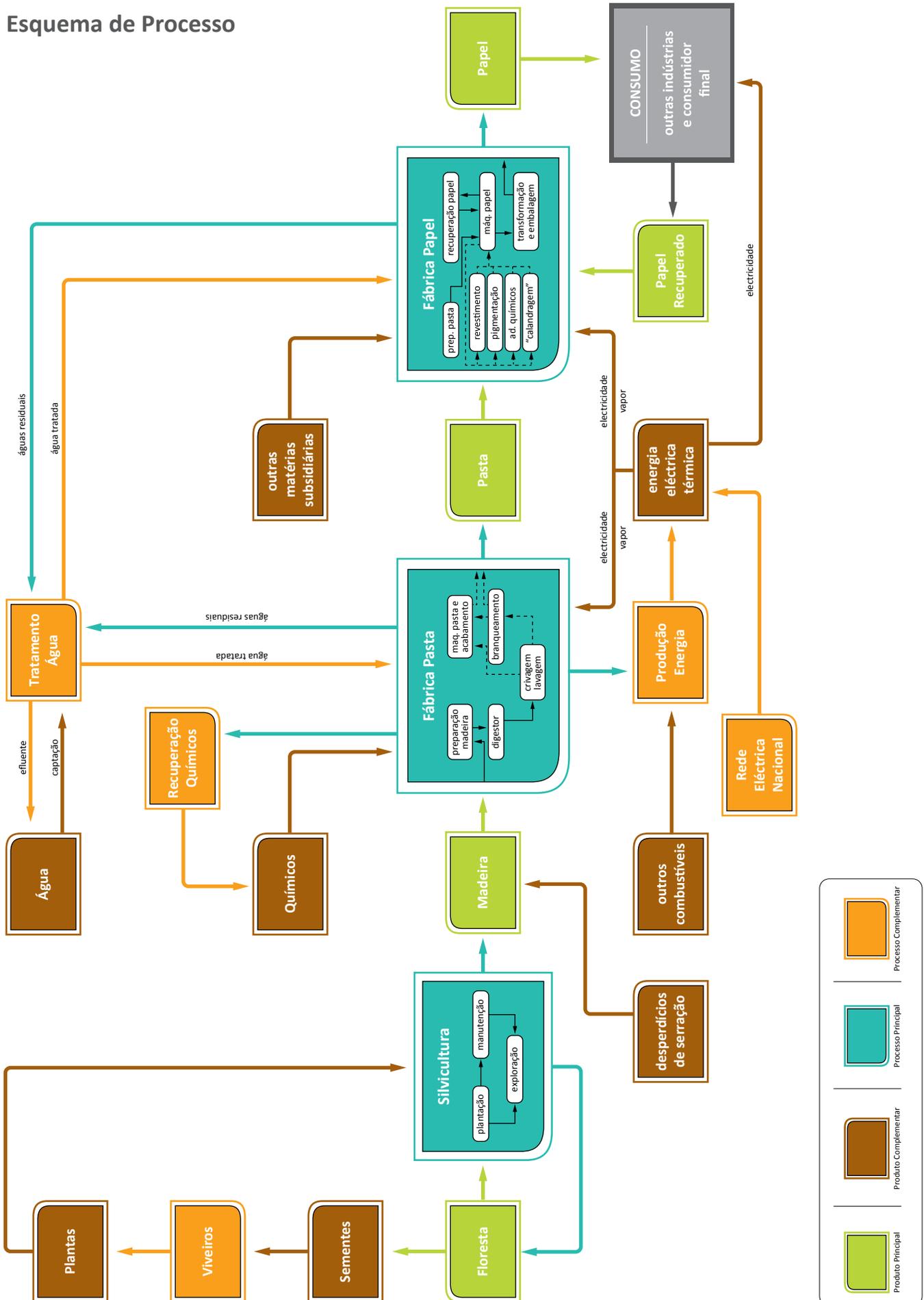
9. Controlo de Processo e de Qualidade - Dada a complexidade deste tipo de instalações industriais e a necessidade de garantir a articulação de processos e a qualidade de produtos, estão montados complexos sistemas de amostragem e controlo nas principais fases de produção.

10. Investigação & Desenvolvimento - A evolução constante do perfil de qualidade exigido aos produtos papeleiros, a necessidade de criar e adaptar os produtos às condições e exigências dos principais mercados e utilizações, assim como a necessidade de otimizar de forma crescente os processos produtivos, desde a gestão florestal até à produção industrial, tem ditado a orientação estratégica para uma abundante actividade de investigação e desenvolvimento, realizada com recursos próprios ou recorrendo a parcerias com diversas organizações, como universidades e institutos de investigação.

A articulação entre estas diversas actividades é ilustrada esquematicamente na Figura da página seguinte.



Esquema de Processo





Índice

01 - Enquadramento Macroeconómico	15	07 - Indicadores Ambientais	55
1.1 O Sector Industrial Português	19	7.1 Captação e Consumo de Água	56
1.2 A Indústria de Pasta e Papel em Portugal	20	7.2 Efluentes Líquidos	57
		7.3 Emissões Gasosas	60
02 - Indicadores Florestais	21	7.4 Gases com Efeito de Estufa	62
2.1 Floresta Nacional	22	7.5 Resíduos Sólidos	63
2.2 Floresta das Associadas da CELPA	24	7.6 Investimento Ambiental	64
2.3 Época de Incêndios 2014	27	7.7 Certificação de Qualidade, de Ambiente, de Segurança e de Laboratório	64
2.4 Certificação de Gestão Florestal Sustentável	31		
2.5 Investigação e Desenvolvimento Florestal	33	08 - Indicadores Energéticos	67
2.6 Formação Profissional Florestal	33	8.1 Consumo de Combustíveis	68
		8.2 Produção e Consumo de Electricidade	68
03 - Indicadores de Recuperação e Reciclagem de Papel	35	8.3 Estrutura Energética do Sector Pasta e Papel no Contexto Nacional	69
04 - Indicadores de Produção - Indústria de Pasta	39	09 - Indicadores Sociais	73
4.1 Aquisição, Consumo e Stocks de Madeira	40	9.1 Caracterização do Tecido Laboral	74
4.2 Consumo de Papel para Reciclar	42	9.2 Qualificação e Formação	75
4.3 Produção de Pastas Virgens	42	9.3 Segurança Ocupacional	76
4.4 Produção de Pastas de Fibra Recuperada	43	9.4 Acidentes de Trabalho	78
4.5 Produção Própria Para Integrar	44		
		10 - Indicadores Financeiros	79
05 - Indicadores de Produção - Indústria de Papel e Cartão	45		
5.1 Consumo de Pastas para Papel	46	11 - O Sector Pasta e Papel na Região CEPI e no Mundo	83
5.2 Produção de Papel e Cartão	46	11.1 Pastas para Papel	84
		11.2 Papel e Cartão	87
06 - Indicadores de Comércio	49	11.3 Papel para Reciclar	90
6.1 Pastas para Papel	50		
6.2 Papel para Reciclar	51	12 - Glossário	93
6.3 Papel e Cartão	52		

01

Indústria Papeleira Portuguesa

ENQUADRAMENTO MACROECONÓMICO

Em 2012, (dados mais recentes das Contas Nacionais do INE) o sector representava:

- 1,4% do VAB nacional
- 8,4% do VAB industrial
- 4,4% do PIB
- 8% da Produção Industrial nacional
- 1,2% do emprego total da economia





O Ano de 2014 e o primeiro trimestre de 2015

1.1 Enquadramento Macroeconómico

Portugal

Após três anos consecutivos de crescimentos negativos no PIB, num decréscimo acumulado de 6,2%, o ano de 2014 foi marcado por uma evolução positiva do PIB nacional em 0,9% quando comparado com 2013. Este pequeno aumento deveu-se, essencialmente, a um salto positivo no consumo privado que cresceu 2,1% e ao aumento significativo do Investimento privado (FBCF) de 2,5% face ao ano anterior. As exportações aumentaram 3,4% e as importações aumentaram também 6,4%. Estes valores indicam o início de um processo de recuperação que será lento e com taxas de crescimento do PIB anual abaixo dos 2%, como é visível pelas estimativas do Banco de Portugal expressas na tabela abaixo. O aspecto mais importante destes indicadores está associado ao aumento do investimento privado (a FBCF), que foi superior ao inicialmente estimado pelo Banco de Portugal, de 0,8%. Talvez seja um indício de maior confiança por parte das empresas num contexto futuro mais estável.

Estes indicadores têm também expressão junto da taxa de desemprego. Na realidade, depois de a taxa de desemprego ter atingido os 17,5% no primeiro trimestre de 2013, no último trimestre de 2014 atinge-se uma taxa de desemprego de 13,5%. Em suma, e apesar da economia Portuguesa estar ainda frágil e com alguma incerteza ao nível do potencial crescimento económico nacional e da zona Euro, o ano de 2014 parece indicar o início de uma tendência de crescimento lento mas positivo.

PIB e Principais Componentes da Despesa Agregada (Taxa variação anual em %)									
	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015(p)	2016(p)	2017(p)
PIB	-2,7	1,4	-1,6	-3,2	-1,4	0,9	1,7	1,9	2
Consumo Privado	-0,8	2	-4	-5,6	-1,7	2,1	2,2	1,7	1,7
Consumo Público	3,5	3,2	-3,8	-4,4	-1,8	-0,3	-0,5	0,2	0
FBCF	-11,1	-4,8	-11,3	-14,5	-6,6	2,5	6,2	4,4	6
Procura Interna Total	-2,5	0,8	-5,7	-6,7	-2,6	2,1	2,1	1,8	2,1
Exportações	-11,6	8,7	7,6	3,2	6,1	3,4	4,8	6	6,4
Importações	-9,2	5,3	-5,3	-6,7	2,8	6,4	5,7	5,5	6,5
Contributo da Procura Interna para o PIB	-2,8	0,9	-6,2	-7	-2,6	0,3	1,1	0,7	0,8
Contributo da Procura Externa Líquida para o PIB	0,1	0,5	4,6	3,8	2,3	0,6	0,6	1,2	1,2

Tabela 1

Fonte: Banco de Portugal, últimos dados proveniente económico de Junho de 2015
(p) = Previsão

Europa

Também a nível global europeu, o ano de 2014 foi marcado por um crescimento do PIB (a 28 países) de 1,3%, evidenciando assim algum fortalecimento da economia europeia. A Figura 1 indica-nos que em 2014 quer a Europa, quer os EUA, quer Portugal viram as suas economias crescer, o que indicia um melhoramento do contexto económico face ao ano anterior.

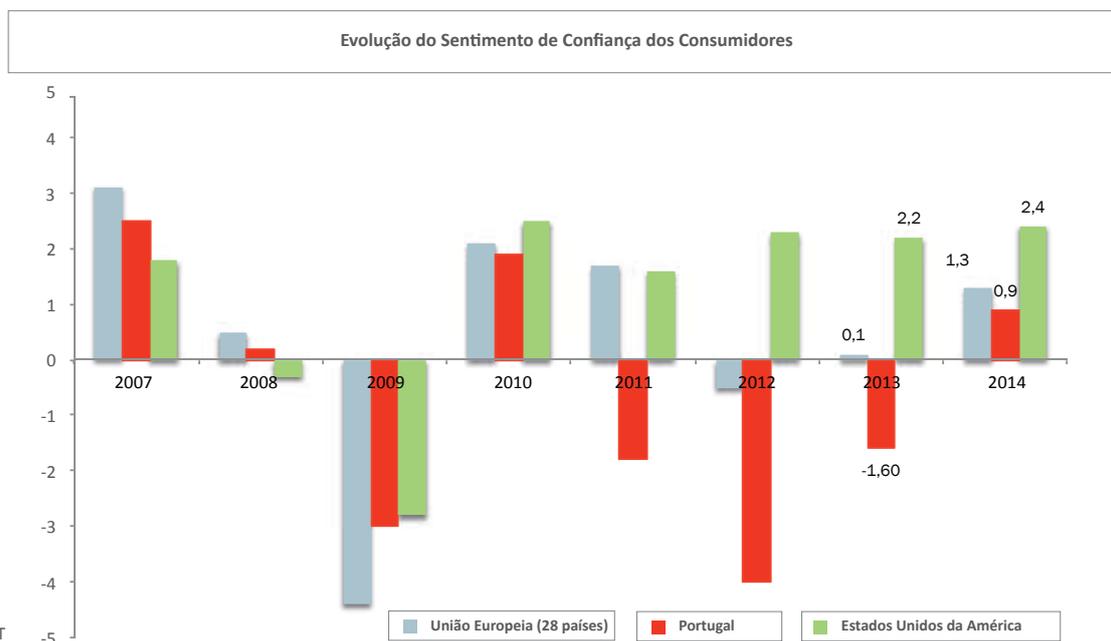


Figura 1

Fonte: EUROSTAT



Figura 2

Fonte: Key Indicators for the Euro Area

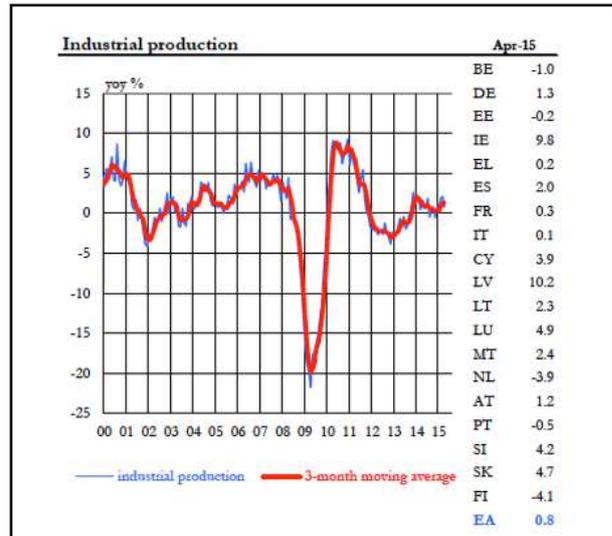


Figura 3

Este sentimento ligeiramente mais positivo tem sido acompanhado por um contínuo crescimento das vendas a retalho em Portugal, que no primeiro trimestre de 2015 aumentou 1,8%. No entanto, se olharmos para a produção industrial no mesmo período, esta baixou 0,5% face ao ano de 2014. Isto pode indicar que o consumidor pode estar a recuperar a sua confiança, adquirindo mais bens de consumo, mas as empresas, por seu lado, estão a apostar, de forma genérica, na venda de potenciais stocks e não no aumento de produção, evidenciando assim incertezas por parte do lado da Oferta.

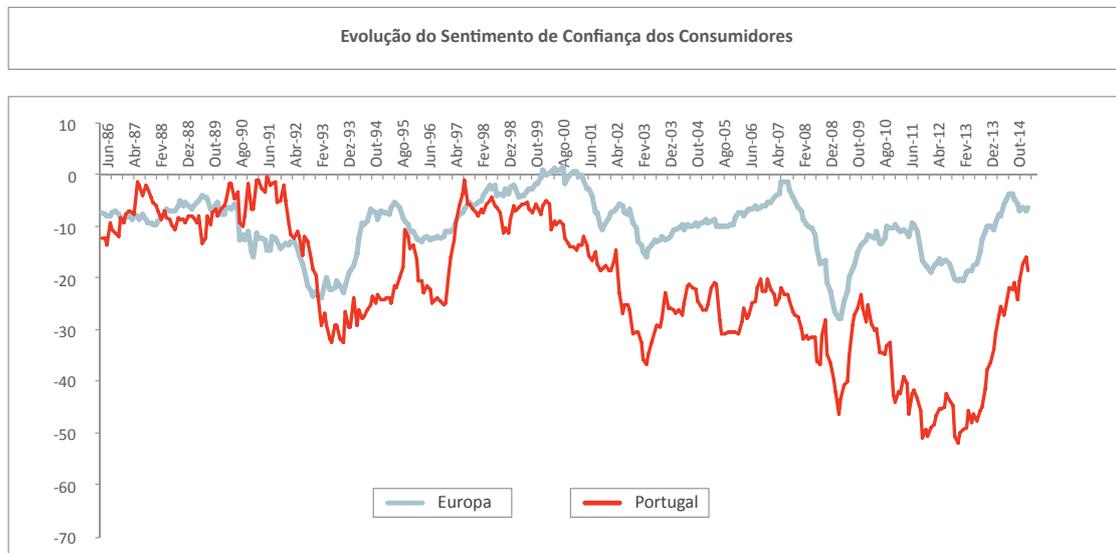


Figura 4

Fonte: EUROSTAT

Na realidade, o sentimento de confiança dos portugueses durante 2014 subiu ligeiramente, não podendo essa subida ser interpretada como significativa. O mesmo se passa com o sentimento de confiança da indústria, que se manteve inalterado nesse ano. No entanto, a nível Europeu, quer os consumidores, quer a indústria baixou ligeiramente o seu sentimento de confiança, o que, necessariamente, teve impactes na exportação portuguesa (cuja taxa de crescimento em 2014 foi inferior à de 2013).



Evolução do Sentimento de Confiança da Indústria

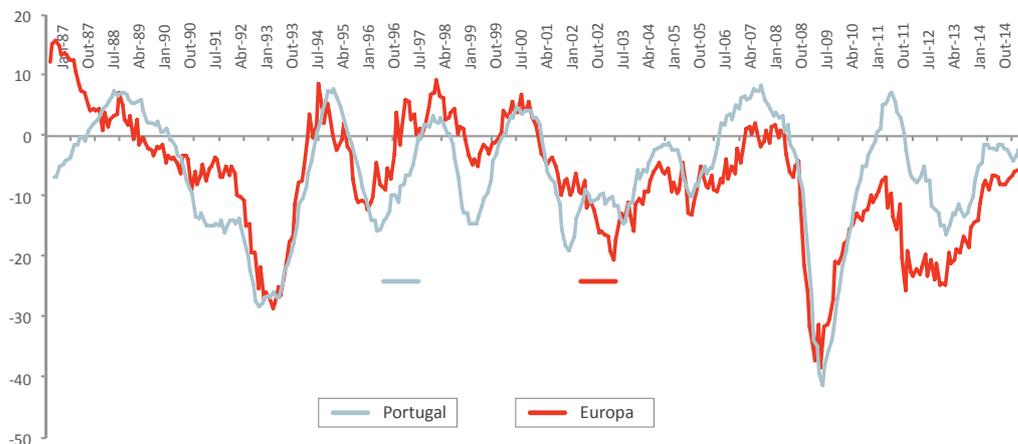


Figura 5
Fonte: EUROSTAT

Estes níveis de confiança “neutros” levam à existência de uma taxa de inflação europeia muito baixa, nos 0,3%, no primeiro trimestre de 2015, sendo que Portugal apresenta das taxas de inflação mais altas a nível Europeu mas ainda no 1%. A ausência de níveis de confiança mais positivos implicou o surgimento na Europa de um fenómeno novo, que está associado a baixíssimas taxas de juro ou mesmo negativas. Como se pode ver na figura 7, as taxas de juro nominais baixaram para valores históricos, evidenciando assim que, em momentos com níveis de confiança “neutros” ao longo de algum período de tempo, a procura de dinheiro por parte dos agentes económicos baixa, e o dinheiro perde valor. Ao perder valor, por ser menos procurado, o seu preço (taxa de juro) também desce.

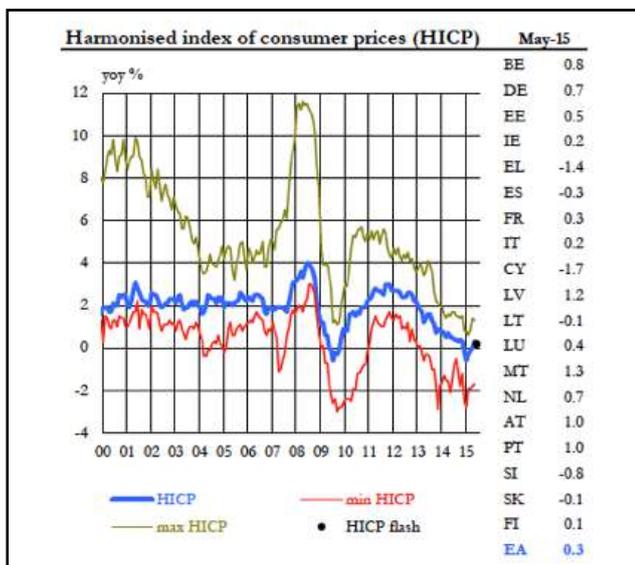


Figura 5
Fonte: Key Indicators for the Euro Area

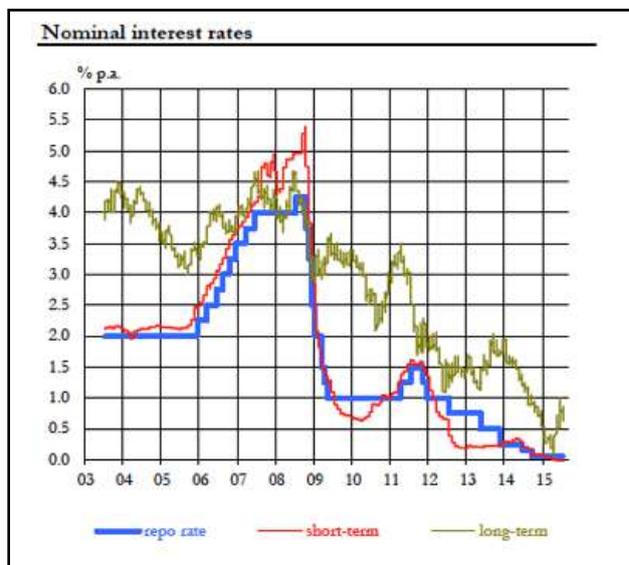


Figura 6



Mundo

O comércio internacional continua a evidenciar um fraco crescimento desde 2012. O ano de 2014 foi marcado por um volume de comércio internacional médio constante, evidenciando-se uma quebra no primeiro trimestre de 2015. Este comportamento está espelhado na figura 9, onde se pode verificar que as exportações globais de bens e serviços também tiveram um fraco crescimento em 2014. Este contexto foi também acompanhado por uma baixa significativa do preço do petróleo. Esta informação revela que, em termos globais, o comércio mundial está estagnado, sendo possível identificar áreas de menor movimentação, como a zona Europeia, e outras com maior dinâmica, como a zona Asiática.

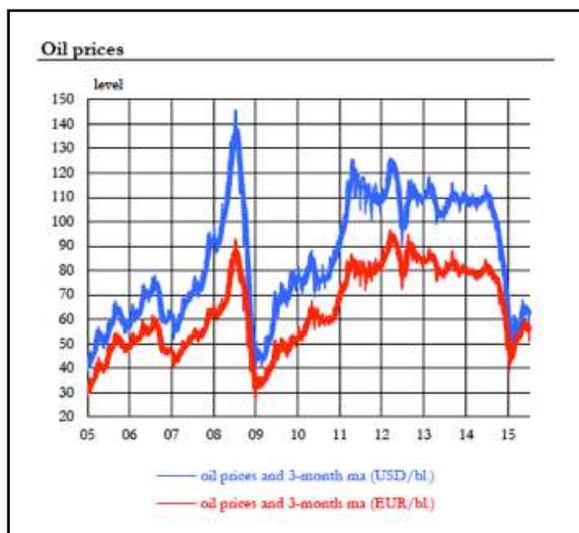
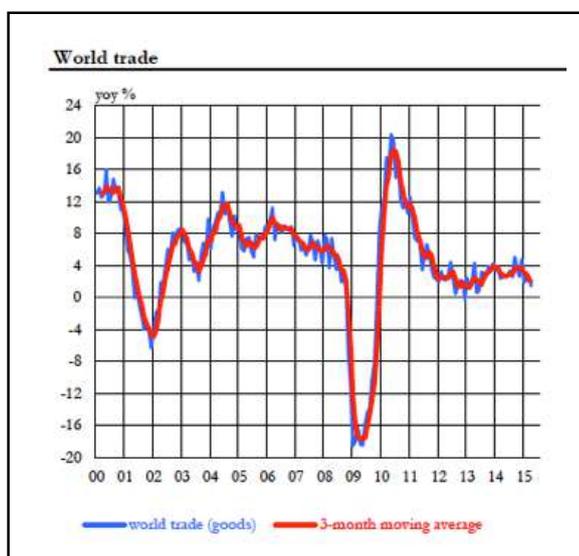


Figura 8



Figura 9



Fonte: Key Indicators for the Euro Area

1.2 O Sector Industrial Português

Neste contexto incerto e moderado, quer a nível europeu quer nacional, o Sector da Pasta e do Papel conseguiu manter os seus níveis de produção, tendo a produção total de pasta aumentado 0,4% e a produção total de papel 0,3%. Na produção de papel, a evolução positiva deveu-se essencialmente aos papéis para usos gráficos, consolidando assim a posição de Portugal com um dos principais países europeus produtores deste tipo de papel.

Ao nível das exportações, as vendas de pasta ao exterior baixaram 4,8%, e as vendas de papel e cartão aumentaram 2,5%. O aumento das



exportações de papel e cartão deveu-se não só ao mercado comunitário, mas principalmente devido a fortes aumentos de vendas para o continente africano e asiático, evidenciando assim o esforço do sector em identificar novos mercados.

Apesar do aumento na exportação de papel, o volume de vendas das empresas associadas da CELPA estagnou, face aos valores de 2013, tendo baixado apenas 0,5% para 2 235 mil milhões de euros.

Assim, e quando comparados com 2013, os indicadores financeiros das empresas associadas da CELPA de 2014 podem ser sumariados da seguinte forma:

- Volume de vendas baixou 0,5%
- Resultado líquido diminuiu 15,9%
- A Rendibilidade líquida das vendas atingiu os 10% (11,9% em 2013)
- A Rendibilidade dos capitais próprios alcançou os 10,9% (12,7% em 2013)
- A Rendibilidade dos capitais investidos alcançou os 5,4% (6,3% em 2013)

Analisando o peso do ramo referente à “Actividade de fabricação de pasta, de papel, de cartão e seus artigos” para o ano de 2012⁽¹⁾ a preços correntes no total da economia, concluímos que:

- O seu VAB correspondeu a 8,4% do VAB total do sector da indústria, energia, água e saneamento, e a 1,4% do VAB Nacional
- A Produção do Sector corresponde a 2,4% da Produção Nacional
- A Produção do Sector corresponde a 8% da Produção dos sectores da Indústria, energia, água e saneamento
- O Emprego do sector representa 1,2 % do emprego total da economia
- O Emprego do sector representa 8 % do emprego total dos sectores da Indústria, energia, água e saneamento
- O seu investimento correspondeu a 4,4% da formação bruta de capital fixo realizada pelo sector da indústria, energia, água e saneamento, e a 1 % de toda a formação bruta de capital fixo realizada em Portugal
- A sua produção representa 4,4% do PIB nacional⁽²⁾

Com os dados de 2013⁽³⁾ disponíveis podemos afirmar que:

- As exportações de Pastas celulósicas e papel, representaram em 2013, cerca de 5% do total das exportações
- O Saldo da Balança Comercial do Sector da Pasta e do Papel representava 1% do PIB de 2013, a preços correntes;
- As Exportações dos produtos de pasta e papel representam 5% do total de exportações de bens em Portugal para 2013

⁽¹⁾ Os dados mais recentes de contas nacionais disponíveis pelo INE correspondem ao ano de 2012.

⁽²⁾ PIB a preços de mercado.

⁽³⁾ 2013 corresponde aos dados mais recentes disponíveis no INE para estas variáveis.

02

Indústria Papeleira Portuguesa

INDICADORES FLORESTAIS

Em 2010, a floresta portuguesa ocupava 3,2 milhões de hectares, ou seja, 35,4% do território nacional.

O eucalipto é a espécie florestal que ocupa maior área em Portugal continental, com 812 mil hectares, seguido pelo sobreiro e pelo pinheiro-bravo com 737 e 714 mil hectares, respectivamente.

As empresas associadas da CELPA são responsáveis pela gestão directa de 205,1 mil hectares, ou seja, 2,3% do território nacional, que se encontra certificada tanto pelo PEFC® como pelo FSC®.

Em 2014, as empresas associadas voltaram a contratar meios aéreos e terrestres para combate a incêndios florestais.





2.1 Floresta Nacional

Segundo os resultados preliminares do 6º Inventário Florestal Nacional (IFN6), realizado pelo Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF), a floresta portuguesa ocupava, em 2010, 3,2 milhões de hectares, ou seja, 35,4% do território nacional, registando-se uma diminuição de 57 mil hectares desde 2005.

Apesar desta diminuição, o uso florestal do solo continua a ser o uso dominante em Portugal continental. Os matos e pastagens constituem a classe seguinte de uso do solo com maior área, com 32% do território e as áreas agrícolas ocupam 24% de Portugal continental.

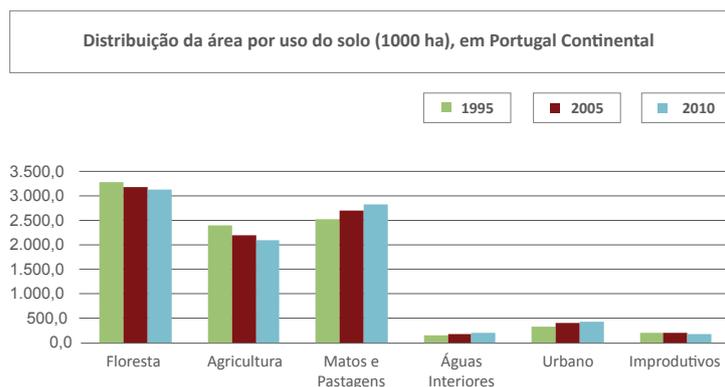


Figura 2.1

Fonte: Resultados preliminares do IFN6, ICNF

A diminuição da área de floresta explica-se devido à diminuição das superfícies temporariamente desarborizadas (superfícies ardidas, cortadas e em regeneração), sendo de destacar o aumento da área arborizada.

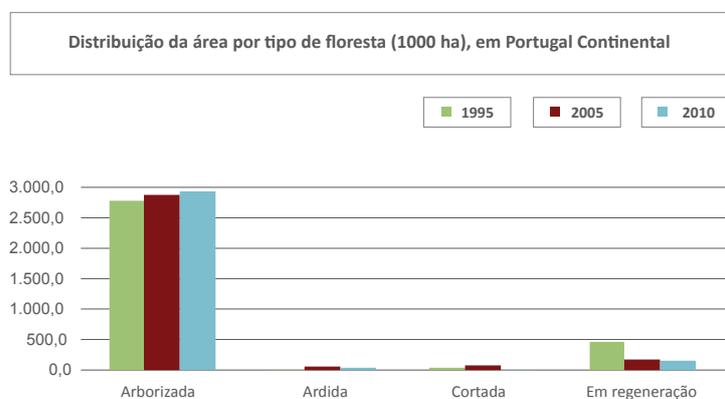


Figura 2.2

Fonte: Resultados preliminares do IFN6, ICNF

Actualmente é o eucalipto a espécie florestal que ocupa maior área em Portugal continental, com 812 mil hectares, seguido pelo sobreiro e pelo pinheiro bravo, com 737 e 714 mil hectares, respectivamente.

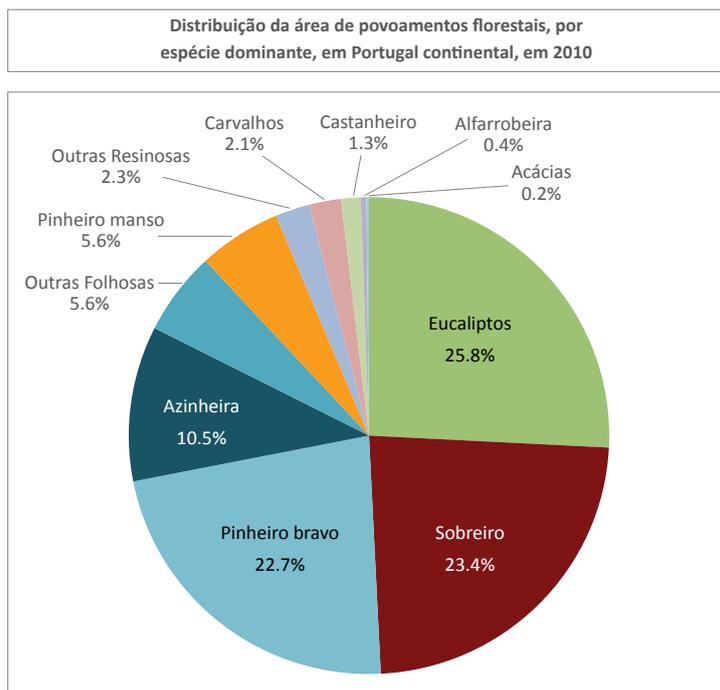


Figura 2.3

Fonte: Resultados preliminares do IFN6, ICNF

Entre 1995 e 2010 a principal alteração das áreas das espécies florestais ocorreu com o pinheiro bravo, cuja área diminuiu cerca de 263 mil hectares e com o eucalipto, cuja área aumentou cerca de 95 mil hectares.

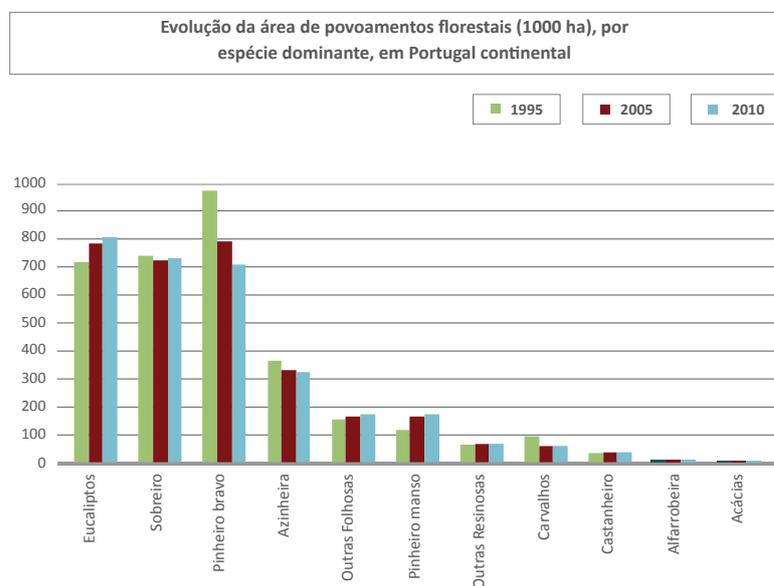


Figura 2.4

Fonte: Resultados preliminares do IFN6, ICNF

De acordo com o ICNF, a área total pinheiro-bravo diminuiu 263 mil hectares entre 1995 e 2010, sendo que a maior parte desta área se transformou em “matos e pastagens” (165 mil hectares), 70 mil em eucalipto, 14 mil em espaços urbanos e 14 mil em áreas florestais com outras espécies arbóreas.



A área total de eucalipto aumentou 95 mil hectares entre 1995 e 2010. Para este aumento contribuem 70 mil hectares de áreas ocupadas por pinheiro-bravo em 1995, 14 mil hectares de superfícies ocupadas por matos e pastagens e 12 mil de áreas agrícolas.

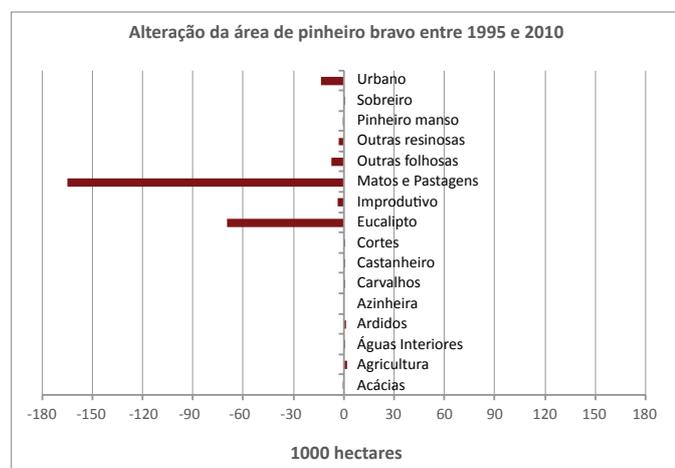


Figura 2.5

Fonte: Resultados preliminares do IFN6, ICNF

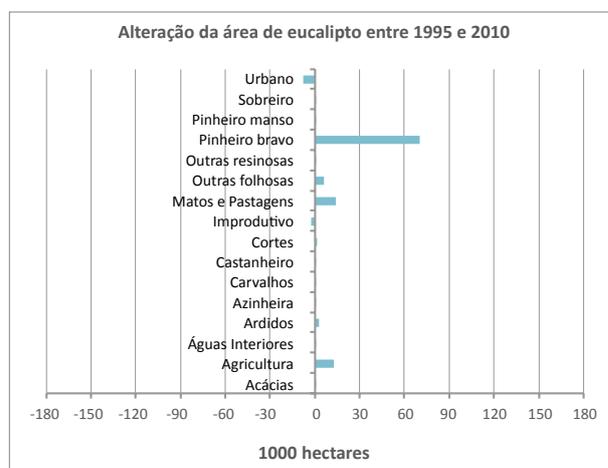


Figura 2.6

2.2 Floresta das Associadas da CELPA

As empresas associadas da CELPA são responsáveis pela gestão directa de 205,1 mil hectares, ou seja, 2,3% do território nacional, que se encontra certificada tanto pelo PEFC® como pelo FSC®.

2.2.1 Área Florestal

As empresas associadas da CELPA são responsáveis pela gestão directa de 205,1 mil hectares, em propriedades próprias e arrendadas, o que corresponde a 2,3% do território nacional. Destes, 169,7 mil estavam ocupados com floresta, o que representa 5,4% da floresta nacional.

Ocupação das áreas das empresas associadas da CELPA (ha)										
Espécie	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Eucalipto	155.972	152.537	151.650	152.502	151.944	154.450	155.885	155.612	154.349	155.616
Pinheiro bravo	5.465	5.536	8.412	8.385	7.836	8.119	7.587	7.097	7.011	6.887
Sobreiro	6.902	6.697	6.471	6.479	6.812	7.198	7.031	7.065	7.076	7.228
Outras espécies / outros usos	33.357	33.546	31.750	34.146	34.980	35.659	37.440	38.108	39.273	35.396
Total	201.696	198.316	198.283	201.512	201.572	205.427	207.943	207.883	207.709	205.127

Tabela 2.1

Fonte: CELPA



Em 2014, verificou-se uma redução de 2,6 mil hectares (-1,2%) no património gerido pelas empresas associadas da CELPA face a 2013.

A evolução da área florestal das associadas da CELPA resulta tanto de alterações fundiárias (compra e venda de património, cessação e celebração de contratos de arrendamento), como de alterações do perfil de ocupação do solo nas áreas existentes.

Áreas sob a gestão da indústria papelreira

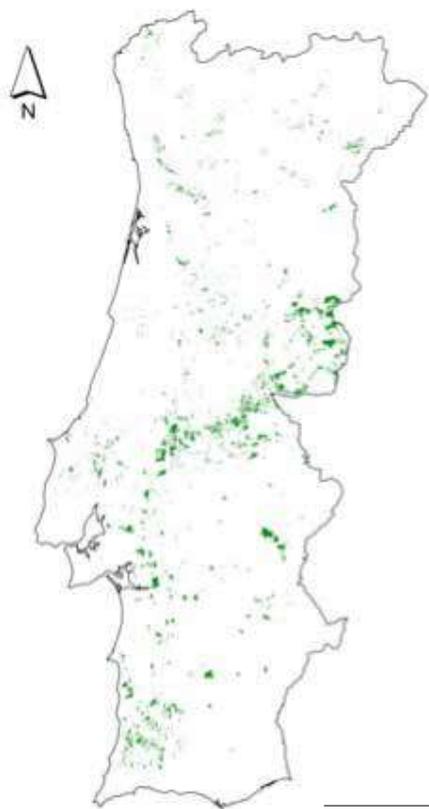


Figura 2.7
Fonte: CELPA

No final de 2014, a gestão da área associada encontrava-se certificada pelos sistemas PEFC® e FSC®. O interesse da indústria papelreira na certificação da gestão florestal prende-se com a promoção da Gestão Florestal Sustentável da floresta portuguesa e com o acesso a mercados evoluídos que exigem produtos com origem em florestas cuja gestão é certificada por entidades independentes.

2.2.2 Silvicultura e Exploração Florestal

As empresas associadas da CELPA procuram, através de práticas no terreno, otimizar o potencial produtivo da estação e, ao mesmo tempo, minimizar os impactes ambientais negativos. Assim, recorrendo às melhores técnicas disponíveis e a intervenções culturais adequadas, procuram criar-se condições para que os povoamentos, maioritariamente de eucalipto, se desenvolvam e atinjam os objectivos pretendidos.

Em 2014, o esforço de plantação desenvolvido pelas empresas associadas da CELPA foi de 4,3 mil hectares, na sua maioria áreas de eucalipto.



Áreas plantadas pelas empresas associadas da CELPA (ha)										
Espécie	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Eucalipto	3.711	3.497	2.383	3.340	3.436	4.763	5.659	4.297	3.659	4.271
Pinheiro bravo	0	24	0	0	5	0	0	0	0	0
Sobreiro	7	19	11	2	7	15	3	2	0	10
Outras espécies	69	31	0	18	4	76	16	33	194	45
Total	3.787	3.571	2.394	3.360	3.452	4.854	5.678	4.332	3.853	4.326

Tabela 2.2

Fonte: CELPA

Em 2014, foram fertilizados 26,6 mil hectares, ou seja, 16% da área florestal total. A maioria do esforço de fertilização é posto em acções de manutenção e os adubos mais utilizados são os compostos ternários (NPK) e os compostos com boro.

Áreas fertilizadas pelas empresas associadas da CELPA (ha)									
2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
10.356	18.098	13.491	15.759	29.547	23.267	25.827	20.181	24.783	26.589

Tabela 2.3

Fonte: CELPA

Na actividade de exploração florestal as empresas visam acautelar os vários impactes negativos, nomeadamente, em termos de erosão, qualidade da água e da paisagem. Em 2014, nas áreas geridas pelas empresas associadas, foram explorados mais de 1,2 milhões de m³ de madeira de eucalipto com casca.

Volume de eucalipto explorado pelas empresas associadas da CELPA (1000 m ³ cc)									
2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
1.486	1.592	1.724	1.411	1.544	1.838	1.360	1.516	1.456	1.249

Tabela 2.4

Fonte: CELPA

Em 2014, a distribuição da roleria de eucalipto transportada das matas próprias para as várias fábricas de pasta foi efectuada, na sua totalidade, por via rodoviária acentuando-se, desta forma, a tendência dos últimos anos.

Transporte de roleria de eucalipto das matas próprias para a fábrica										
	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Ferroviário	7%	17%	17%	5%	5%	9%	3%	2%	1%	0%
Rodoviário	93%	83%	83%	95%	95%	91%	97%	98%	99%	100%

Tabela 2.5

Fonte: CELPA

2.2.3 Produção de Plantas em Viveiros Próprios

A produção de plantas de qualidade de várias espécies florestais para arborização de áreas próprias e venda a terceiros é o objectivo principal dos viveiros das empresas associadas da CELPA. Estes viveiros têm a competência, delegada pelo Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, I. P., para certificar a qualidade das suas próprias plantas.

A produção dos viveiros das empresas associadas da CELPA cifrou-se, em 2014, nos 14 milhões de plantas.

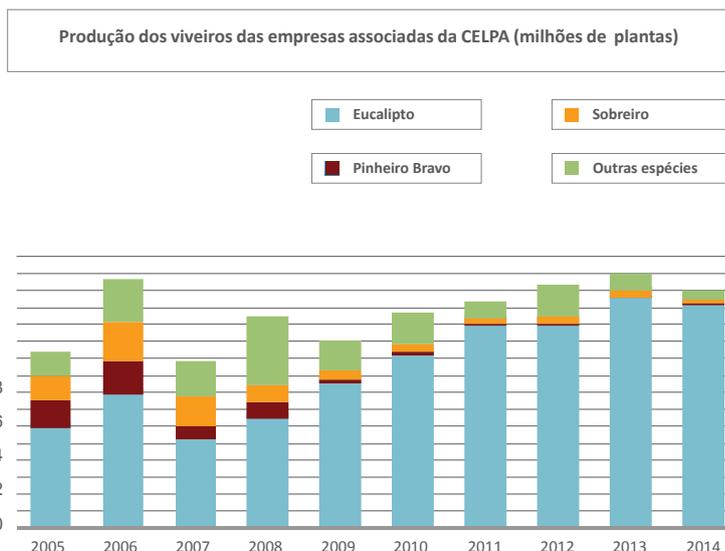


Figura 2.8

Fonte: CELPA

2.3 Época de Incêndios 2014

2.3.1 Área ardida Nacional

Em 2014, arderam 19,7 mil hectares, sendo 11,0 mil de matos e 8,7 mil de povoamentos florestais. Esta área ardida representa uma diminuição de 87,1% face a 2013.

Existe uma variabilidade anual no que respeita às áreas ardidas, que seguem de perto as condições climáticas, sendo recorrente salientar a existência de vários factores na causa e propagação dos fogos e respectivas áreas ardidas, como por exemplo, algumas actividades humanas e factores naturais.

Em 2014, arderam 11,0 mil hectares de matos e 8,7 mil hectares de povoamentos florestais, o que representa uma área 87,1% inferior à ardida em 2013.

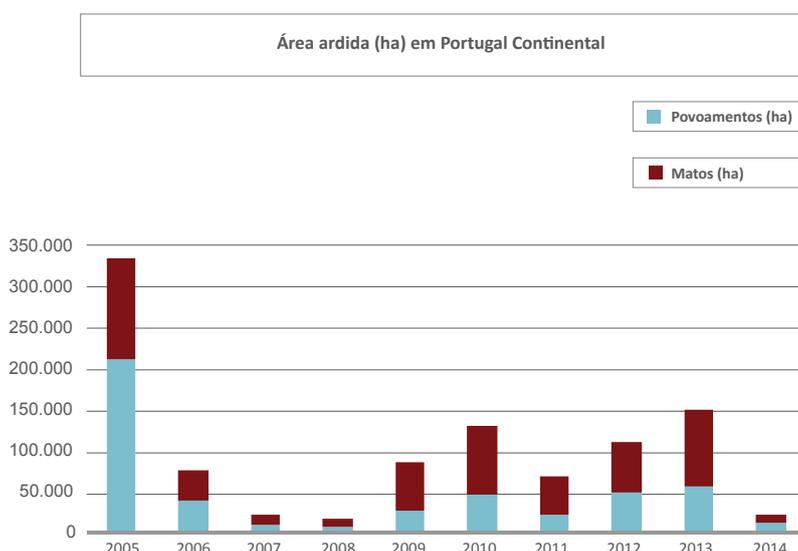


Figura 2.9

Fonte: ICNF



O ano de 2014 foi, depois de 2008, o ano com menor área ardida na última década e o ano, até à data, com o menor número de ocorrências.

O pinheiro-bravo e o eucalipto são as duas espécies mais afectadas anualmente pelos incêndios, com uma média anual, entre 2005 e 2014, de 15,7 mil hectares e de 13,1 mil hectares, respectivamente.

O ano de 2014 não foi excepção e a espécie mais afetada, no conjunto dos povoamentos florestais, foi o eucalipto seguido do pinheiro-bravo, com 13% e 8% da área total ardida, respectivamente.

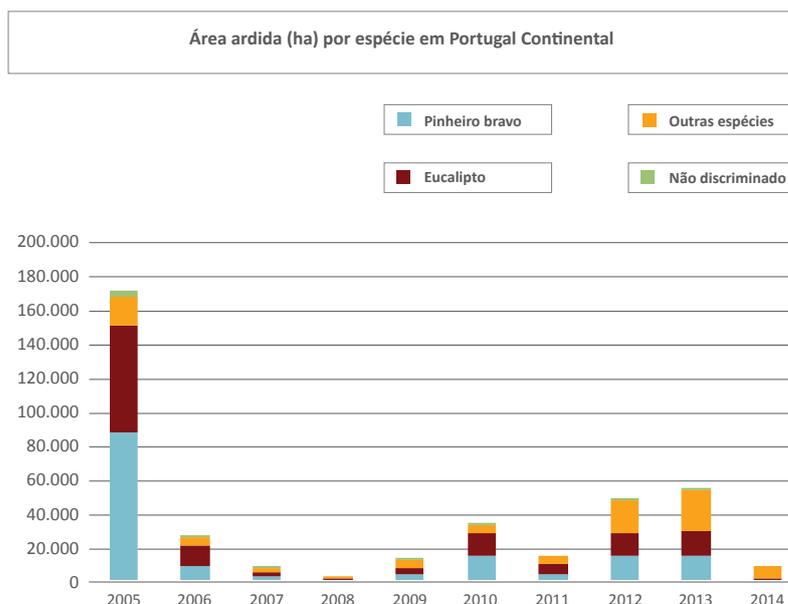


Figura 2.10
Fonte: ICNF

Em termos relativos, em 2014, arderam, respectivamente, 0,1% tanto do pinhal como do eucaliptal nacionais.

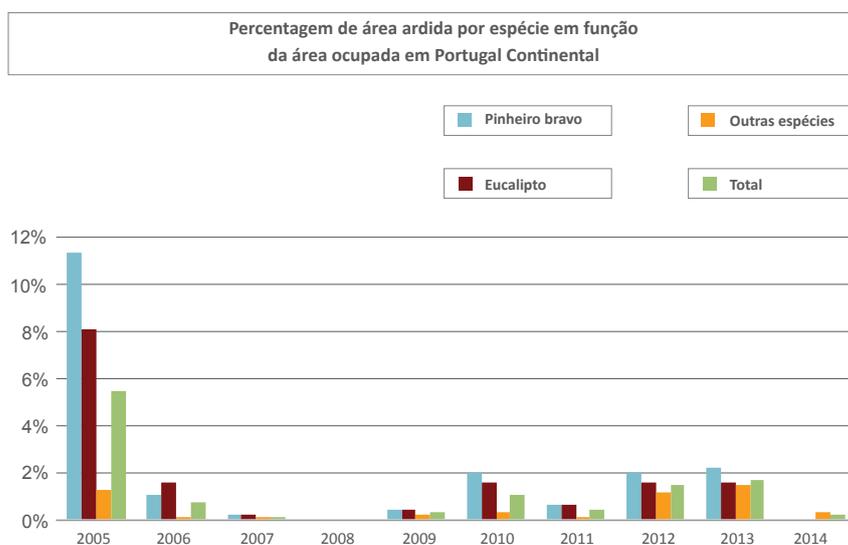


Figura 2.11
Fonte: ICNF



2.3.2 Causas dos Incêndios Florestais

Em 2014, 38% dos incêndios investigados tiveram causa indeterminada, 29% deveram-se a uso negligente do fogo e 19% foram intencionais.

A investigação das causas dos incêndios florestais compete ao Serviço de Protecção da Natureza e do Ambiente da Guarda Nacional Republicana (GNR/SEPNA).

Em 2014, cerca de 62% do total das 7067 ocorrências foram alvo de investigação. Dos resultados investigados não foi possível identificar a causa da ignição em 38% das averiguações. Do universo das ocorrências investigadas, cerca de 29% estão associadas a comportamentos negligentes, essencialmente pelo uso do fogo, com destaque para as queimadas. Em sede de incendiário, as motivações imputáveis (classe que enquadra motivações como o vandalismo, a provocação para os meios de combate aos incêndios, as manobras de diversão, conflitos com vizinhos e vinganças) estiveram na origem de 19% das ignições com investigação concluída pela GNR/SEPNA.

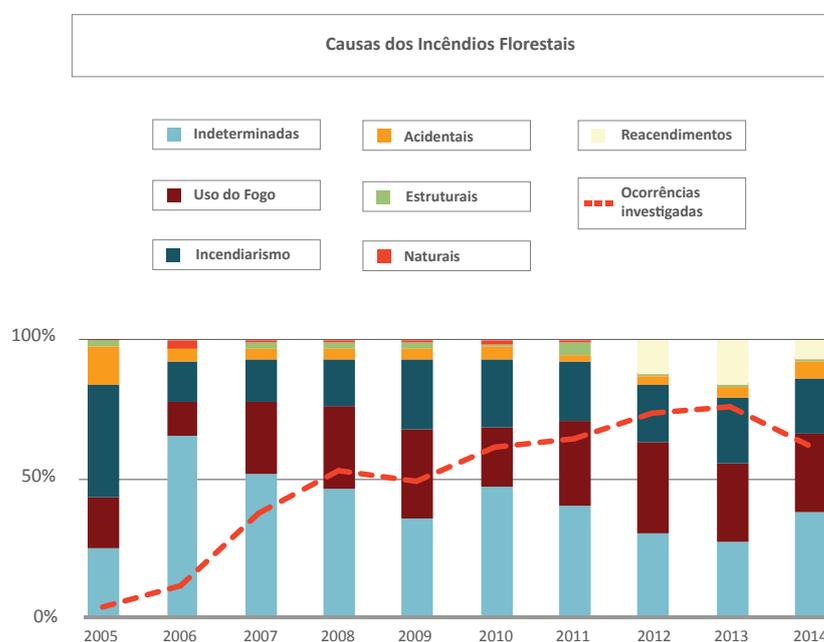


Figura 2.12

Fonte: ICNF

2.3.3 Acções de Prevenção e Combate das Associadas da CELPA

Tal como nos anos anteriores, em 2014 as empresas associadas voltaram a contratar meios aéreos e terrestres para combate a incêndios florestais.

Em 2014, arderam 427 hectares geridos pelas empresas associadas da CELPA, correspondentes a 0,2% da área sob sua gestão.

Anualmente, as empresas associadas da CELPA levam a cabo acções de silvicultura para prevenção de incêndios que consistem no controlo de vegetação, limpeza de caminhos e aceiros e manutenção e construção da rede viária e divisional. Em 2014, estas acções incidiram sobre uma área de 23,5 mil hectares, ou seja, 13% da área de floresta das empresas associadas e representaram um encargo de 2,4 milhões de euros.



Investimento em ações de silvicultura preventiva e área alvo de controlo de vegetação										
	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Investimento em ações de silvicultura preventiva (mil euros)	2.993	1.878	1.190	1.785	2.702	2.279	2.387	2.342	2.166	2.370
Área alvo de controlo de vegetação (ha)	15.281	17.170	15.824	17.675	24.457	21.678	25.707	21.753	24.654	23.466

Tabela 2.6

Fonte: CELPA

As empresas associadas da CELPA criaram, em 2002, um Agrupamento Complementar de Empresas denominado AFOCELCA, com o objectivo de gerir o combate aos incêndios florestais que ameacem o seu património.

De resto, estas empresas, através da CELPA, foram durante anos pioneiras, a nível nacional, na promoção de ações ligadas ao combate de incêndios florestais.

Desde 1987 que, para além dos meios próprios, as empresas associadas da CELPA contratam e coordenam meios terrestres e aéreos para o combate a incêndios que ameacem o seu património florestal, agindo em áreas próprias ou de outros proprietários, em íntima colaboração com Autoridade Nacional de Protecção Civil.

Ocorrências das campanhas de prevenção e combate a incêndios florestais da AFOCELCA													
	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014		Média 2005 2013	
Ocorrências em áreas próprias (nº)											%		%
Incêndios com dano	271	125	78	67	199	167	171	153	143	37	10,0%	152	23,3%
Incêndios com perigo	367	223	201	201	618	464	603	706	1.103	326	89,8%	412	76,7%
Total	638	348	313	268	817	631	774	859	1.246	363	100,0%	564	100,0%
Incêndios particulares (nº)	430	377	1.052	1.050	3.752	3.499	4.048	2.863	2.657	1.143	-	1.946	-
Total de ocorrências	1.068	725	1.365	1.318	4.569	4.130	4.822	3.722	3.722	1.506	-	2.510	-

Tabela 2.7

Fonte: AFOCELCA

2.3.4 Área ardida das Associadas da CELPA

Em 2014, arderam 427 hectares em áreas geridas pelas empresas associadas da CELPA.

Área ardida, por espécie, às empresas associadas da CELPA (ha)													
	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014		Média 2005 2013	
Eucalipto	9.078	3.684	297	548	621	987	379	981	2.027	424	99,4%	2.067	80,2%
Pinheiro bravo	1.618	393	19	15	61	276	14	8	221	2	0,6%	292	11,3%
Outras espécies	97	25	14	1	4	0	1	0	0	0	0,0%	16	0,6%
Outras áreas	350	97	146	121	112	670	343	0	0	0	0,0%	204	7,9%
Total área ardida	11.143	4.199	476	685	797	1.932	737	988	2.247	427	100,0%	2.578	100,0%

Tabela 2.8

Fonte: AFOCELCA



Nos últimos 10 anos, a percentagem da área florestal que, em média, arde anualmente às empresas associadas da CELPA só em 2005 é que ultrapassou 5% da área total, chegando aos 5,5%. Em 2014, este valor foi de 0,2%.

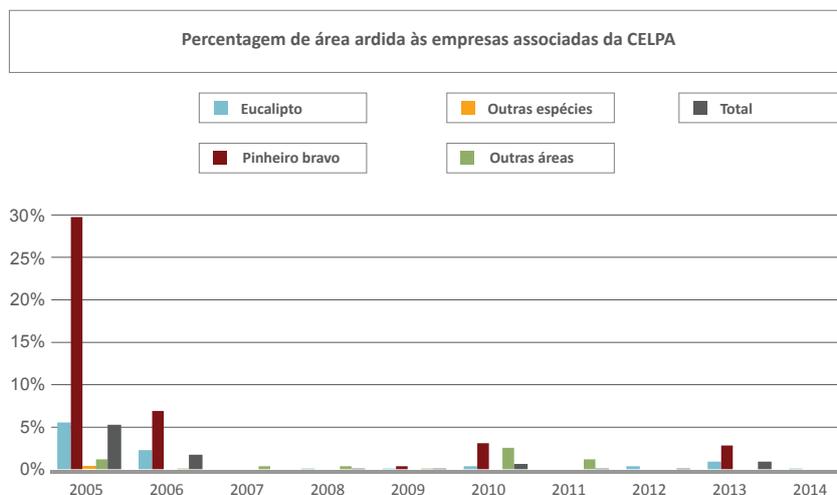


Figura 2.13

Fonte: CELPA e AFOCELCA

Os helicópteros ao serviço das empresas associadas da CELPA voaram, nos últimos 10 anos, em média, 188 horas por campanha, tendo-se registado um máximo em 2005, com 470 horas de voo.

Tempos de actuação e horas de voo dos helicópteros contratados pelas empresas associadas da CELPA													
	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014		Média 2005 2013	
Tempos de actuação (minutos)													
Despacho	00:54	00:42	00:32	01:15	01:32	02:19	01:20	01:22	01:51	01:03	-	01:19	-
Chegada	37:24	29:47	28:02	25:28	30:20	32:14	29:46	27:55	30:05	26:01	-	30:07	-
Horas de voo dos helicópteros													
Afocelca	461,8	177,0	136,7	169,8	223,0	129,8	150,8	132,1	178,5	70,5	100%	195,5	97,2%
Outras instituições	8,6	18,1	3,3	0,0	0,0	0,0	0,0	2,2	17,8	0,0	0%	5,6	2,8%
Total horas de voo	470,4	195,1	140,0	169,8	223,0	129,8	150,8	134,3	196,3	70,5	100%	201,1	100,0%

Tabela 2.9

Fonte: AFOCELCA

2.4 Certificação de Gestão Florestal Sustentável

2.4.1 Evolução da Certificação Florestal no Mundo

No final de 2014, o PEFC® contabilizava 263 milhões de hectares de áreas florestais no mundo cuja gestão está certificada e o FSC® 183 milhões.

A certificação da gestão florestal é um instrumento voluntário que permite melhorar a qualidade da gestão florestal e demonstrar que a mesma é realizada de uma forma responsável, tendo em conta os aspectos económicos, sociais e ambientais. Esta preocupação abrange também os recursos naturais com que a floresta interage, bem como as populações que dela dependem e adquiriu um estatuto de âmbito internacional a partir da Conferência Interministerial para a Protecção da Floresta da Europa, em Helsínquia (1991) e da Conferência das Nações Unidas para o Ambiente e Desenvolvimento, em 1992, no Rio de Janeiro.

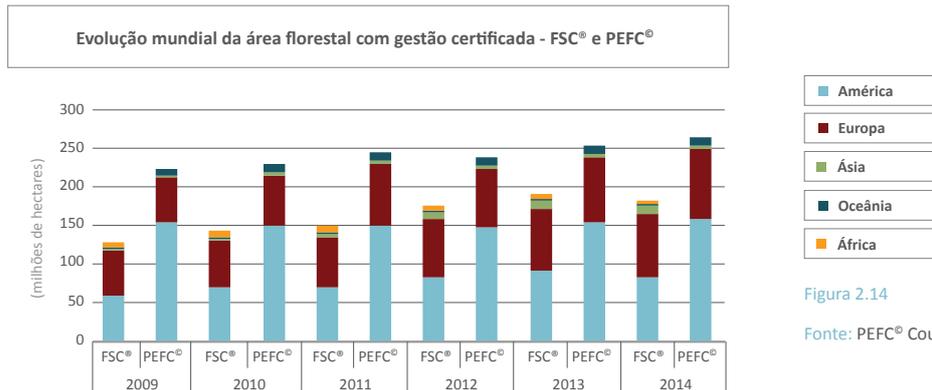


Figura 2.14
Fonte: PEFC® Council e FSC®

O PEFC® (Programme for the Endorsement of Forest Certification Schemes) continua a ser o sistema com maior área florestal certificada, com 263 milhões de hectares, localizados maioritariamente na América do Norte e Europa. O FSC® (Forest Stewardship Council) representa, aproximadamente, 183 milhões de hectares de floresta certificada também localizados maioritariamente na América do Norte e Europa.

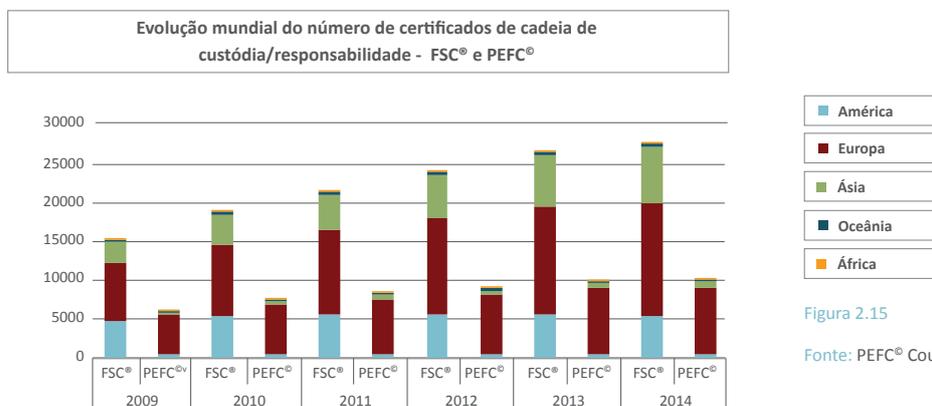


Figura 2.15
Fonte: PEFC® Council e FSC®

Por outro lado, o número de certificados de Cadeia de Custódia/Responsabilidade, que se aplica a indústrias ou agentes que transformam, processam e/ou vendem produtos de origem florestal, é bastante superior no caso do FSC®, com 28302, do que no PEFC®, com 10373.

2.4.2 Certificação de Gestão Florestal Sustentável em Portugal

Em 2014, a gestão florestal praticada pelo grupo Portucel Soporcel e pelo Grupo Altri encontrava-se certificada pelo PEFC® e pelo FSC®.

As empresas associadas da CELPA, como transformadores responsáveis de madeira, reconhecem ser da maior importância a Gestão Sustentável dos recursos florestais do país e encontram-se, desde o final da década de 90, activamente envolvidas no estabelecimento de requisitos de Gestão Florestal Sustentável, na implementação de esquemas de certificação florestal e na comunicação da madeira como uma matéria-prima de excelência.

A CELPA integra, desde a sua formação, a entidade responsável pela criação da Norma Portuguesa 4406 “Sistemas de Gestão Florestal Sustentável – Aplicação dos Critérios e Indicadores” (NP4406), o Conselho da Fileira Florestal Portuguesa. Este organismo foi também responsável pelo desenvolvimento do “Código de Boas Práticas para a Gestão Florestal Sustentável”, como apoio à implementação da NP4406.

Em 2004 foi realizada a revisão de conformidade do Sistema de Certificação da Gestão Florestal Sustentável (PEFC® Portugal) com os critérios para o mútuo reconhecimento de sistemas do PEFC® Council. Em Dezembro desse ano o sistema foi formalmente reconhecido, estando, desde então, disponível para ser utilizado pelos produtores florestais portugueses.



Em meados de 2006, a WWF assumiu a responsabilidade de implementar a Iniciativa Nacional FSC®, compromisso tornado público num fórum de âmbito nacional no dia 6 de Dezembro de 2006. Ao longo de 2007 coordenou as reuniões técnicas de adaptação dos Princípios e Critérios FSC® ao contexto socioeconómico e ecológico português e acompanhou a constituição formal da associação ambiental que irá representar as actividades do FSC® em Portugal.

No final de 2014, a gestão praticada pelas empresas associadas da CELPA encontrava-se certificada pelos sistemas PEFC® e FSC®, o que corresponde a 59% da área total cuja gestão se encontra certificada em Portugal pelo FSC® e a 82% pelo PEFC®, respectivamente.

Em 2014, as empresas associadas da CELPA também detinham as suas Cadeias de Custódia/Responsabilidade certificadas tanto pelo PEFC® como pelo FSC®.

2.5 Investigação e Desenvolvimento Florestal

Em 2014, as empresas associadas da CELPA investiram 4,4 milhões de euros em investigação e desenvolvimento florestal.

Anualmente, as empresas associadas da CELPA realizam fortes investimentos nos seus programas de investigação e desenvolvimento florestal.

Os objectivos destes programas passam por promover a Gestão Florestal Sustentável, a qualidade da madeira para a produção de pasta para papel e a produtividade dos povoamentos de eucalipto, principalmente através do melhoramento genético mas também da protecção contra pragas e doenças, da fertilização e nutrição e da eficiência das operações de exploração e transporte.

Investimento em investigação e desenvolvimento florestal (mil euros)									
2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
3.038	2.712	2.589	2.875	2.803	2.500	2.955	3.456	4.458	4.024

Tabela 2.10
Fonte: CELPA

2.6 Formação Profissional Florestal

Em 2014, as empresas associadas da CELPA desenvolveram acções de formação profissional florestal num total de 7289 horas.

As empresas associadas da CELPA tomam a seu cargo a formação e sensibilização para o desempenho dos colaboradores com responsabilidades operacionais, estabelecendo anualmente planos de formação adequados às suas necessidades específicas.

Estas acções não se restringem aos seus quadros próprios, estendendo-se a todos os prestadores de serviços, aos fornecedores de madeira e a técnicos das associações de produtores florestais, tendo em vista a melhoria da eficiência das operações, bem como o cumprimento das normas essenciais de segurança e de respeito pelo ambiente.

Formação profissional florestal (horas)							
2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
2.575	6.038	9.123	5.425	7.360	4.148	7.426	7.289

Tabela 2.11
Fonte: CELPA

Assim, em 2014, desenvolveram-se acções de formação, de sensibilização e de divulgação técnica, ambiental e de segurança, maioritariamente a colaboradores internos mas também com a presença de fornecedores de serviços e de madeira, num total de 7289 horas.

03

Indústria Papeleira Portuguesa

INDICADORES DE RECUPERAÇÃO E RECICLAGEM DE PAPEL

A recuperação de papel diminuiu 5% em relação a 2013.

Portugal recuperou 62% do papel consumido e reciclou 62%.

Portugal recuperou 72% das embalagens de papel colocadas no mercado.





Nota: Os dados apresentados relativos ao universo da Recipac foram estimados, em virtude de não ter sido possível obter informação actualizada para 2014 à data de fecho desta edição. De notar que os valores referentes ao ano de 2013 são revistos.

Os dados que se apresentam neste capítulo foram obtidos e tratados pela Recipac.

Em Portugal, a recuperação global de papel e cartão para reciclar diminuiu 5 % em 2014, registando cerca de 713 mil toneladas. Este dado refere-se à globalidade do fluxo urbano e não urbano.

Em 2014, o consumo de papel para reciclar efectuado pelas fábricas de papel portuguesas diminuiu cerca de 2%, registando aproximadamente 366 mil toneladas.

A taxa de reciclagem da totalidade do papel e cartão diminuiu, fixando-se nos 62%.

A taxa de utilização da totalidade do papel e cartão não sofreu alterações face a 2013, ficando-se pelos 17%.

Evolução das Taxas de Recuperação, Utilização e Reciclagem do Total de Papel 2007-2014 (1000 ton)									
	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	14/13 (%)
Recuperação Aparente (a)	729	704	774	786	779	684	749	712	-5%
Utilização/Consumo	383	378	363	373	333	282	371	366	-2%
Exportação	362	334	422	430	460	417	401	380	-5%
Importação	16	7	10	17	14	15	23	32	43%
Taxa de Recuperação (b)	55%	56%	63%	62%	63%	62%	66%	62%	-
Taxa de Utilização (c)	23%	23%	22%	18%	15%	13%	17%	17%	-
Taxa de Reciclagem (d)	55%	56%	63%	62%	63%	62%	66%	62%	-

Tabela 3.1

Fonte: RECIPAC, CELPA e INE

(a) Recuperação Aparente = Utilização/Consumo + Exportações - Importações

(b) Taxa de Recuperação: Percentagem da Recuperação Aparente comparada com o total do Papel consumido

(c) Taxa de Utilização: Percentagem de Utilização/Consumo comparada com o total da produção de Papel

(d) Taxa de Reciclagem: Utilização/Consumo + Saldo do Comércio Externo líquido comparada com o total de Papel consumido

No que respeita à fracção “embalagem de papel e cartão para reciclar”, a sua recuperação aumentou 1% em 2014, atingindo aproximadamente 518 mil toneladas. Estes dados referem-se à globalidade do fluxo urbano e não urbano.

A taxa de reciclagem de embalagem de papel e cartão baixou um ponto percentual, fixando-se nos 72% em 2014.

A taxa de utilização de embalagem de papel e cartão aumentou um ponto percentual em 2014, atingindo os 64%.



Evolução das Taxas de Recuperação, Utilização e Reciclagem e Valorização da Embalagem de Papel 2007-2014 (1000 ton)									
	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	14/13 (%)
Embalagens Declaradas SIGRE (Urbano + Não Urbano)	333	363	391	392	385	365	342	348	2%
Retomas de embalagens SIGRE (Selectiva)	86	100	104	114	103	91	95	89	-6%
Retomas Embalagens SIGRE (Urbano + Não Urbano)	217	247	292	325	327	288	316	346	10%
Taxa de Retoma SPV (a)	65%	68%	75%	83%	85%	79%	92%	100%	-
Embalagens colocadas no mercado	697	718	711	704	687	647	701	718	2%
Recuperação Aparente (b)	577	560	490	472	490	427	515	518	1%
Utilização/Consumo	310	310	299	312	277	230	302	302	0%
Reciclagem Orgânica - Compostagem						6	12	36	198%
Exportação	280	253	196	173	224	203	216	207	-4%
Importação	13	4	6	13	12	12	15	26	78%
Valorização Energética - Incineração	16	47	55	23	27	14	16	16	0%
Taxa de Recuperação (c)	83%	78%	69%	67%	71%	66%	73%	72%	-
Taxa de Utilização (d)	62%	61%	61%	66%	63%	52%	63%	64%	-
Taxa de Reciclagem (e)	83%	78%	69%	67%	71%	66%	73%	72%	-
Taxa de Valorização (f)	85%	85%	77%	70%	75%	68%	76%	74%	-

Tabela 3.2

Fonte: Estimativa RECIPAC, CELPA, INE e SPV

- (a) Taxa de Retoma SPV: Total de Retomas de Embalagens do SIGRE comparado com o Total de Embalagens Declaradas no SIGRE
 (b) Recuperação Aparente: Utilização / Consumo + Exportação - Importação
 (c) Taxa de Recuperação: Percentagem da recuperação Aparente comparada com o total de Embalagens colocadas no mercado
 (d) Taxa de Utilização: Percentagem de Utilização/Consumo comparada com o total da produção de Embalagens de Papel
 (e) Taxa de Reciclagem: Utilização/Consumo + Reciclagem Orgânica + Saldo do Comércio Externo líquido comparado com o total de Embalagens colocadas no mercado
 (f) Taxa de Valorização: Utilização/Consumo + Reciclagem Orgânica + Valorização Energética + Saldo do Comércio Externo líquido comparado com o total de Embalagens colocadas no mercado

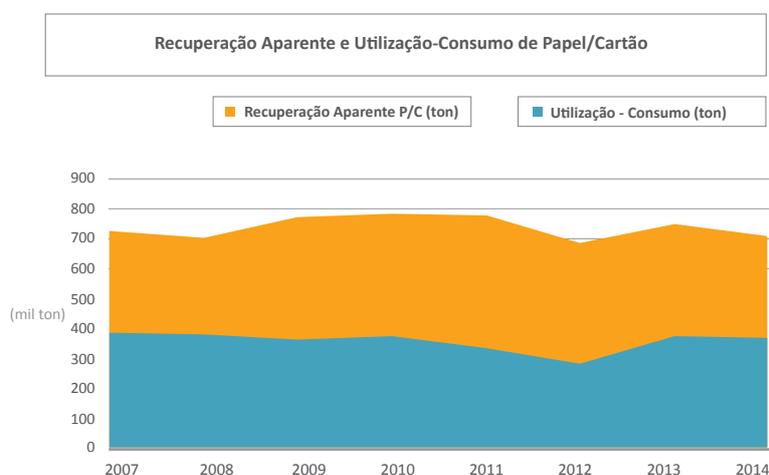


Figura 3.1

Fonte: RECIPAC, CELPA e INE



Taxa de Recuperação, Utilização e Reciclagem de Papel/Cartão

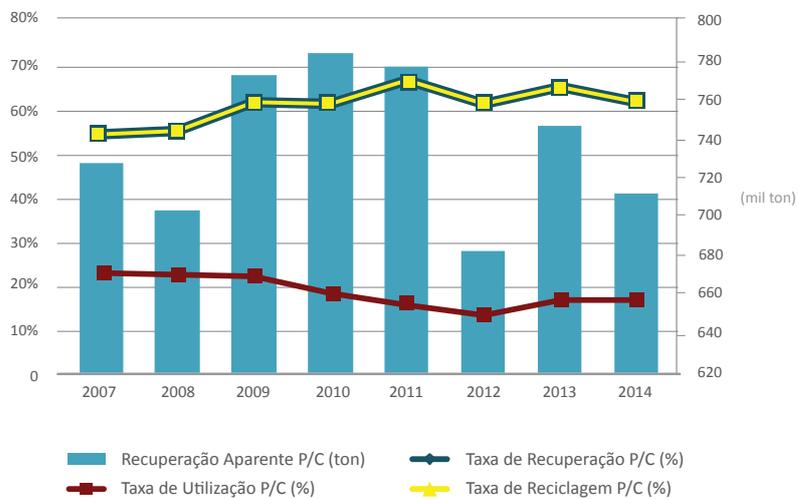


Figura 3.2
Fonte: RECIPAC, CELPA e INE

Taxa de Recuperação, Utilização e Reciclagem de Embalagem de Papel/Cartão

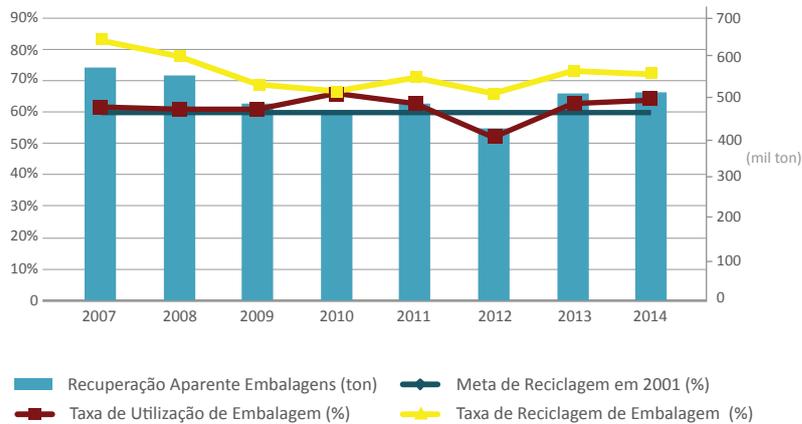


Figura 3.3
Fonte: RECIPAC, CELPA, INE e SPV

04

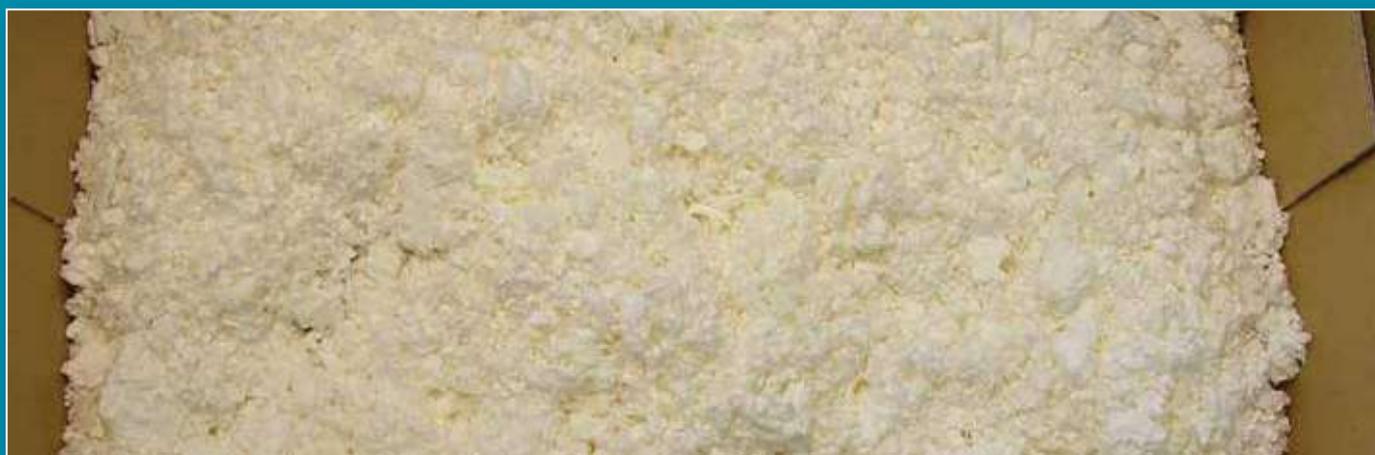
Indústria Papeleira Portuguesa

INDICADORES DE PRODUÇÃO ▶ INDÚSTRIA DE PASTA

A aquisição de madeira aumentou 6,4%.

As importações representaram 29,0% da madeira adquirida em 2014.

O consumo de matérias-primas florestais aumentou 2,4%.





Nota: Os valores referentes ao ano de 2013 foram revistos.

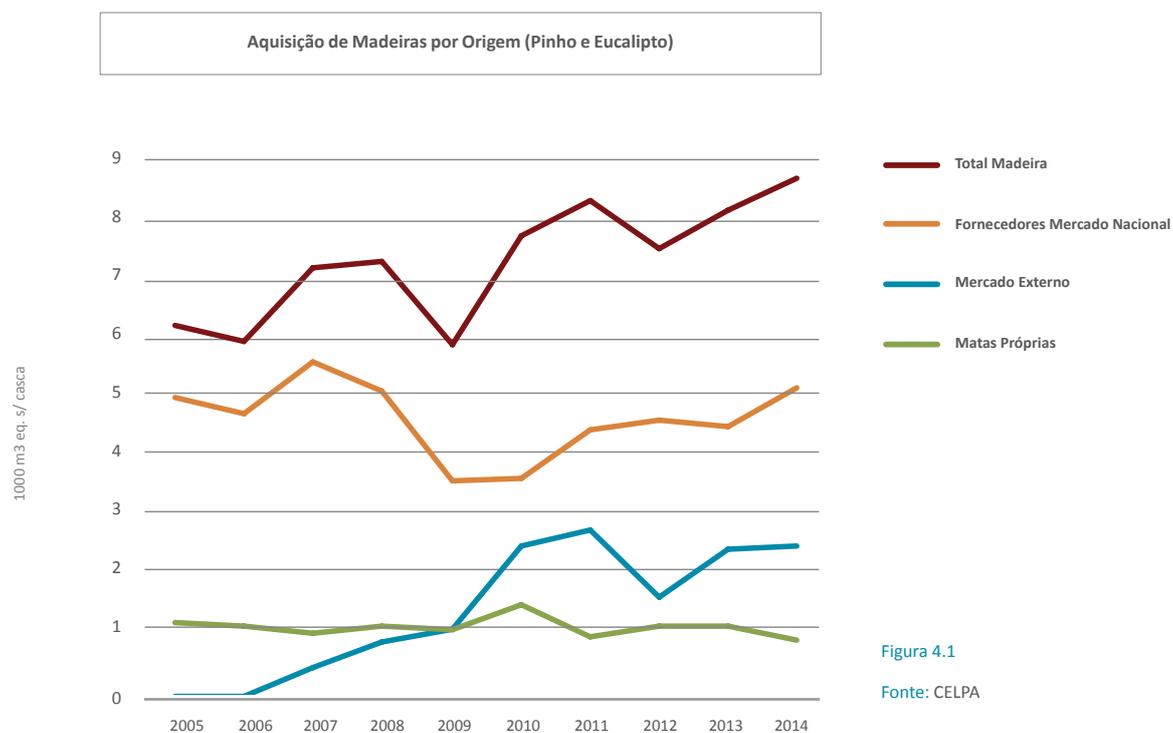
4.1 Aquisição, Consumo de Madeira

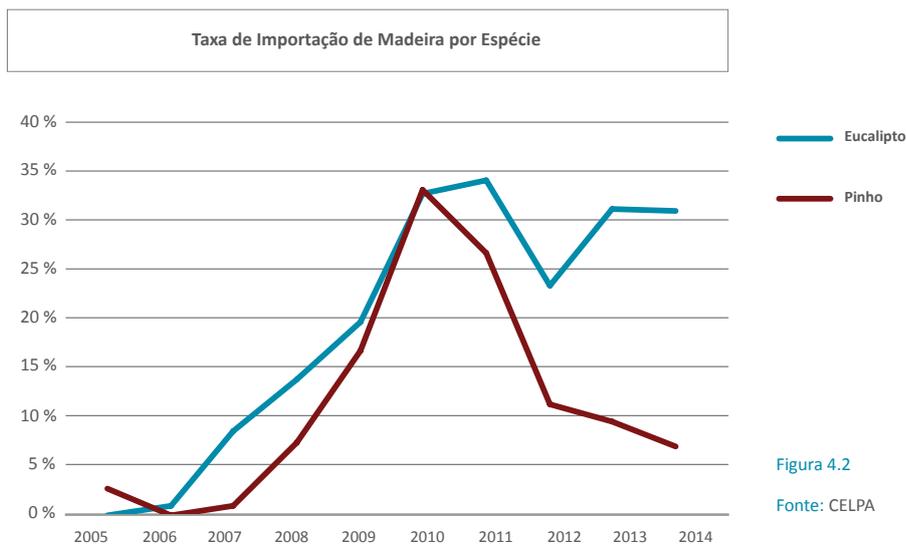
A aquisição de madeira aumentou 6,4%.
As importações representaram 29,0% da madeira adquirida em 2014.
O consumo de matérias-primas florestais aumentou 2,4%.

Aquisição de Madeiras por Tipo e Origem, (Un.1000 m ³ eq. s/ casca)											
	Origem	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Eucalipto	Fornecedores Mercado Nacional	3.778	3.579	4.275	4.320	3.122	3.033	3.664	3.986	3.964	4.418
	Mercado Externo	0	46	497	878	1.031	2.169	2.402	1.574	2.324	2.415
	Matas Próprias	1.202	1.179	1.051	1.184	1.103	1.429	964	1.193	1.187	967
	Total Eucalipto	4.980	4.804	5.824	6.382	5.256	6.631	7.029	6.753	7.474	7.800
Pinho	Fornecedores Mercado Nacional	1.111	1.094	1.222	716	467	590	756	561	472	660
	Mercado Externo	32	0	12	58	94	303	298	72	50	50
	Matas Próprias	0	0	0	0	0	26	59	1	0	0
	Total Pinho	1.143	1.094	1.234	773	561	919	1.113	634	522	710
Total Madeira		6.123	5.898	7.058	7.155	5.816	7.549	8.143	7.387	7.996	8.510

Tabela 4.1

Fonte: Universo CELPA

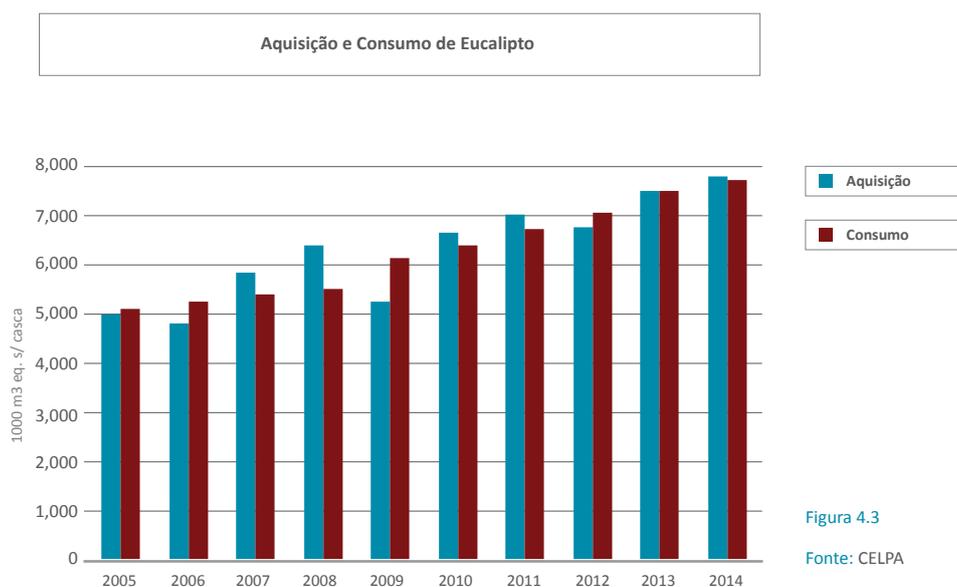


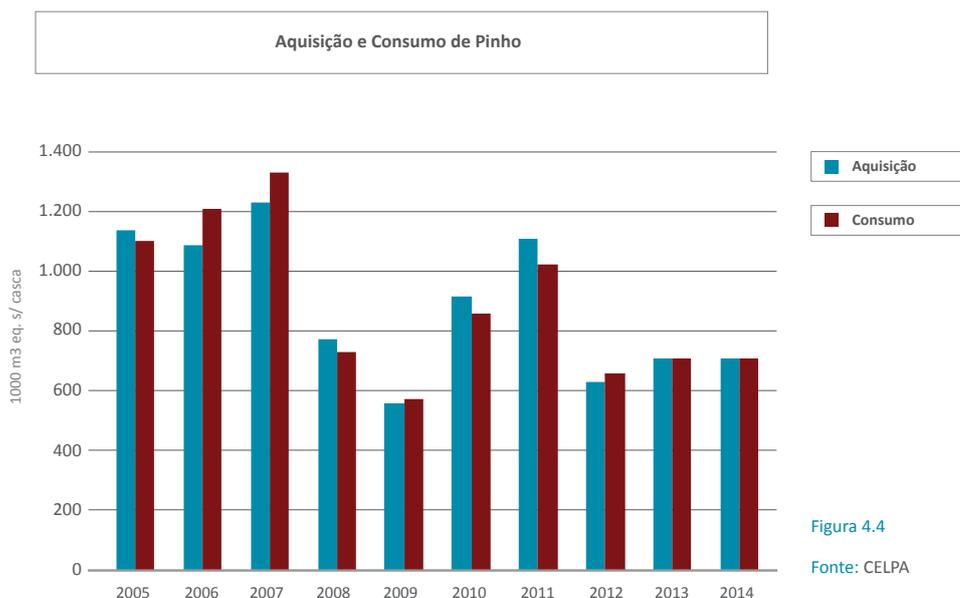


Aquisição e Consumo de Madeiras, (Un.1000 m ³ eq. s/ casca)											
Madeira		2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Eucalipto	Aquisição	4.980	4.804	5.824	6.382	5.256	6.631	7.029	6.753	7.475	7.800
	Consumo	5.099	5.240	5.375	5.503	6.145	6.400	6.728	7.046	7.498	7.695
Pinho	Aquisição	1.143	1.094	1.234	773	561	919	1.113	634	710	710
	Consumo	1.106	1.212	1.333	731	577	863	1.030	664	713	712
Total	Aquisição	6.123	5.898	7.058	7.155	5.816	7.549	8.143	7.387	8.185	8.510
	Consumo	6.205	6.452	6.708	6.233	6.722	7.264	7.758	7.710	8.211	8.407

Tabela 4.2

Fonte: CELPA





4.2 Consumo de Papel para Reciclar

O consumo de papel para reciclar diminuiu cerca de 1,4%.

Evolução do Consumo de Papel para Reciclar (Un. 1.000 ton)										
Designação	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Não Escolhidos	13 4%	13 4%	73 19%	63 17%	41 11%	49 13%	46 14%	69 25%	71 19%	71 19%
Papéis para Cartão Canelado	108 32%	121 34%	243 64%	247 65%	258 71%	262 70%	232 69%	161 57%	230 62%	230 63%
Papéis para Destintagem	50 15%	50 14%	0 0%	0 0%	0 0%	0 100%	0 200%	1 0%	6 2%	6 2%
Todos os Outros Tipos de Papéis	168 50%	173 48%	66 17%	68 18%	64 18%	61 16%	56 17%	51 18%	63 17%	58 16%
Total	339,0	357,0	382,0	377,9	362,8	373,2	333,5	281,8	370,0	365,0

Tabela 4.3

Fonte: CELPA e RECIPAC

4.3 Produção de Pastas de Fibra Virgem

A produção nacional de pastas de fibra virgem aumentou 0,4%.

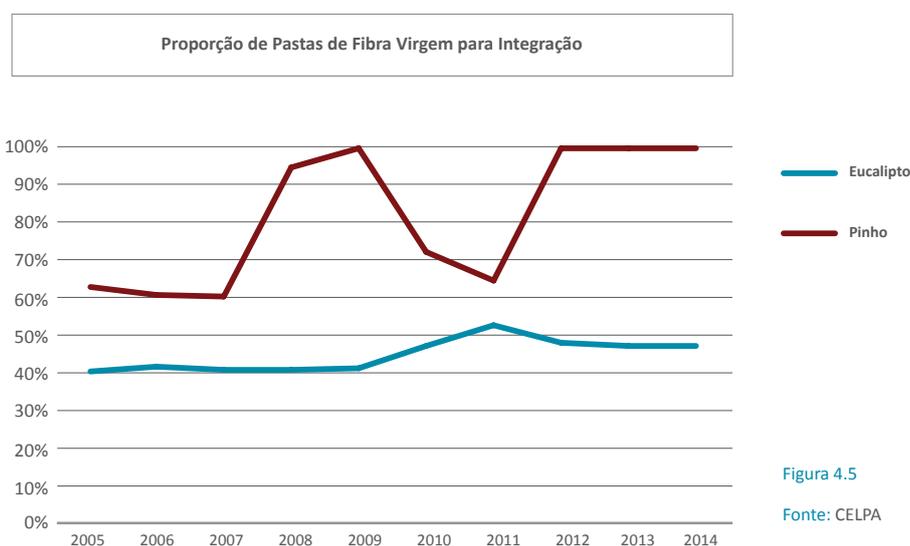
Em 2014, a produção nacional de pastas de fibra virgem fixou-se em 2.631 mil toneladas, mais 0,4% do que no ano anterior, resultante da subida de 0,5% na pasta de eucalipto e da quebra de 1,2% na pasta de pinho.



Produção Total de Pastas Virgens											
		2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Eucalipto	Produção Integrar	712	747	744	756	840	965	1.171	1.120	1.163	1.170
	Produção Mercado	1.045	1.041	1.065	1.077	1.191	1.074	1.048	1.204	1.288	1.293
	Produção Total	1.757	1.788	1.809	1.833	2.032	2.039	2.219	2.324	2.451	2.463
Pinho	Produção Integrar	148	168	171	178	150	163	150	164	170	168
	Produção Mercado	86	108	112	10	0	62	81	0	0	0
	Produção Total	234	276	283	188	150	224	231	164	170	168
Total	Produção Integrar	859	915	915	935	991	1.128	1.321	1.284	1.333	1.338
	Produção Mercado	1.131	1.149	1.177	1.087	1.191	1.136	1.129	1.204	1.288	1.293
	Produção Total	1.990	2.064	2.092	2.022	2.182	2.263	2.4450	2.489	2.621	2.631

Tabela 4.4

Fonte: CELPA



Em 2014, a quantidade de pasta de eucalipto produzida manteve-se nos 47% para posterior integração em papel, continuando a pasta de pinho a ser totalmente integrada.

4.4 Produção de Pastas de Fibra Recuperada

A produção de pastas a partir de papel para reciclar diminuiu 2,6%.

Em 2014, a produção nacional de pastas para papel a partir de papel para reciclar diminuiu 2,6% face ao ano anterior, tendo-se fixado em 301 mil toneladas.



Produção de Pastas de Papel para Reciclar por tipo (Un. 1.000 ton)											
	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014		
	Produção Total	Para Mercado	Para Integrar								
Destintadas	35	34	46	45	41	78	34	41	39	0	39
Não Destintadas	314	315	282	270	285	242	223	268	262	0	262
Total	349	349	328	315	326	320	258	309	301	0	301

Tabela 4.5

Fonte: CELPA e RECIPAC

4.5 Produção Própria Para Integrar

Em 2014, a produção própria de pastas para integrar em papel diminuiu 0,2% no global.

Produção de Pastas para integração em Papel (Un.1000 ton)									
	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Pastas de Fibra Virgem	915	915	938	991	1.128	1.321	1.284	1.333	1.338
Pastas de Papel para reciclar	349	349	328	315	326	320	258	309	301
Total	1.264	1.264	1.263	1.306	1.453	1.641	1.542	1.642	1.639

Tabela 4.6

Fonte: CELPA e RECIPAC

05

Indústria Papeleira Portuguesa

INDICADORES DE PRODUÇÃO

► INDÚSTRIA DE PAPEL E CARTÃO

O consumo de pastas para papel diminuiu 0,5%.

A produção total de papel e cartão aumentou 0,3%.

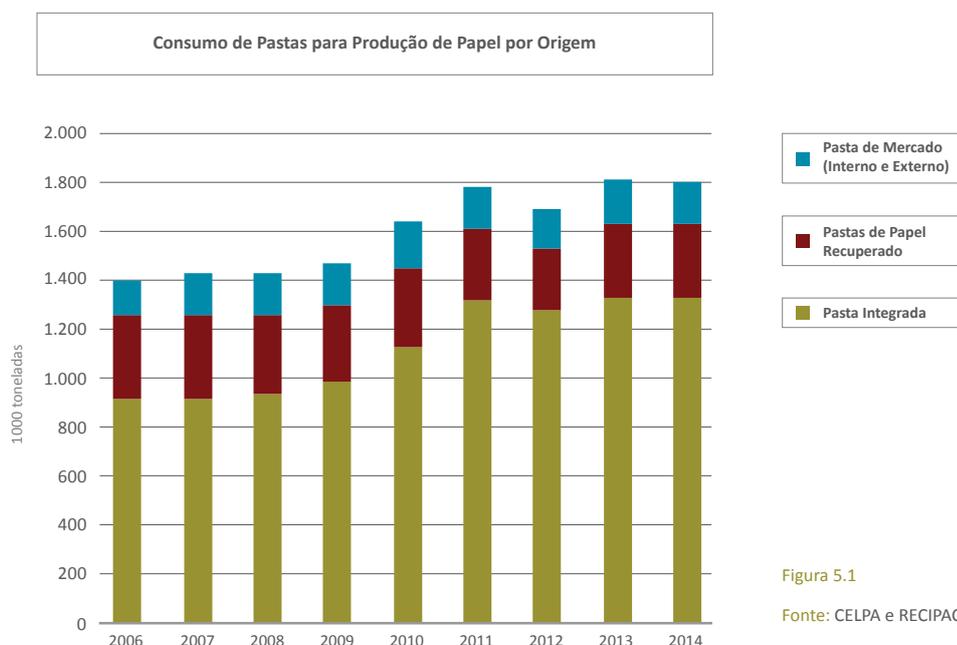




NOTA: Os dados apresentados relativos ao universo da Recipac foram estimados, em virtude de não ter sido possível obter informação actualizada para 2014 à data de fecho desta edição. De notar que os valores referentes ao ano de 2013 são revistos.

5.1 Consumo de Pastas para Papel

O consumo de pastas para produção de papel cifrou-se, em 2014, em 1.815,4 mil toneladas, menos 0,5% do que no ano anterior.



Consumo de Pastas para Produção de Papel por Origem (Un. 1000 ton)									
	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Pasta Integrada	915,0	915,1	934,8	991,0	1.127,6	1.320,6	1.284,4	1.332,9	1.337,8
Pasta de Mercado (Interno e Externo)	144,4	169,0	173,6	175,6	193,7	175,3	163,4	183,3	176,6
Pastas de Papel Recuperado	349,3	349,4	327,9	314,8	325,8	296,3	257,7	309,2	301,1
Consumo	1.408,6	1.433,5	1.436,3	1.481,4	1.647,1	1.792,2	1.705,6	1.825,3	1.815,4

Tabela 5.1

Fonte: CELPA e RECIPAC

5.2 Produção de Papel e Cartão

- A produção total de papel e cartão aumentou 0,3%.
- A produção de papéis de impressão e escrita aumentou 1,1%.
- A produção de coberturas para cartão canelado diminuiu 1,9%.
- A produção de papéis de uso doméstico e sanitário aumentou 3,3%.

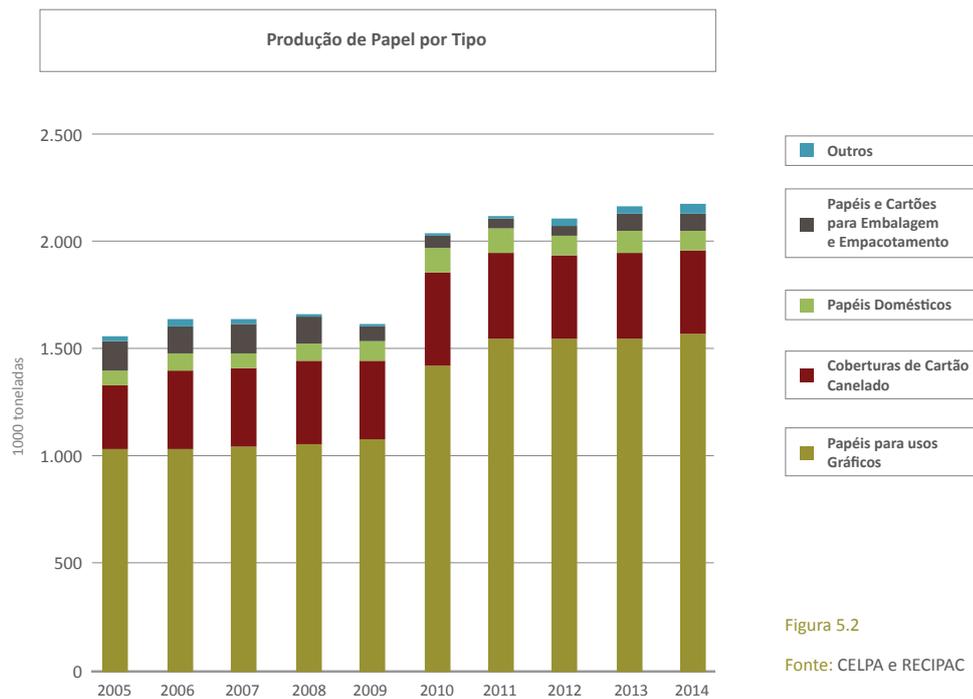
A produção total de papel e cartão, em 2014, foi de 2.182,6 mil toneladas, representando um acréscimo de 0,3% relativamente a 2013.



Evolução da Produção de Papel por Tipos (Un.1000 ton)											
			2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Papéis para Usos gráficos	Papel e cartão não revestido (UWF)	Total	1.044,9	1.056,1	1.064,2	1.088,3	1.430,6	1.551,7	1.553,0	1.559,8	1.576,8
			63,6%	64,2%	64,0%	67,2%	70,3%	72,9%	73,3%	71,7%	72,2%
Papéis Domésticos	Papéis Sanitários e de Usos Domésticos	Total	74,9	72,3	72,6	89,0	117,4	111,9	92,0	100,5	97,2
			4,6%	4,4%	4,4%	5,5%	5,8%	5,3%	4,3%	4,6%	4,5%
Coberturas de Cartão Canelado	Case Materials	Kraftliner	292,3	276,3	311,9	309,1	349,0	319,7	331,5	363,9	356,4
			17,8%	16,8%	18,8%	19,1%	17,1%	15,0%	15,6%	16,7%	16,3%
		Fluting semi-químico	14,7	44,4	42,3	27,2	54,6	54,1	54,4	25,2	25,2
			0,9%	2,7%	2,5%	1,7%	2,7%	2,5%	2,6%	1,2%	1,2%
		Testliner e outros	56,3	35,9	36,0	31,8	28,7	28,5	9,5	4,8	4,8
			3,4%	2,2%	2,2%	2,0%	1,4%	1,3%	0,4%	0,2%	0,2%
Total	363,3	356,6	390,2	368,1	432,3	402,2	395,4	393,9	386,4		
		22,1%	21,7%	23,5%	22,7%	21,2%	18,9%	18,6%	18,1%	17,7%	
Papéis e cartões para embalagem e empacotamento	Wrappings < 150 gr	Kraft Sacos	64,3	62,7	52,8	0,8	0,5	1,2	0,5	0,6	0,6
			3,9%	3,8%	3,2%	0,0%	0,0%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%
		Outros papéis Kraft	13,5	1,4	1,6	1,0	5,2	0,0	0,5	0,0	0,0
			0,8%	0,1%	0,1%	0,1%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
		Papel Sulfito de Embalagem	7,6	0,2	0,2	0,2	0,0	0,0	0,2	0,0	0,0
			0,5%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
		Papel Vegetal, Cristal e suas imitações	0,8	0,9	1,0	0,7	0,0	0,0	1,0	0,0	0,0
	0,1%		0,1%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	
	Outros Wrappings	3,7	3,4	11,9	8,5	10,9	8,7	0,1	1,8	1,8	
		0,2%	0,2%	0,7%	0,5%	0,5%	0,4%	0,0%	0,1%	0,1%	
	Total	89,9	68,6	67,4	11,2	16,6	9,9	2,3	2,4	2,4	
			5,5%	4,2%	4,1%	0,7%	0,8%	0,5%	0,1%	0,1%	0,1%
	Cartonboard	Cartolinas multiplex e outros cartões	34,7	32,6	33,1	33,1	35,3	35,3	35,3	35,3	35,3
2,1%			2,0%	2,0%	2,0%	1,7%	1,7%	1,7%	1,6%	1,6%	
Outros Papéis e Cartões para Empacotamento		Outros cartões pesando mais de 150 gr/m2	5,8	32,2	30,6	27,8	1,7	1,7	2,5	42,0	42,0
		0,4%	2,0%	1,8%	1,7%	0,1%	0,1%	0,1%	1,9%	1,9%	
Total		40,4	64,7	63,6	60,9	37,1	37,0	37,8	77,3	77,3	
		2,5%	3,9%	3,8%	3,8%	1,8%	1,7%	1,8%	3,6%	3,5%	
Outros	Outros Papéis	Total	29,9	26,4	3,5	2,2	1,9	15,1	39,6	42,6	42,6
			1,8%	1,6%	0,2%	0,1%	0,1%	0,7%	1,9%	2,0%	1,9%
Total			1.643,4	1.643,8	1.661,6	1.619,7	2.035,9	2.127,8	2.120,1	2.176,5	2.182,6
			100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Tabela 5.2

Fonte: CELPA e RECIPAC



Em 2014, os Papéis para Uso Gráfico representaram 72,2% da produção nacional de papel, as Coberturas de Cartão Canelado representaram 17,7% e os Papéis Domésticos 4,5%.

A quantidade de pasta vendida diminuiu 5,2%.

A quantidade de papel e cartão vendida aumentou 2,4%.





NOTA: Os dados apresentados relativos ao universo da Recipac foram estimados, em virtude de não ter sido possível obter informação actualizada para 2014 à data de fecho desta edição. Este capítulo apresenta valores revistos relativamente a edições passadas.

6.1 Pastas para Papel

Em 2014, Portugal, segundo dados do INE, exportou pasta para papel para 29 países, verificando-se uma quebra nas vendas de 5,2% face a 2013, em parte explicada por uma maior integração em papel.

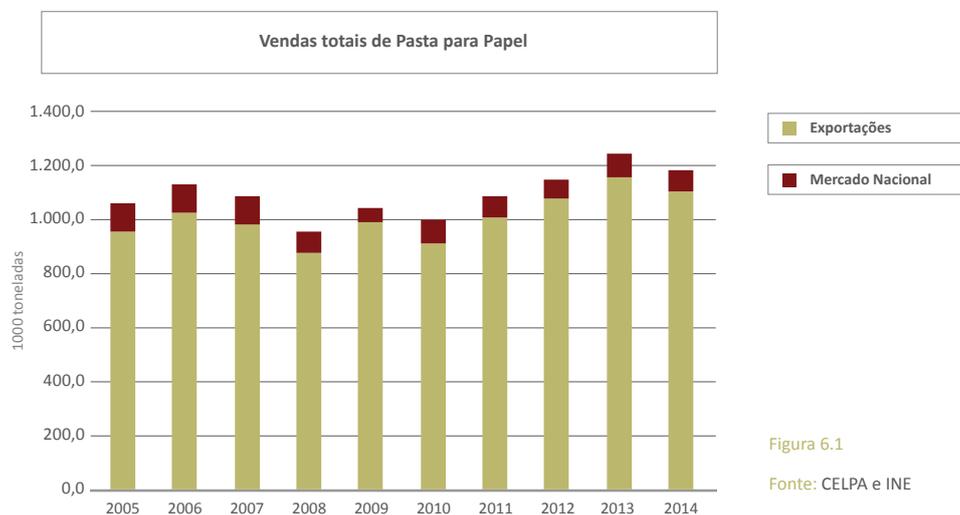


Figura 6.1

Fonte: CELPA e INE

O mercado comunitário, incluindo Portugal, é o principal destino da pasta para papel nacional, absorvendo, em 2014, 79% das exportações. Seguem-se o Médio Oriente, a Ásia e a Oceânia com 18%, sendo de destacar que África já representa 2% das exportações de pasta para papel nacionais.

Venda de Pasta (Un.1000 ton)	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Mercado Comunitário	510,7	516,1	451,4	477,4	635,3	678,3	873,1	959,6	986,9	876,9
Outros Países da Europa	18,1	15,8	2,8	1,9	11,9	10,2	0,0	0,0	0,0	0,0
Continente Americano	0,6	1,1	0,0	0,0	0,0	3,5	6,1	4,9	0,1	1,7
Médio Oriente, Ásia e Oceania	20,9	36,8	28,2	17,0	61,2	50,7	128,0	111,4	158,4	212,2
África	0,8	0,2	6,3	1,8	14,4	9,2	6,6	4,9	20,4	18,5
Não especificado	409,6	463,6	497,7	383,3	276,0	163,1	0,0	0,0	0,0	0,0
Exportações	960,7	1.033,6	986,4	881,4	998,7	915,0	1.013,7	1.080,7	1.165,8	1.109,3
Mercado Nacional	105,9	106,3	104,1	82,8	49,6	90,2	81,0	74,7	87,5	78,5
Vendas	1.066,6	1.139,9	1.090,5	964,3	1.048,3	1.005,2	1.094,7	1.155,4	1.253,3	1.187,9

Tabela 6.1

Fonte: CELPA e INE

Em linha com os sinais de retoma económica, as importações nacionais de pasta para papel têm vindo a aumentar desde 2010, situando-se, em 2014, nas 129 mil toneladas, ou seja, mais 5,2% face a 2013.

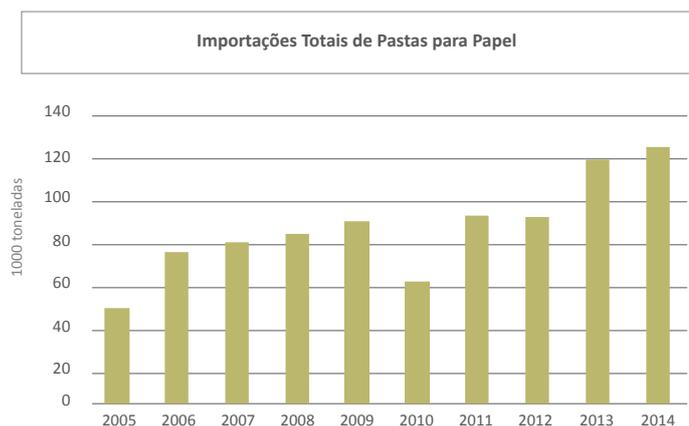


Figura 6.2

Fonte: INE



A maior parte da pasta importada é de coníferas branqueada ao sulfato, que representa 63% do total importado e que não se fabrica no nosso País, seguida da pasta branqueada de folhosas ao sulfato, com 24%.

Importações de Pastas para Papel (Un.1000 ton)										
	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Pasta Mecânica e Semi-Química	1,9	4,0	0,4	0,3	0,2	0,3	1,2	1,9	5,8	10,7
Pasta Química para Dissolução	0,0	0,0	0,0	11,9	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Pasta de Coníferas Branqueada ao Sulfato	21,0	22,8	19,1	27,5	13,1	12,6	74,3	70,2	84,4	82,0
Pasta de Coníferas Crua ao Sulfato	4,7	4,5	6,9	5,0	4,5	6,0	5,5	6,3	5,8	4,0
Pasta de Folhosas Branqueada ao Sulfato	5,3	8,0	7,7	7,5	14,0	14,6	12,8	15,5	25,3	31,3
Pasta de Coníferas Branqueada ao Sulfito	0,3	0,3	0,3	0,3	0,4	0,5	0,5	0,4	0,5	0,3
Pasta de Folhosas Branqueada ao Sulfito	0,1	0,1	0,4	0,9	0,3	0,2	0,1	0,1	0,1	0,2
Outras	0,3	0,2	0,1	0,2	0,5	0,2	0,2	0,1	1,0	0,8
Não discriminada	14,9	36,5	46,8	31,9	59,4	25,7	0,0	0,0	0,0	0,0
Total	48,3	76,4	81,7	85,5	92,5	61,8	94,7	94,5	122,9	129,3

Tabela 6.2

Fonte: INE

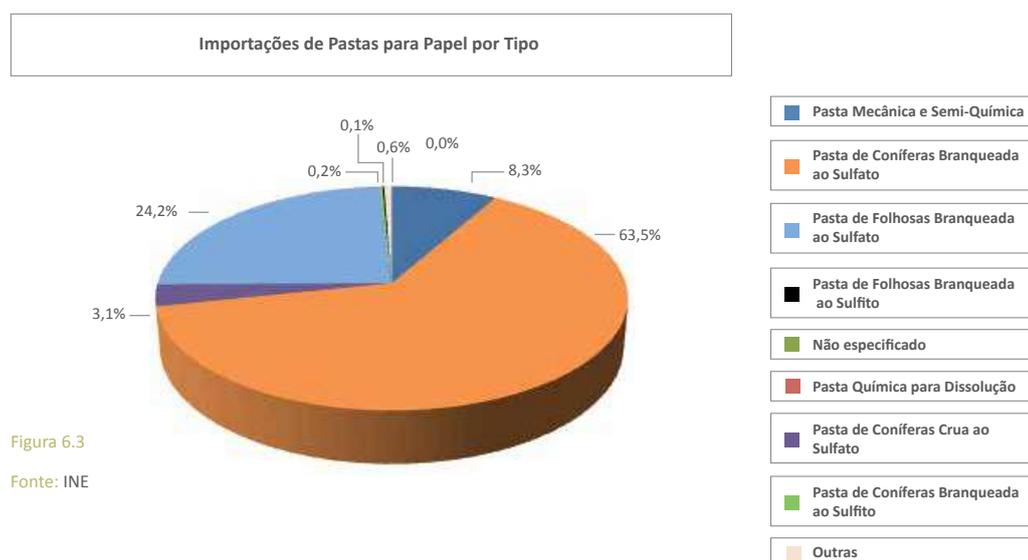


Figura 6.3

Fonte: INE

6.2 Papel para Reciclar

**O volume de exportações de papel para reciclar diminuiu 5,5%.
As importações de papel recuperado aumentaram 41,0%.**

A exportação de papel para reciclar diminuiu 5,5% face ao ano anterior, graças à quebra de vendas para Espanha que continua a ser o principal destino, com 79,0% do volume total exportado.

Exportações de Papel para Reciclar (Un.1000 ton)										
	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Mercado Comunitário	272,0	286,0	330,8	283,2	321,6	347,0	366,8	358,2	345,9	325,9
Espanha	271,0	285,0	330,6	281,8	261,8	312,2	315,9	314,2	320,8	299,3
Resto do Mundo	15,0	12,0	31,5	50,5	100,2	83,3	93,3	59,1	54,7	52,7
Total	287,0	298,0	362,3	333,7	421,7	430,3	460,1	417,3	400,5	378,6

Tabela 6.3

Fonte: RECIPAC e INE



A importação de papel para reciclar aumentou, em 2014, 41,0% face ao ano anterior.

Importações de Papel para Reciclar (Un.1000 ton)										
	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Mercado Comunitário	3,0	14,0	14,6	5,3	10,1	17,0	12,8	12,9	19,5	30,3
Espanha	2,0	12,0	10,3	2,6	9,9	17,0	12,6	12,8	18,2	27,3
Resto do Mundo	3,0	3,0	1,8	1,8	0,1	0,3	1,5	2,5	3,6	2,2
Total	6,0	18,0	16,4	7,2	10,2	17,3	14,3	15,4	23,0	32,5

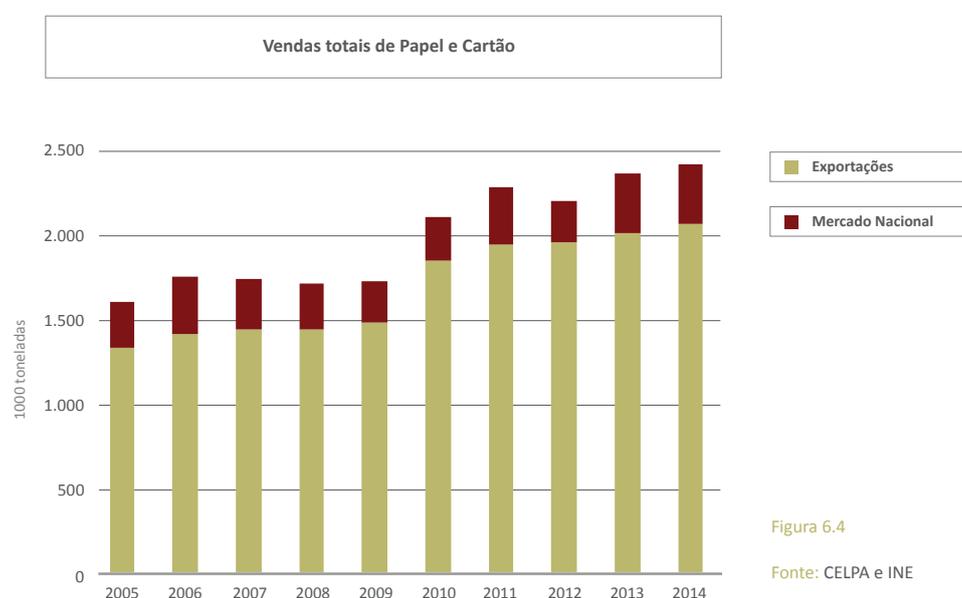
Tabela 6.4

Fonte: RECIPAC e INE

6.3 Papel e Cartão

**A quantidade de papel e cartão vendida aumentou 2,4%.
As exportações de papel e cartão aumentaram 2,5% e as vendas no mercado nacional subiram 1,8%.
A União Europeia absorveu 65,7% das exportações nacionais de papel e cartão.
As importações de papel e cartão cresceram 4,6%.**

Em 2014, Portugal, segundo dados do INE, exportou papel e cartão para cerca de 140 mercados internacionais (países e regiões administrativas), verificando-se um aumento nas vendas para mercado de 2,4% face a 2013.



Tal como na pasta para papel, também os principais consumidores do papel e cartão produzido em Portugal são Europeus: Espanha (18,1%), Portugal (14,6%), Alemanha (8,9%), e França (8,4%).

A seguir, e fora da Europa, destacam-se os Estados Unidos da América, com 6,5%.



Vendas de Papel e Cartão (Un.1000 ton)										
	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Mercado Comunitário	781,1	916,3	937,7	975,7	1.002,8	1.088,5	1.305,3	1.380,6	1.348,4	1.368,7
Outros Países da Europa	41,2	34,8	18,5	26,1	30,3	34,3	36,1	37,1	28,9	27,7
Continente Americano	99,2	110,7	3,5	26,5	29,3	48,3	195,2	196,5	234,2	236,0
Médio Oriente, Ásia e Oceania	100,8	68,1	34,4	38,5	77,6	100,0	197,6	142,2	179,4	194,0
África	61,3	69,8	55,6	66,0	84,6	117,4	216,7	220,8	240,1	256,5
Não especificado	266,5	230,2	403,4	314,9	272,1	468,3	0,0	0,0	0,0	0,0
Exportações	1.350,1	1.429,9	1.453,0	1.447,6	1.496,6	1.856,8	1.951,0	1.977,2	2.031,1	2.082,9
Mercado Nacional	270,5	333,9	294,1	279,6	240,5	269,0	348,9	243,0	349,0	355,4
Total de Vendas	1.620,6	1.763,7	1.747,1	1.727,3	1.737,1	2.125,8	2.300,0	2.220,2	2.380,1	2.438,3

Tabela 6.5

Fonte: CELPA, RECIPAC e INE

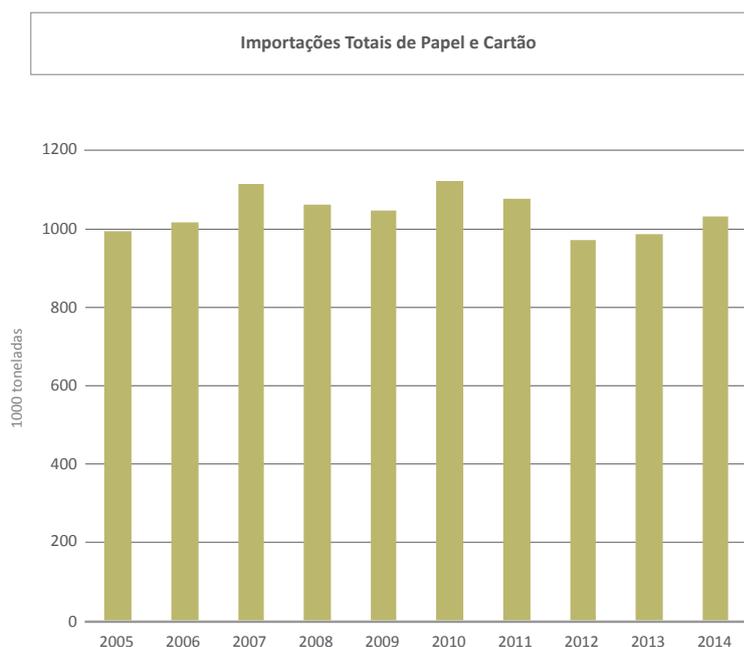


Figura 6.5

Fonte: INE

Em 2014, as importações de papel e cartão aumentaram 4,6% face a 2013. Tal como em anos anteriores, os tipos de papel e cartão mais importados correspondem a produtos onde a capacidade de produção nacional é inexistente, caso do papel de jornal, ou inferior às necessidades, como é o caso dos papéis e cartões para embalagem e empacotamento.



Importações de Papel e Cartão (Un.1000 ton)										
	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Papel de Jornal	100,5	102,4	120,2	107,7	98,7	77,4	69,7	58,6	57,5	48,4
Papéis Gráficos com Pasta Mecânica	113,4	122,9	126,1	130,3	109,8	137,5	115,1	94,3	90,2	93,6
Papéis Gráficos sem Pasta Mecânica	169,9	164,6	175,6	157,8	143,7	151,2	135,2	124,7	122,7	123,3
Papéis de Usos Domésticos e Sanitários	85,9	85,7	95,8	94,0	97,9	103,6	90,6	84,3	77,6	86,2
Coberturas de Cartão Canelado	222,4	218,5	260,8	247,0	250,0	274,6	280,7	274,1	300,7	333,5
Papéis e Cartões para Embalagem e Empacotamento	160,3	163,1	178,4	171,8	187,3	212,5	222,9	221,3	236,8	230,0
Outros Papéis e Cartões	136,7	159,4	153,9	151,4	159,3	163,8	161,7	114,5	113,3	119,2
Não Discriminados	5,4	3,4	3,2	3,7	4,3	3,5	0,0	0,0	0,0	0,0
Total	994,5	1.020,0	1.113,8	1.063,7	1.051,1	1.124,2	1.076,0	971,8	988,7	1.034,1

Tabela 6.6

Fonte: INE

O consumo aparente de papel e cartão, ou seja, a produção nacional somada das importações e subtraída das exportações (sem considerar a variação de stocks) manteve-se estável face a 2013.

Em média, cada português consumiu 109 kg de papel e cartão em 2014.

Consumo Aparente de Papel e Cartão (mil ton)										
	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Consumo de papel e cartão (mil ton)	1.213,5	1.233,6	1.305,5	1.277,6	1.174,2	1.303,3	1.252,8	1.114,7	1.134,1	1.133,8
Variação	7,4%	1,7%	5,8%	-2,1%	-8,1%	11,0%	-3,9%	-11,0%	1,7%	0,0%

Tabela 6.7

Fonte: CELPA e INE

Consumo de Papel e Cartão <i>per capita</i>										
	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
População (mil habitantes)	10.503,3	10.522,3	10.543,0	10.558,2	10.568,2	10.573,1	10.557,6	10.514,8	10.457,3	10.401,1
Consumo de papel e cartão (kg/habitante)	115,5	117,2	123,8	121,0	111,1	123,3	118,7	106,0	108,4	109,0

Tabela 6.8

Fonte: CELPA e INE

07

Indústria Papeleira Portuguesa

INDICADORES AMBIENTAIS

Melhorias ambientais significativas na generalidade dos parâmetros de qualidade do efluente líquido e gasoso:

- Quantidade de água consumida por tonelada produzida desceu 1,6%
- Carga orgânica (por tonelada produzida) nos efluentes diminuiu 1,5%
- Emissões de gases acidificantes desceu 11,9%.





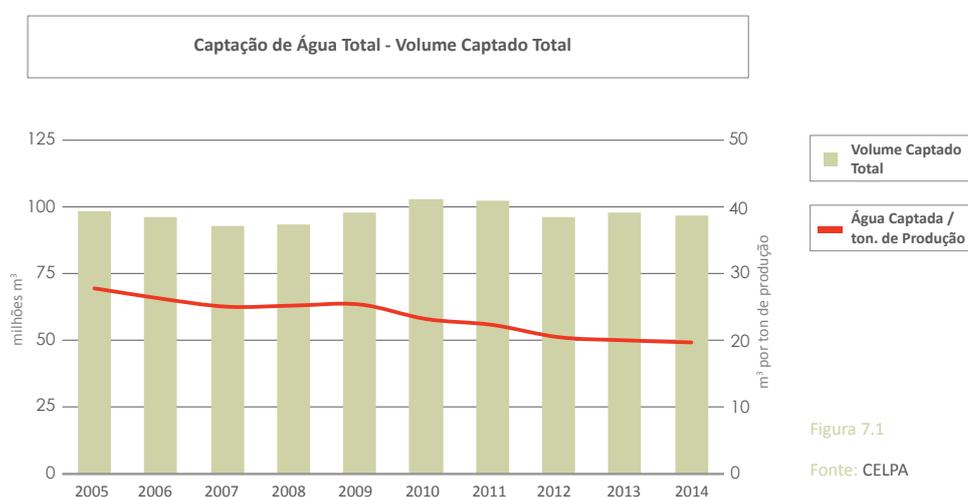
Informação ambiental adicional sobre cada uma das empresas associadas da CELPA pode ser encontrada consultando a base de dados E-PRTR (Registo de Emissões e Transferências de Poluentes) disponível em <http://prtr.ec.europa.eu/Home.aspx>

7.1 Captação e Consumo de Água

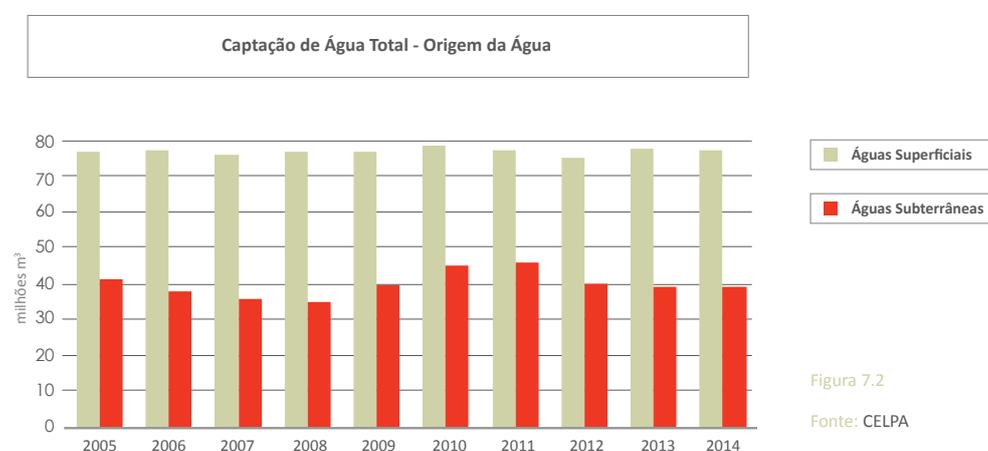
Consumo específico de água decresceu 1,6%;
Consumo total de água diminui 0,7%.

O consumo de água por tonelada produzida tem conhecido um sucessivo e consistente decréscimo ao longo dos últimos anos. Nos últimos 10 anos, a mesma quantidade de pasta é produzida com menos 8 m³ de água, o que equivale a uma redução de cerca de 30%. Em 2014, a captação de água total foi aproximadamente de 97 milhões de m³.

Estes resultados devem-se a um criterioso programa de investimentos que tem vindo a otimizar o uso deste recurso em cada fase do processo produtivo, traduzindo-se em melhorias significativas neste campo.



A indústria de pasta e papel portuguesa continua a apostar na melhoria contínua, apesar de não ser fácil obter reduções significativas tendo em conta os elevados níveis de desempenho que se registam actualmente.



Em 2014, a água utilizada pela indústria papelreira, à semelhança de anos anteriores, teve origem principalmente em captações superficiais (rios e albufeiras) que representaram cerca de 66% do total de água captada.



7.2 Efluentes Líquidos

- Quantidade de efluente específico reduziu 4,1%;
- Carga orgânica específica (medida como CQO) reduziu 1,5%;
- Carga de Azoto (específico) decresceu 13,5%;
- Carga de sólidos suspensos totais reduziu 14,5%, por tonelada produzida.

Os resultados apresentados são o corolário dos últimos investimentos verificados nesta área. A modernização e a adopção das “Melhores Técnicas Disponíveis” para o sector, bem como o empenho das empresas associadas da CELPA na melhoria contínua do seu desempenho ambiental, permitiram que se atingissem níveis bastante positivos.

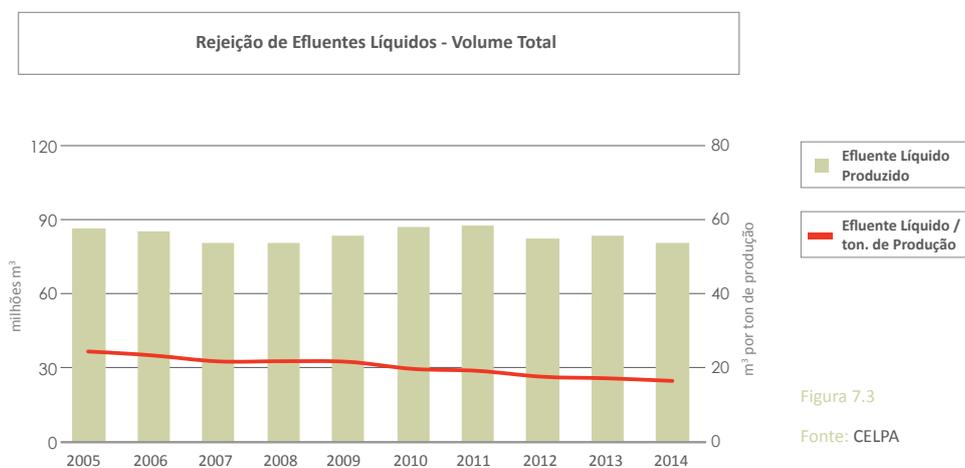


Figura 7.3

Fonte: CELPA

Sendo que a maioria dos associados da CELPA se concentra junto à costa e no Vale do Tejo, o destino dos efluentes reflecte essa mesma localização. Em 2014, 64% dos efluentes líquidos foram descarregados no oceano, 22% em estuários e 14% em rios e albufeiras. As descargas realizadas no oceano são efectuadas a uma distância considerável da linha de costa com recurso a emissários submarinos, reduzindo assim o impacto nos ecossistemas locais.

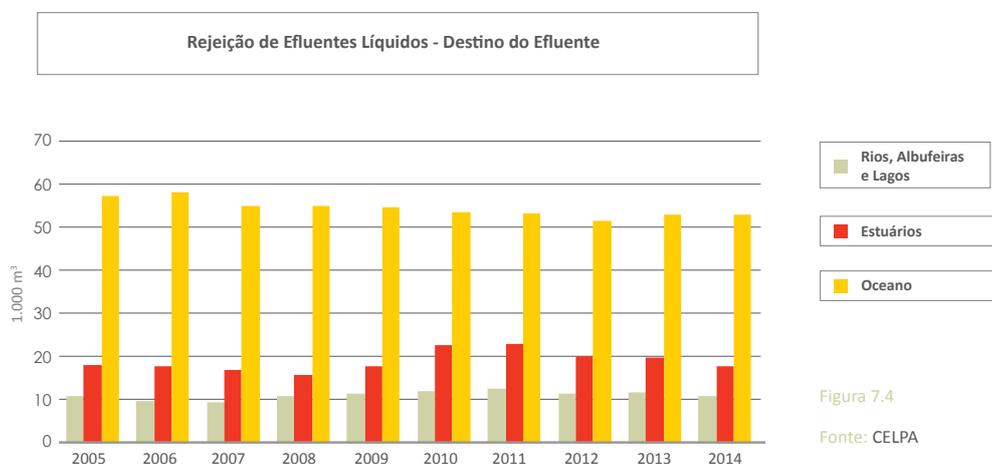
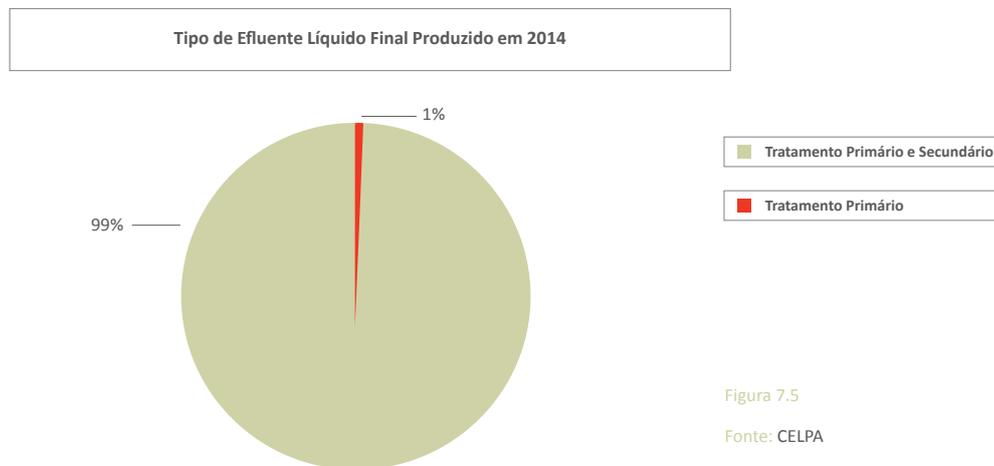


Figura 7.4

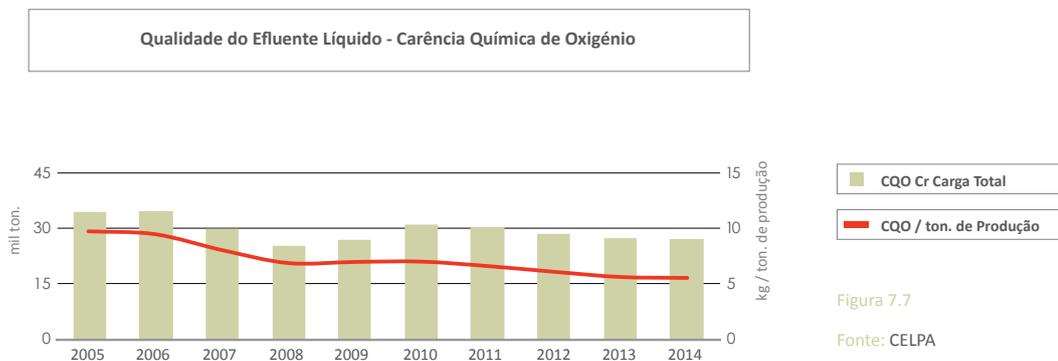
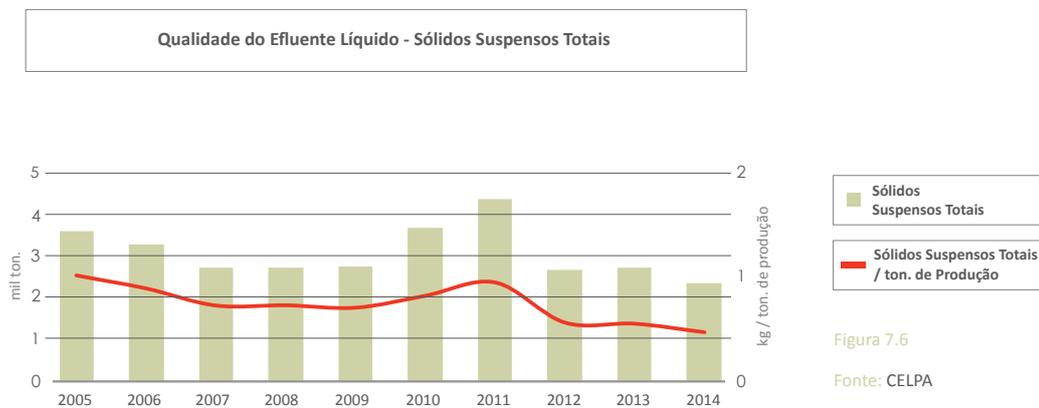
Fonte: CELPA



Todo o efluente líquido produzido é previamente tratado antes de ser libertado no meio receptor, traduzindo-se em 99% do efluente com tratamento primário seguido de um tratamento secundário (tratamento biológico).



A qualidade do efluente libertado registou, em 2014, melhorias com reduções, face a 2013, de 1,5% na Carga Orgânica (medida em Carência Química de Oxigénio), de 14% no teor de Azoto Total e 15% no teor de Sólidos Suspensos, expressos por tonelada produzida.



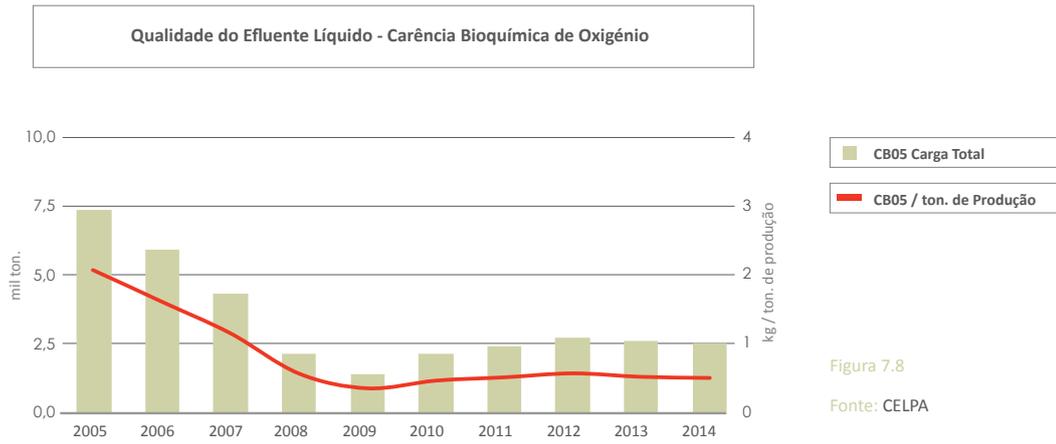


Figura 7.8

Fonte: CELPA



Figura 7.9

Fonte: CELPA

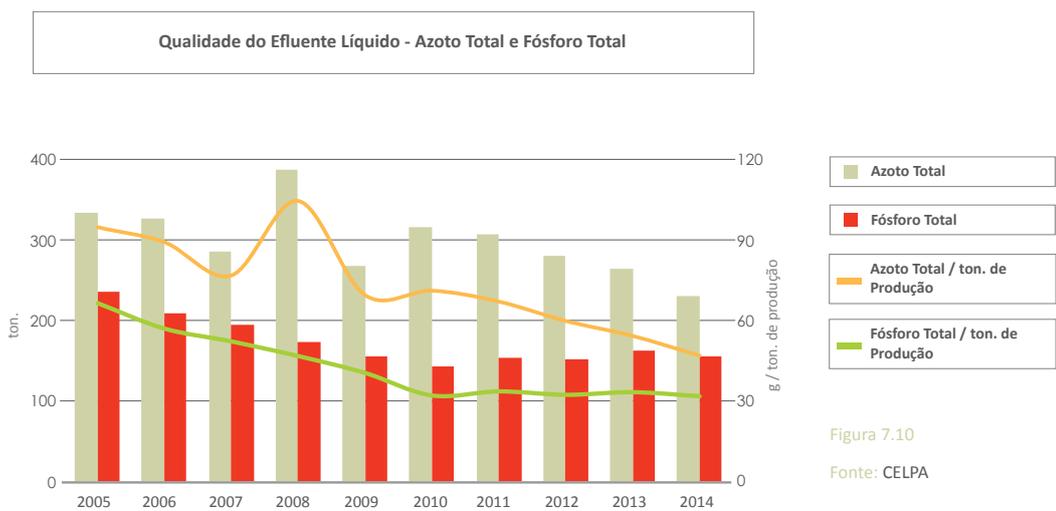


Figura 7.10

Fonte: CELPA



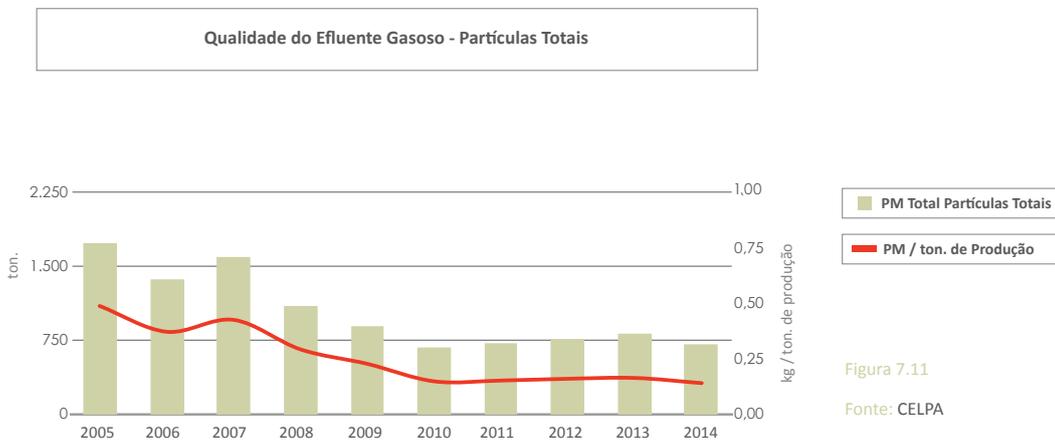


7.3 Emissões Gasosas

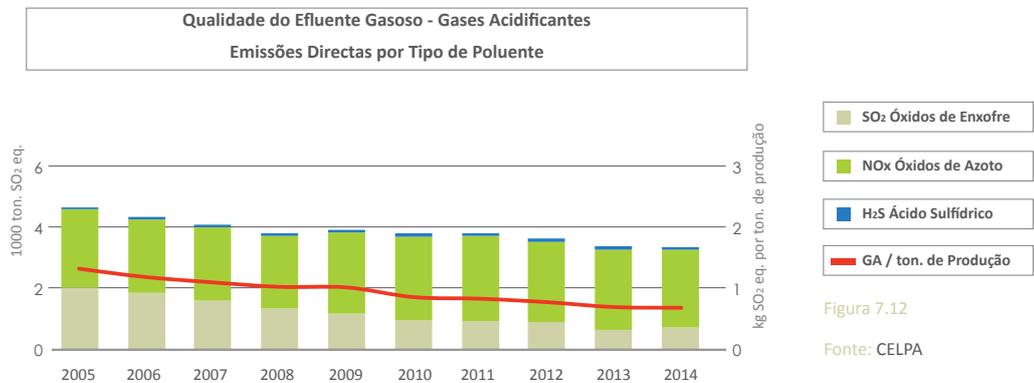
- Redução na emissão total de gases acidificantes em cerca de 1%;
- Redução de 13% na emissão de Partículas por tonelada produzida;
- Redução na emissão de compostos reduzidos de enxofre de 12% por tonelada produzida;
- Redução de 4% na emissão de Óxidos de Azoto por tonelada produzida.

As principais fontes de emissões gasosas na indústria papelreira estão associadas à necessidade de produção de vapor e de electricidade, à recuperação dos químicos de processo e à produção de cal para o processo.

O indicador “partículas totais” reflecte a quantidade de partículas em suspensão no efluente gasoso. Em 2014, este parâmetro teve uma redução de 13% face aos valores de 2013.



Na emissão de gases acidificantes verificou-se, em 2014, uma redução global de cerca de 1% face a 2013. Esta redução global resulta de uma redução de 3,5 % nos óxidos de azoto e de 11% nos compostos reduzidos de enxofre libertados, face ao ano anterior.



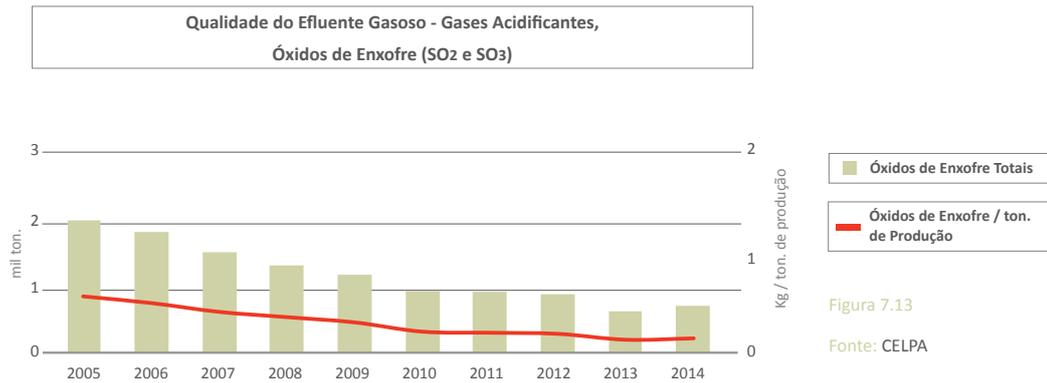


Figura 7.13

Fonte: CELPA

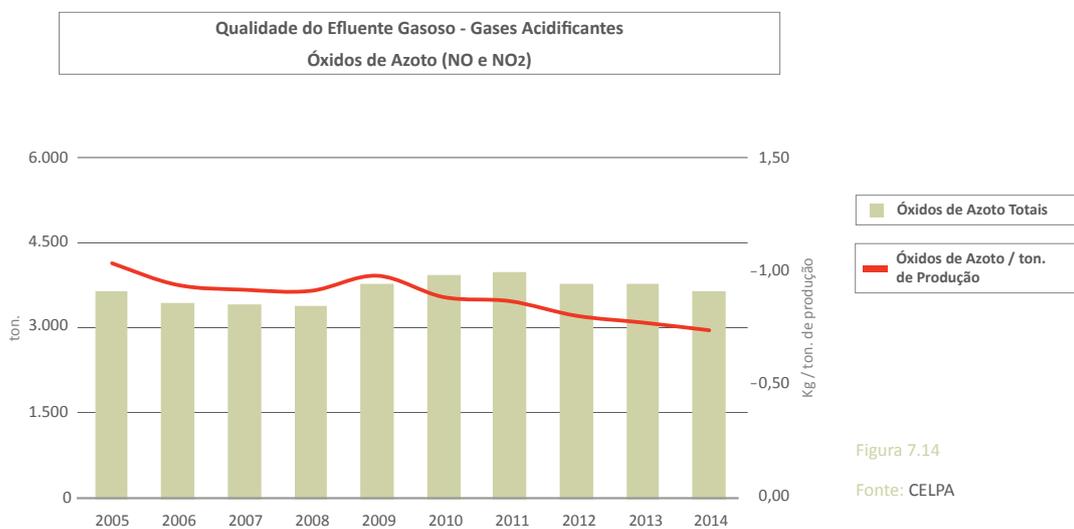


Figura 7.14

Fonte: CELPA

O processo de produção de pasta para papel tem inerente a libertação de gases mal odorosos. Esse facto resulta principalmente da emissão de compostos de enxofre reduzido. De referir que se trata de compostos para os quais o olfacto humano é particularmente sensível, podendo ser detectados com concentrações ínfimas no ar, da ordem de grandeza de partes por bilião. Embora seja impossível a sua completa eliminação, a indústria de pasta tem investido fortemente na redução das emissões deste tipo de gases.

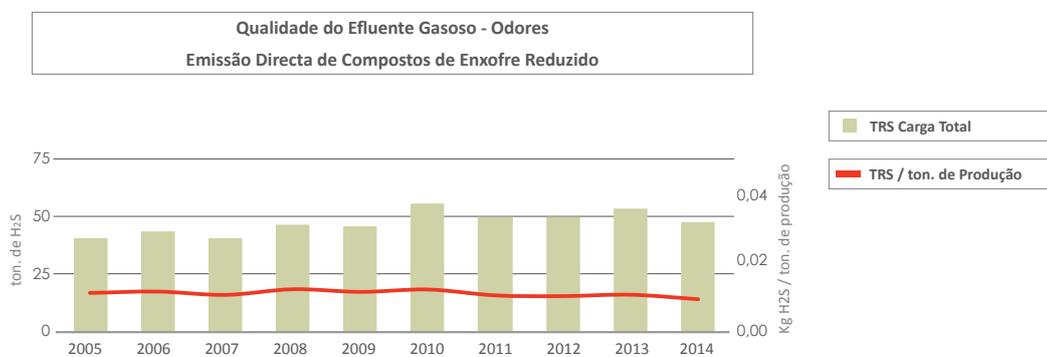


Figura 7.15

Fonte: CELPA



7.4 Gases com Efeito de Estufa

Emissão de Gases com Efeito de Estufa aumentou 1%, expressa por tonelada produzida.

Nos gases com efeito de estufa (dióxido de carbono fóssil, metano e óxido nítrico) observou-se, em relação a 2013, um aumento de 1,9% nas emissões totais, acompanhado por aumentos de produção, traduzindo-se num aumento de 1% nas emissões por tonelada de produto.

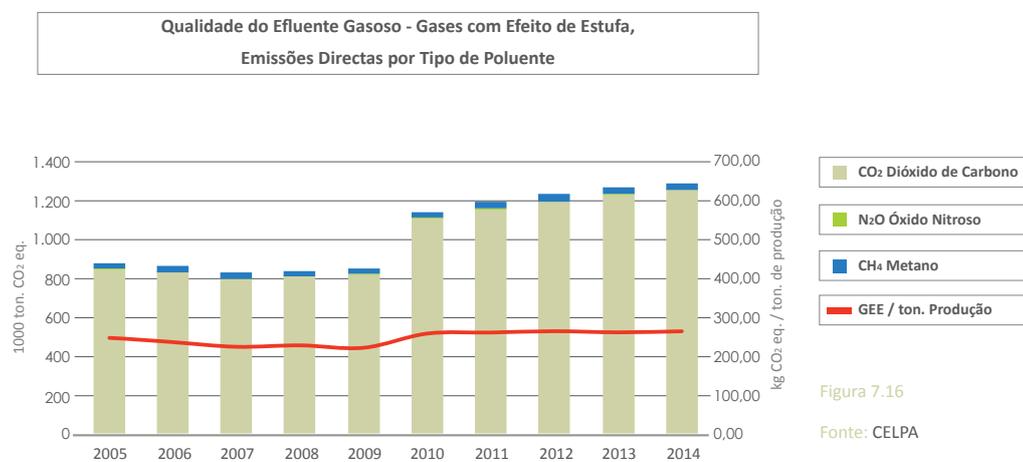


Figura 7.16

Fonte: CELPA

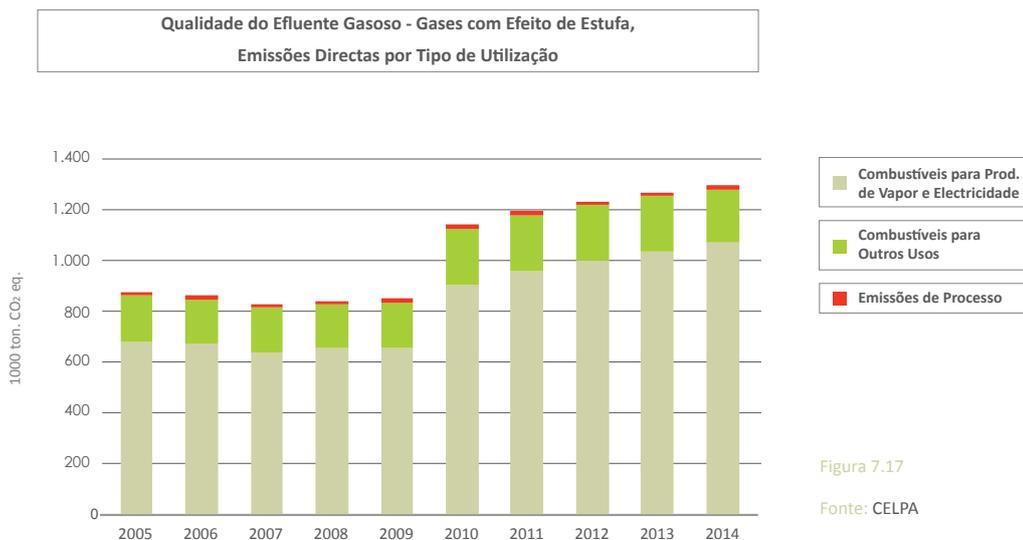


Figura 7.17

Fonte: CELPA



7.5 Resíduos Sólidos

A produção de resíduos sólidos resultantes do processo industrial está directamente relacionada com o padrão de produção de pastas e papéis. Adicionalmente, são produzidos outros tipos de resíduos, como sejam os resultantes de acções de demolição e construção de edifícios e que apresentam, pelo seu carácter ocasional, variações anuais significativas.

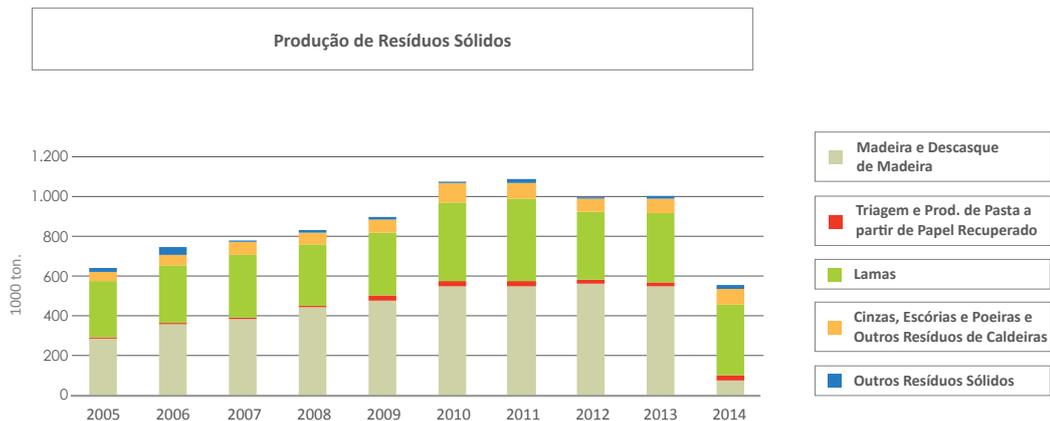


Figura 7.18

Fonte: CELPA

Nota: em 2014, a forma de reporte de todos os resíduos de madeira produzidos internamente, provenientes de processos de descasque e preparação de madeira para a produção de pasta, foi alterada. Deste modo, não será possível uma comparação directa com os anos anteriores.

Como destino dos resíduos sólidos destacam-se, em 2014, a aplicação de lamas e cinzas resultantes da queima de biomassa na agricultura e compostagem, correspondente a 16% do total de resíduos e a valorização por outras indústrias que representou 15% do total dos resíduos. A deposição em aterro absorveu 18% dos resíduos produzidos.

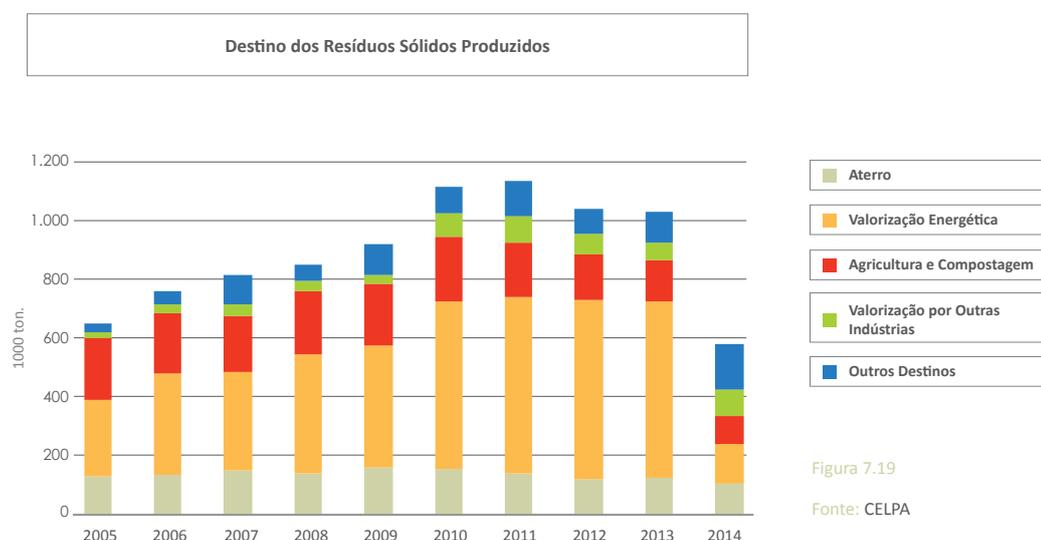


Figura 7.19

Fonte: CELPA



7.6 Investimento Ambiental

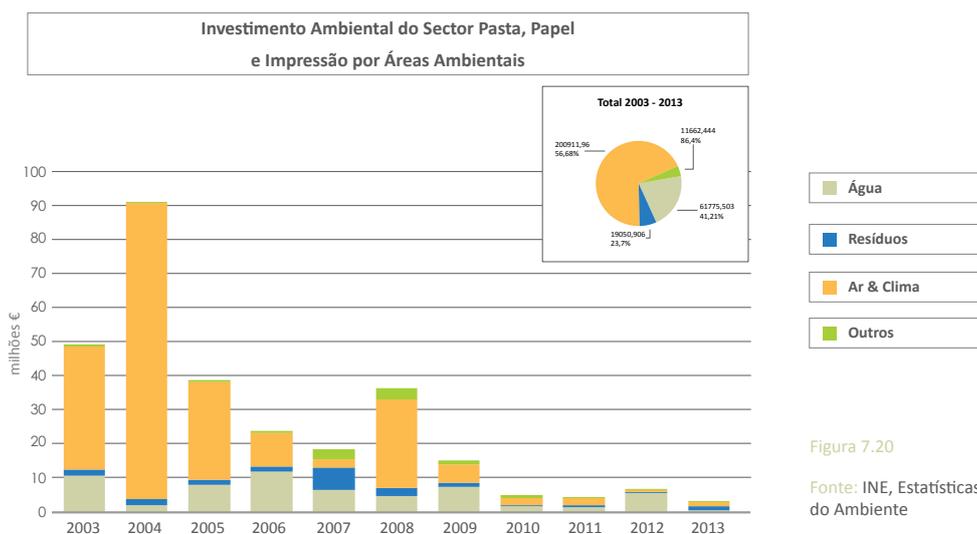
Segundo dados do Instituto Nacional de Estatística, em 2013 (último ano disponível), foram investidos cerca de 3,4 milhões de euros em acções de Protecção Ambiental.

A sucessiva melhoria no desempenho ambiental, evidenciada nas restantes páginas deste Boletim, deve-se a um intenso programa de investimento iniciado há 30 anos, fruto da política de protecção ambiental deste sector.

Segundo a informação disponibilizada pelo INE, este sector investiu, em 2013 (último ano disponível), cerca de 3,4 milhões de euros em acções de protecção ambiental.

Sendo que grande parte destes investimentos resulta de projectos de modernização de dimensões consideráveis, o investimento ambiental deste sector deve ser considerado numa perspectiva plurianual. Nos últimos 10 anos, a indústria papelreira portuguesa investiu mais de 290 milhões de euros com vista a reduzir o seu impacto ambiental.

Verifica-se que, na última década, cerca de 68% do investimento foi dedicado a acções de melhoria da qualidade do ar e do clima, 21% à redução de consumo de água e melhoria de qualidade do efluente líquido, 7% à gestão de resíduos sólidos e o restante a outras questões de natureza ambiental.



7.7 Certificação de Qualidade, de Ambiente, de Segurança e de Laboratório

Toda a produção de pasta e papel apresenta certificação de qualidade.

Toda a produção do universo CELPA (incluindo a Europa&C Kraft Viana) é oriunda de unidades com certificação ambiental.

85% da produção do universo CELPA (incluindo a Europa&C Kraft Viana) é oriunda de unidades com certificação de segurança.

Todos os laboratórios da indústria papelreira encontram-se certificados.

33% da produção das fábricas associadas da CELPA (incluindo a Europa&C Kraft Viana) é oriunda de unidades com certificação energética.



A gestão da qualidade foi a prioridade da indústria na certificação dos seus processos de gestão. Actualmente, toda a indústria possui estes certificados.

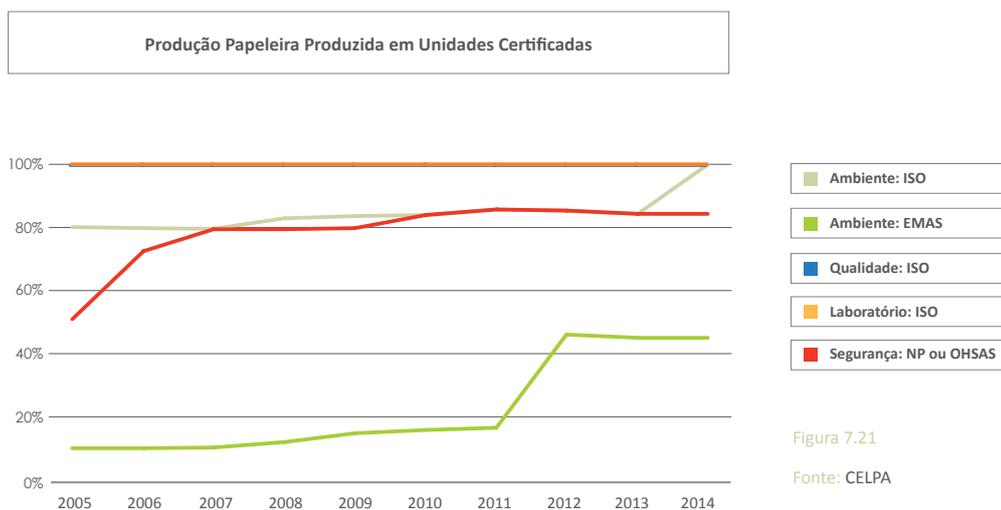
A gestão dos aspectos ambientais tem assumido um papel crescente na actividade da indústria papelreira nacional. Em consequência dessa actividade, surgem, em 1999, as primeiras unidades certificadas pela norma internacional ISO 14.001, e, em 2001, o primeiro certificado EMAS.

Em 2014, 100% da produção oriunda de fábricas associadas da CELPA (incluindo a Europa&C Kraft Viana) foi produzida em unidades certificadas pela ISO 14.001 e 46% em unidades certificadas pelo EMAS.

A certificação dos laboratórios atesta a qualidade dos processos laboratoriais utilizados no controlo de qualidade e de ambiente. Em 2014, todo o universo CELPA (incluindo a Europa&C Kraft Viana) dispunha destes certificados nos seus laboratórios.

A certificação de segurança foi o passo natural seguinte, sendo que, em 2014, 85% da produção CELPA (incluindo a Europa&C Kraft Viana) era já oriunda de unidades fabris que dispõem destes certificados.

Também no segmento da energia, houve uma evolução lógica no sentido da certificação, com cerca de 33% da produção das fábricas associadas da CELPA (incluindo a Europa&C Kraft Viana) a ter origem em unidades certificadas pela ISO 50.001.



08

Indústria Papeleira Portuguesa

INDICADORES ENERGÉTICOS

Biomassa representou 68% dos combustíveis consumidos.

Total de energia vendida à rede cresceu 1,7%.

Consumo total de energia diminuiu cerca de 1%.





8.1 Consumo de Combustíveis

**Consumo de Biomassa diminuiu cerca de 2%.
Biomassa representou 68% dos combustíveis consumidos.
Total de energia vendida à rede cresceu 1,7%, em 2014.**

O consumo total de energia diminuiu cerca de 1% em 2014, tendo-se fixado em 71 012 TJ, acompanhado por aumentos de produção.

Os biocombustíveis continuam a representar a fracção dominante dos combustíveis consumidos por este sector, representando cerca de 68% do total, tendo o seu consumo diminuído cerca de 1% em 2014. O principal destes combustíveis é o licor negro – subproduto da produção de pasta – que representou, em 2014, 83% dos biocombustíveis consumidos.

No consumo de combustíveis fósseis verificou-se também um aumento de cerca de 3% face aos valores de 2013. Tal facto resulta dos aumentos de produção referidos anteriormente, bem como do aumento da produção de electricidade por cogeração.

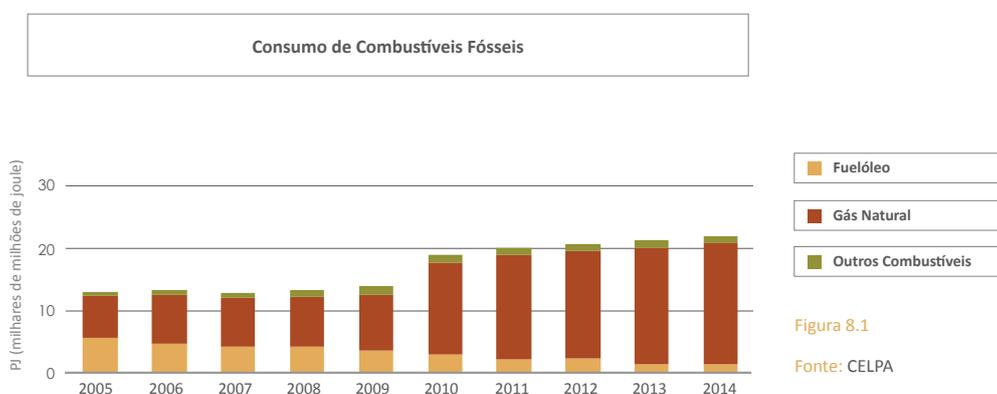


Figura 8.1

Fonte: CELPA

Em 2014, manteve-se a tendência de aumento dos anos anteriores no consumo de gás natural, que representa 88% dos combustíveis fósseis. O consumo de fuelóleo conheceu um ligeiro aumento em 2014 de 1%, tendo representado cerca de 7% dos combustíveis fósseis utilizados.

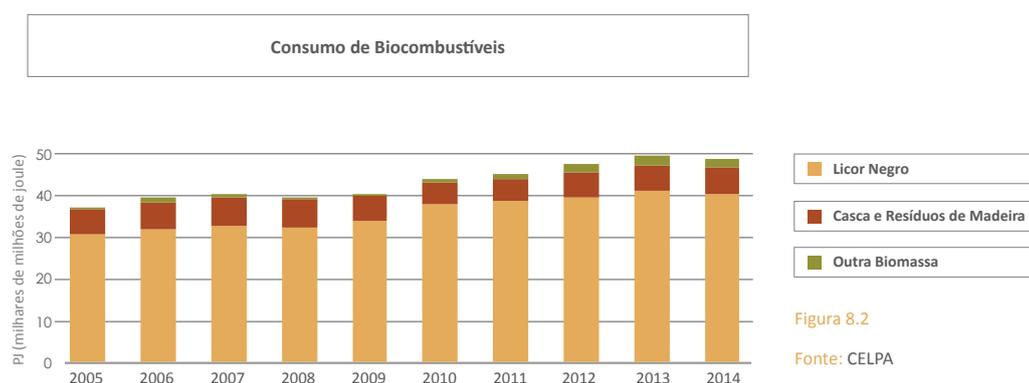


Figura 8.2

Fonte: CELPA

8.2 Produção e Consumo de Electricidade

**Produção de electricidade por cogeração cresceu 1,2%.
Consumo de electricidade decresceu 0,9%.
Fornecimento líquido de electricidade à rede foi cerca de 1102 GWh.**



Em 2014, este sector manteve-se excedentário na produção de electricidade, com a produção a ultrapassar o consumo em cerca de 43%.

O consumo de energia eléctrica diminuiu 0,9% face a 2013, sendo acompanhado por um aumento de cerca de 2% na produção.

A produção de electricidade deste sector cifrou-se, em 2014, em 3,67 TWh, enquanto que o consumo ficou pelos 2,57 TWh. O sector pasta e papel foi, portanto, responsável pelo fornecimento líquido de cerca de 1,10 TWh à rede.

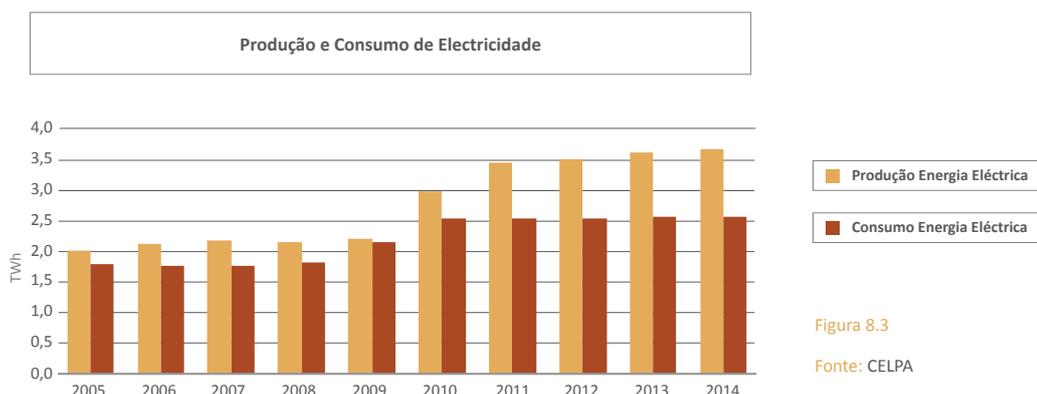


Figura 8.3

Fonte: CELPA

8.3 Estrutura Energética do Sector Pasta e Papel no Contexto Nacional

Só existem dados confirmados até 2012, pelo que os apresentados nesta edição do Boletim Estatístico, referentes a 2013, são apenas dados provisórios disponibilizados pela DGEG (Direcção Geral de Energia e Geologia).

Esta secção pretende contextualizar o desempenho da indústria papeleira na estrutura de produção de energia eléctrica do País. Baseia-se exclusivamente na informação disponibilizada pela Direcção Geral de Energia e Geologia, mais concretamente, nos Balanços Energéticos Nacionais. Esta informação está disponível em <http://www.dgeg.pt/>

A electricidade produzida neste sector utiliza sistemas de cogeração, onde é feita uma produção combinada de calor para uso industrial e de electricidade. Esta é uma das formas mais eficientes de utilização de fontes primárias de energia (combustíveis).

O sector pasta e papel tem investido muito nestas tecnologias e é hoje o principal produtor por cogeração, representando cerca de 45% do total nacional.

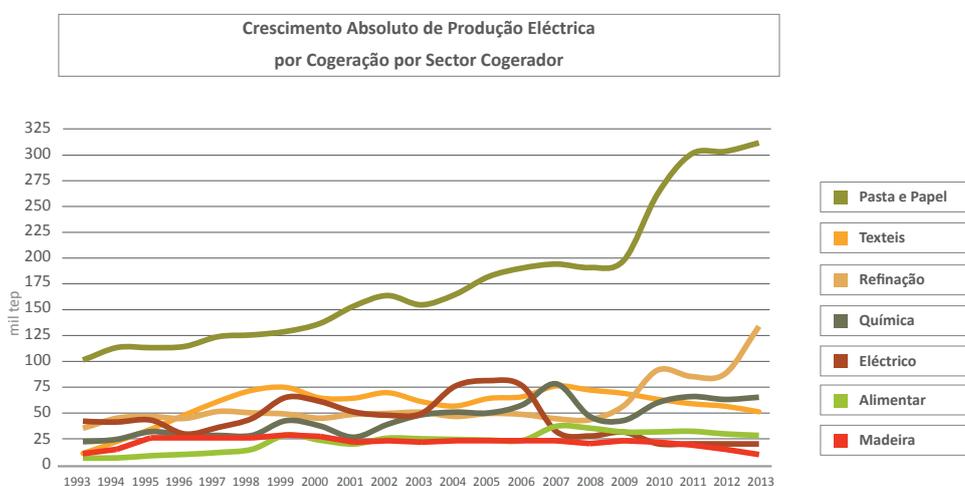


Figura 8.4

Fonte: DGEG



Os sectores cogeneradores foram responsáveis, em 2013, por 15% da electricidade produzida no País. O sector pasta e papel foi responsável pela produção de 6,7% do total nacional.

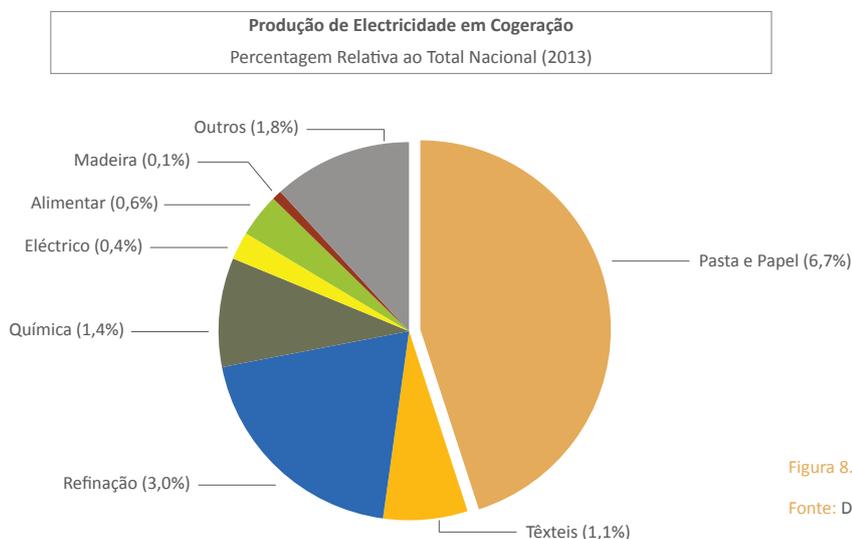


Figura 8.5
Fonte: DGEG

Em termos de auto-suficiência em electricidade (relação entre a electricidade total produzida pelo sector e o respectivo consumo), este sector perfila-se como um dos poucos a nível nacional com o estatuto de auto-suficiente.

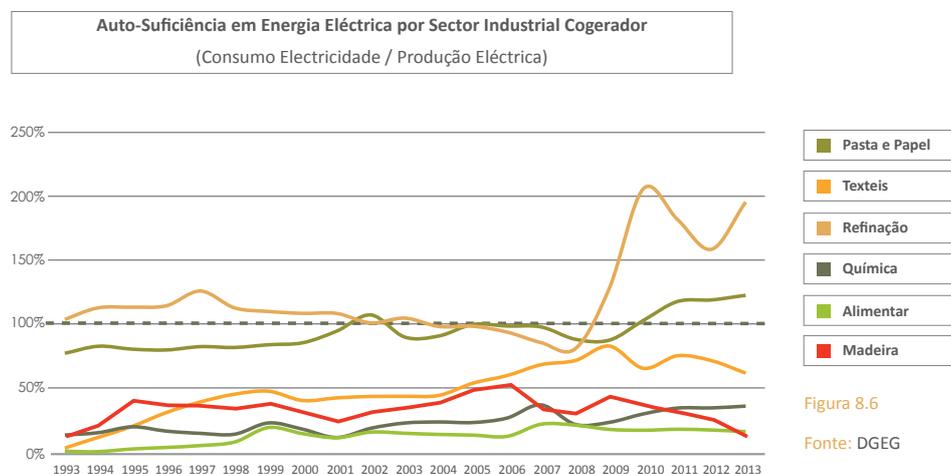
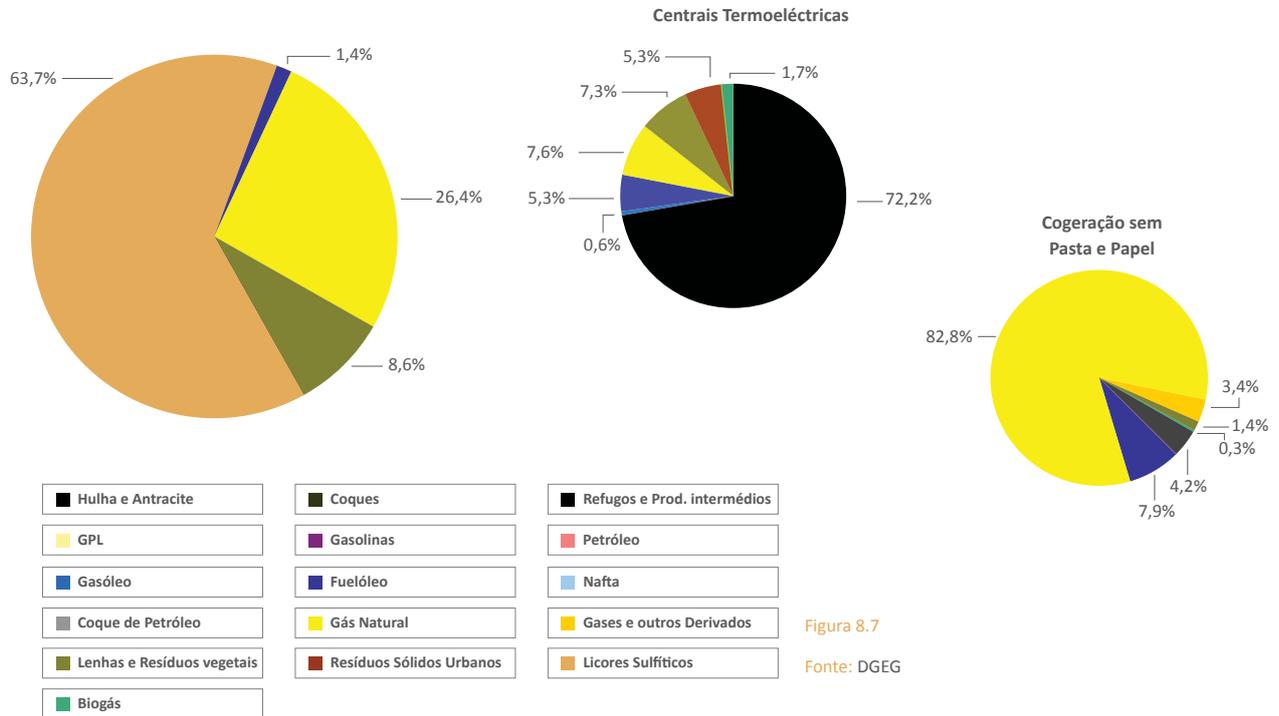


Figura 8.6
Fonte: DGEG

O sector pasta e papel é também o sector que mais biomassa utiliza no seu perfil de combustíveis (72,3%), quer quando comparado com as centrais termoeléctricas (9%), quer quando comparado com os restantes sectores cogeneradores (1,7%).



Perfil de Combustíveis em Cogeração do Sector Pasta e Papel (2013)

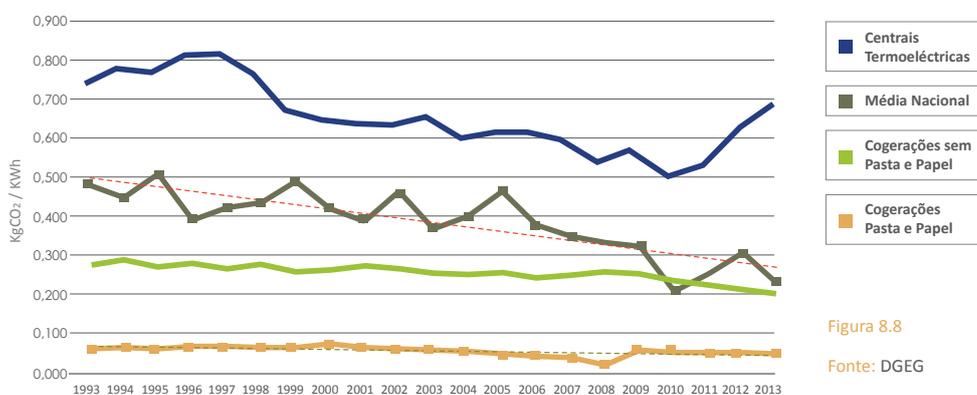


Uma consequência directa deste perfil de combustíveis, aliada à elevada eficiência das cogerações, encontra-se no factor de emissão de cada kWh produzido no sector pasta e papel, quando comparado com a energia eléctrica produzida noutros sectores e tecnologias.

O factor médio de emissão eléctrico em Portugal foi, em 2013, de 505 gCO₂/kWh (valor médio que inclui todas as fontes renováveis de energia).

No sector pasta e papel foram apenas emitidos 60 gCO₂/kWh (-88% do que a média nacional). Para produzir a mesma quantidade de energia, nos restantes sectores co-geradores, foram necessários 207 gCO₂ (+59% do que a média nacional) e 688 gCO₂ (36% acima da média nacional) nas centrais termoeléctricas.

Evolução das Emissões de CO₂ por kWh em Portugal



Os associados da CELPA são responsáveis por 2743 postos de trabalho directos.

Em 2014, a percentagem de colaboradores com habilitações superiores subiu para 20,9%.

A taxa de incidência de acidentes de trabalho foi, em 2014, de 0,52%.





9.1 Caracterização do Tecido Laboral

Nota: a estrutura associativa da CELPA alterou-se em 2013, pelo que não é possível a comparação directa entre os anos de 2013 e 2014 e os anteriores.

As empresas associadas da CELPA são responsáveis por 2743 postos de trabalho directos.

No entanto, o impacte social da indústria de pasta e papel, quer a montante quer a jusante, bem como nas actividades desenvolvidas à volta de cada centro fabril, é muito significativo, representando algumas dezenas de milhar de postos de trabalho.

Evolução do Emprego Directo										
	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Número Total Homens	3.118	2.869	2.828	2.859	2.845	2.820	2.738	2.723	2.431	2.404
Número Total Mulheres	463	384	394	407	405	401	392	392	337	339
Total Emprego Directo	3.581	3.253	3.222	3.266	3.250	3.221	3.130	3.115	2.768	2.743

Tabela 9.1

Fonte: CELPA

Em 2014, a percentagem de trabalhadores efectivos fixou-se nos 96,7%.

Evolução do Emprego Efectivo										
	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Trabalhadores Efectivos	3.442	3.147	3.122	3.128	3.106	3.063	3.032	2.999	2.693	2.653
% do Total	96,1%	96,7%	96,9%	95,8%	95,6%	95,1%	96,9%	96,3%	97,3%	96,7%

Tabela 9.2

Fonte: CELPA

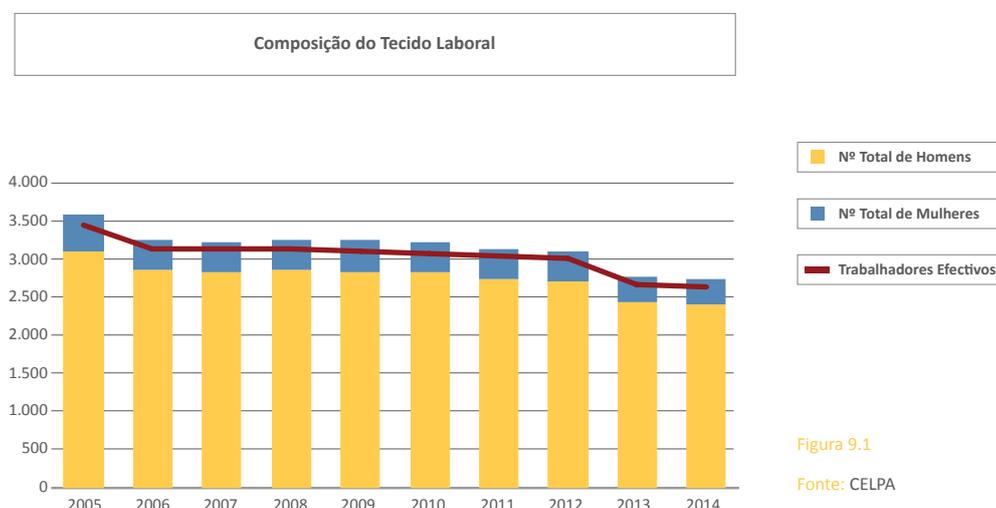


Figura 9.1

Fonte: CELPA

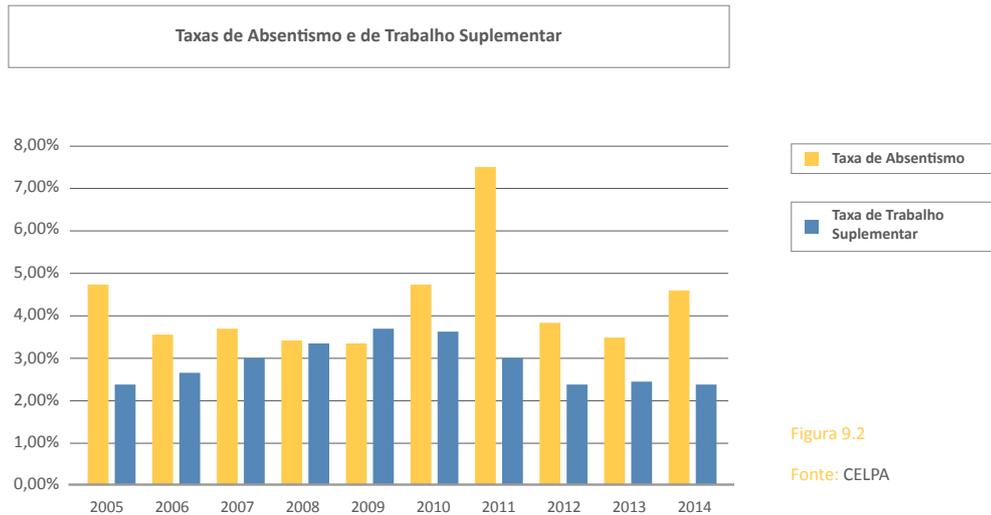


Figura 9.2

Fonte: CELPA

Em 2014 verificou-se uma redução de 2,96% nos custos por trabalhador.

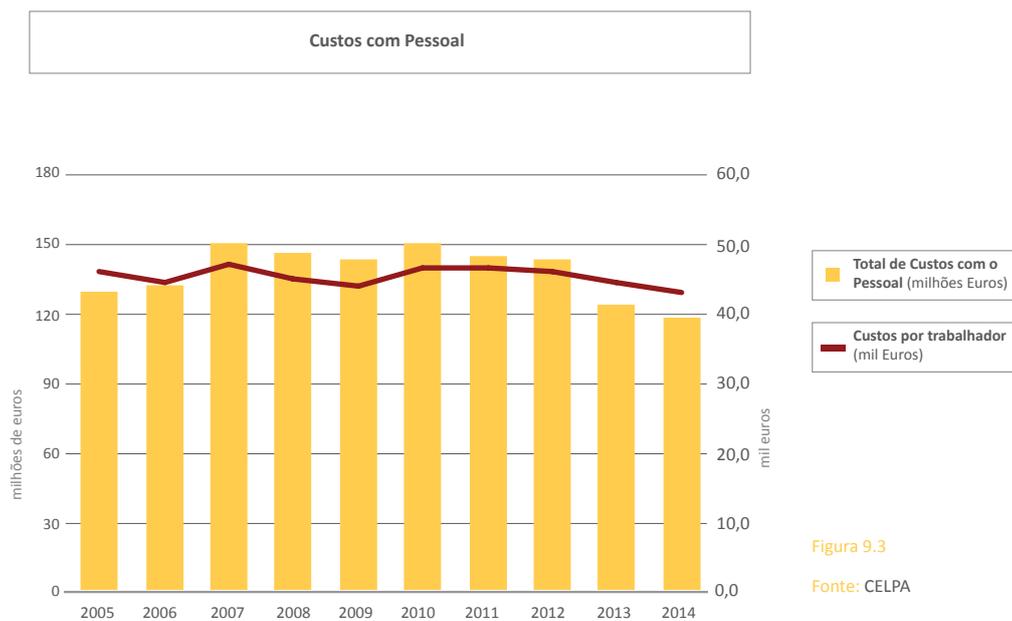


Figura 9.3

Fonte: CELPA

9.2 Qualificação e Formação

As empresas do sector de pasta e papel apostam, desde longa data, na qualificação dos seus colaboradores.

Em termos gerais, ao longo dos últimos 10 anos verifica-se uma maior qualificação dos colaboradores, quer masculinos quer femininos.

Entre 2005 e 2014, a percentagem de colaboradores com habilitações superiores subiu de 15,3% para 20,9%.

No caso dos colaboradores femininos, a evolução do número de pessoas com formação superior passou de 32,8% para 52,4%.



Distribuição dos Trabalhadores por Nível de Formação

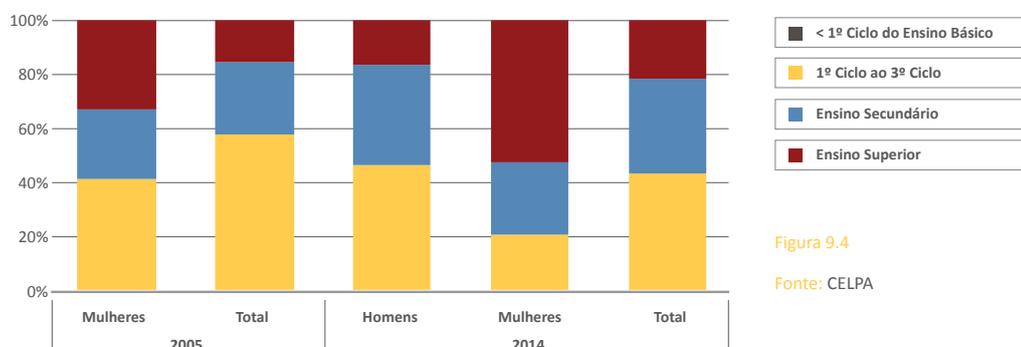


Figura 9.4
Fonte: CELPA

O número total de horas de formação foi de 94 mil horas, mantendo-se a taxa de formação em torno dos 2%.

Evolução das Horas de Formação										
	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Nº Total de Horas de Formação	92.840	90.580	153.648	123.751	187.969	112.402	117.895	108.707	114.126	94.076
Taxa de Formação	1,7%	1,7%	2,6%	2,1%	3,2%	2,0%	2,1%	1,9%	2,2%	1,9%

Tabela 9.3
Fonte: Universo CELPA

9.3 Segurança Ocupacional

As preocupações com a segurança no trabalho são constantes e bem presentes na gestão diária das empresas. Esta preocupação implica um conjunto de ações de formação sobre os vários aspectos de segurança associado a cada uma das funções com mais risco de acidente, bem como um aumento do investimento na estrutura de medicina do trabalho por parte das empresas.

Em 2014 a despesa com medicina no trabalho por trabalhador aumentou 3,0% quando comparada com 2013.



Indicadores de Saúde Ocupacional										
	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Total de exames médicos efectuados	8.453	10.374	10.431	12.671	10.509	6.164	5.019	5.741	4.256	8.769
Exames de admissão	288	47	90	111	131	103	69	164	136	58
Exames periódicos	2.521	2.349	2.377	2.125	2.540	2.551	2.633	2.768	2.941	2.125
Exames ocasionais e complementares	5.644	7.978	7.964	10.435	7.838	3.510	2.317	2.809	2.179	6.586
Nº de visitas efectuadas aos postos de trabalho	71	55	73	68	64	43	48	39	47	86
Despesa com medicina do trabalho (euros)	792.652	736.22	888.482	937.688	427.698	507.168	848.434	1.141.581	1.023.073	1.044.425
Por trabalhador (euros)	221	212	276	287	132	157	271	366	370	381

Tabela 9.4

Fonte: CELPA

Em 2014, verificou-se uma diminuição de 8,2% nos custos de segurança e saúde ocupacional por trabalhador.

Investimentos em Segurança (euros)										
	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Total de investimentos em segurança e saúde ocupacional	2.426.110	2.715.272	2.159.505	3.760.153	2.093.491	1.936.696	2.780.392	2.232.948	1.731.411	1.574.237
Medicina do trabalho e segurança no trabalho	1.745.957	1.665.958	1.061.495	2.707.376	1.122.182	1.281.337	1.453.939	1.006.549	798.040	780.882
Equipamentos de protecção	297.475	670.291	358.073	352.235	495.365	264.415	560.598	531.570	366.152	303.453
Formação em prevenção de riscos	206.792	102.769	232.074	332.180	262.342	217.402	367.807	251.005	266.220	252.071
Outros custos	175.886	276.254	507.863	368.363	213.602	173.542	398.048	443.824	300.999	237.830
Total por trabalhador	677	835	670	1 151	644	601	888	717	626	574
Medicina do trabalho e segurança no trabalho	488	512	329	829	345	398	465	323	288	285
Equipamentos de protecção	83	206	111	108	152	82	179	171	132	111
Formação em prevenção de riscos	58	32	72	102	81	67	118	81	96	92
Outros custos	49	85	158	113	66	54	127	142	109	87

Tabela 9.5

Fonte: CELPA



9.4 Acidentes de Trabalho

A taxa de incidência de acidentes de trabalho foi, em 2014, de 0,52%.

O número de horas perdidas em acidentes de trabalho foi de 25,4 mil horas, tendo sido declarado 1 caso de incapacidade.

Evolução dos Acidentes de Trabalho										
	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Horas perdidas em acidentes de trabalho	33,158	31,497	31,554	35,973	28,323	27,228	26,657	27,121	23,517	25,381
Nº de casos de incapacidades declaradas anualmente	0	0	1	6	17	18	10	6	2	1

Tabela 9.6

Fonte: CELPA

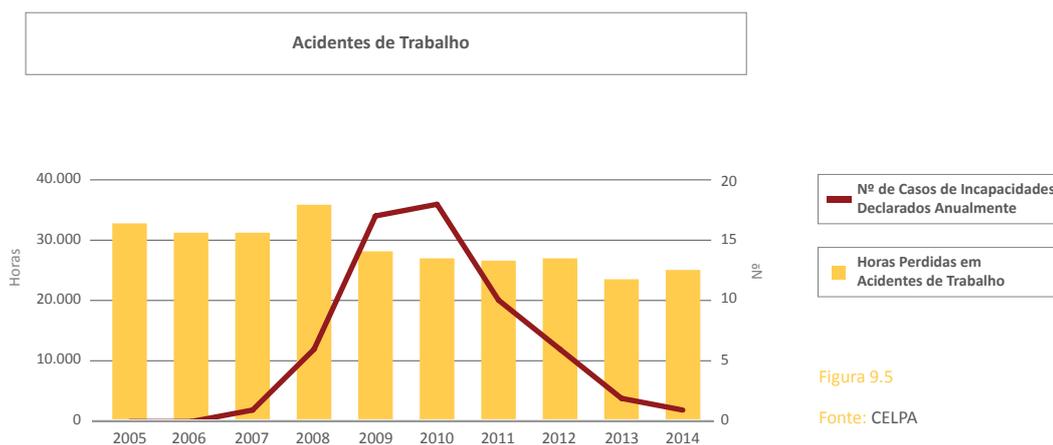


Figura 9.5

Fonte: CELPA

10

Indústria Papeleira Portuguesa

INDICADORES FINANCEIROS

O valor das vendas cifrou-se em 2.235 milhões de euros.

O resultado líquido das empresas associadas da CELPA foi de 224 milhões de euros.





Nota: a estrutura associativa da CELPA alterou-se em 2013, pelo que não é possível a comparação directa entre os anos de 2013 e 2014 e os anteriores.

Em 2014, a actividade económica caracterizou-se por um crescimento modesto, quer a nível nacional quer a nível europeu, o que é comprovado pelo facto da taxa de desemprego nacional não ter ido abaixo dos 13,5%. As incertezas ao nível da evolução da política europeia relativamente ao problema do endividamento dos Estados, fez com que os níveis de confiança dos consumidores e da indústria a nível europeu baixassem em 2014.

Em termos globais, o comércio mundial não aumentou, existindo antes um contexto de incerteza relativamente ao crescimento económico em várias regiões do globo, que se consubstanciou na existência de taxas de juro muito baixas na Europa, bem como de situações de deflação.

Em Portugal, em 2014, terminou o programa de assistência económica e financeira, tendo-se verificado um crescimento do PIB em 0,9% após três anos de crescimentos negativos.

Assim, foi num contexto económico difícil que o Sector da Pasta e do Papel nacional registou um comportamento global positivo, mantendo os valores de produção e de vendas dos anos anteriores. De facto, os resultados económicos de 2014 são o reflexo do bom desempenho que a indústria papelreira portuguesa continua a registar numa época de crise económica e de abrandamento do comércio internacional, continuando a contribuir, de forma efectiva, para a Economia Nacional.

Variação Anual de Alguns Indicadores do Sector da Pasta e do Papel (Un. Mil Euros)										
	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Vendas	1.451.868	1.580.595	1.699.777	1.623.091	1.581.393	2.171.118	2.191.877	2.374.662	2.245.738	2.234.905
Resultado Líquido	78.614	190.919	248.605	166.288	111.414	294.322	244.174	291.468	266.727	224.218
Resultado Operacional	167.878	290.600	362.180	200.036	120.851	437.996	387.682	416.447	345.459	313.944
Amortizações	175.491	113.767	105.173	116.768	168.203	184.211	208.139	178.511	152.285	160.241
Activo Total Bruto	5.435.907	5.763.499	6.525.648	6.918.285	7.157.122	7.284.597	6.195.222	6.262.891	6.001.293	5.743.456
Activo Total Líquido	2.818.565	2.895.802	3.566.311	3.855.923	4.024.873	4.183.694	4.265.403	4.238.546	4.266.840	4.145.887
Activo Fixo (bruto)	4.422.717	4.599.376	4.737.017	5.329.947	5.447.238	4.834.659	4.730.854	4.784.826	4.391.331	4.242.406
Passivo Total	1.407.772	1.367.294	1.911.589	2.117.527	2.271.550	2.401.872	2.344.786	2.299.726	2.219.409	2.148.585
Capital Próprio	1.410.794	1.528.507	1.654.720	1.738.743	1.753.323	1.833.854	2.062.380	2.080.600	2.098.911	2.054.248
Valor Acrescentado Bruto	553.123	626.951	655.885	521.319	439.344	798.736	759.562	747.252	647.126	603.343

Tabela 10.1

Fonte: CELPA

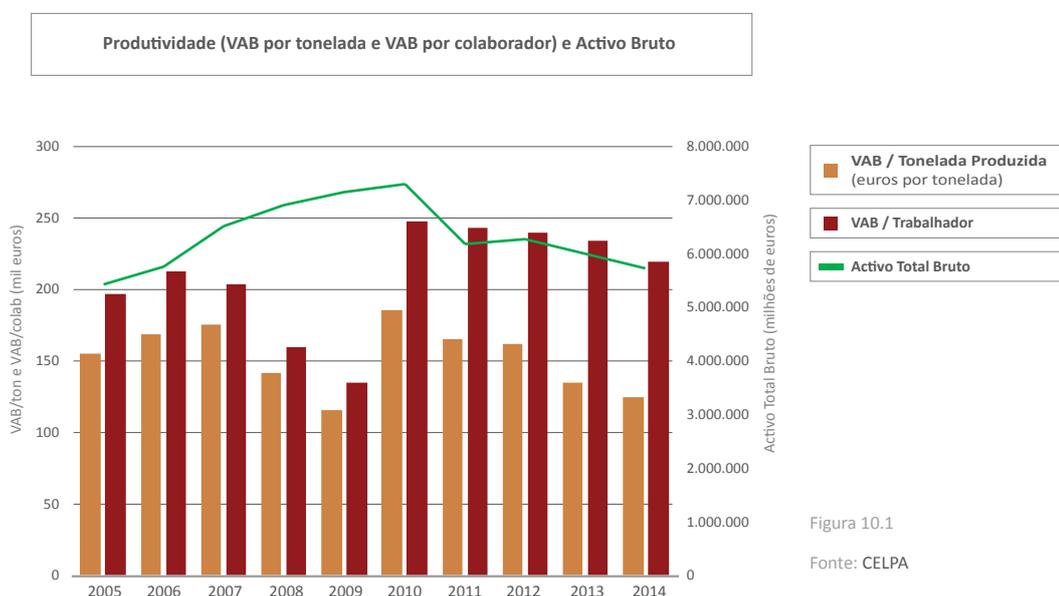


Figura 10.1

Fonte: CELPA



Indicadores Financeiros do Sector da Pasta e do Papel										
	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Rendibilidade Líquida das Vendas *	5,4%	12,1%	14,6%	10,2%	7,0%	13,6%	11,1%	12,3%	11,9%	10,0%
Rendibilidade dos Capitais Próprios *	5,6%	12,5%	15,0%	9,6%	6,4%	16,0%	11,8%	14,0%	12,7%	10,9%
Vendas / Capital Próprio	102,9%	103,4%	102,7%	93,3%	90,2%	118,4%	106,3%	114,1%	107,0%	108,8%
Passivo Total / Capital Próprio	99,8%	89,5%	115,5%	121,8%	129,6%	131,0%	113,7%	110,5%	105,7%	104,6%
Rendibilidade Operacional das Vendas *	23,7%	25,6%	27,5%	19,5%	18,3%	28,7%	27,2%	25,1%	22,2%	21,2%
Rendibilidade dos Capitais Investidos *	2,8%	6,6%	7,0%	4,3%	2,8%	7,0%	5,7%	6,9%	6,3%	5,4%
VAB/Tonelada Produzida (euros por tonelada)	155	169	176	142	116	186	166	162	135	125
Produtividade (mil euros por trabalhador) *	197	213	204	160	135	248	243	240	234	220
Capital Próprio / Activo Total Líquido	50,1%	52,8%	46,4%	45,1%	43,6%	43,8%	48,4%	49,1%	49,2%	49,5%

Tabela 10.2

Fonte: CELPA

* Rendibilidade Líquida das Vendas = Resultado Líquido / Vendas

Rendibilidade dos Capitais Próprios = Resultado Líquido / Capital Próprio

EBITA = Resultados Operacionais + Amortizações

Rendibilidade Operacional das Vendas = EBITA / Vendas

Rendibilidade dos Capitais Investidos = Resultado Líquido / Activo Total Líquido

Total Investimento = Imob. Corpóreo + Imob. Incorpóreo

Produtividade = VAB / N^o Trabalhadores

O SECTOR PASTA E PAPEL NA REGIÃO CEPI E NO MUNDO

Em 2014, a produção europeia de pasta para papel diminuiu 2,0% para os 36,5 milhões de toneladas.

A produção europeia de papel diminuiu 0,1% para os 91,1 milhões de toneladas.

Portugal é o 3º maior produtor europeu de pasta, com 7,2% do total e também o 3º maior produtor europeu de pastas químicas, com 10,0% da produção deste tipo de pasta.

Portugal é o 11º maior produtor europeu de papel e cartão, com 2,4% do total e o 2º maior produtor europeu de papel e cartão não revestido (UWF) com 21,5% da produção total deste tipo de papel.





Pretende-se com este capítulo dar uma perspectiva geral do desenvolvimento das produções de produtos papeiros na Europa e no Mundo e do posicionamento de Portugal num mercado cada vez mais global. Baseia-se exclusivamente em informação disponibilizada pela Confederação Europeia da Indústria Papeira (CEPI).

Mais informação, para além da aqui publicada, está disponível em <http://www.cepi.org/>

11.1 Pastas para Papel

Em 2014, a produção europeia de pastas para papel diminuiu 2,0% face a 2013, para os 36,5 milhões de toneladas.

Portugal é o 3º maior produtor europeu de pasta, passando a Alemanha, com 7,2% do total e também o 3º maior produtor de pastas químicas, com 10,0% da produção deste tipo de pasta.

Em 2014, registou-se uma quebra de produção de pasta mecânica e semi-química, em todas as regiões. Quanto à produção de pasta química, apenas se registaram aumentos face a 2013 no Japão, Coreia do Sul e no Brasil.

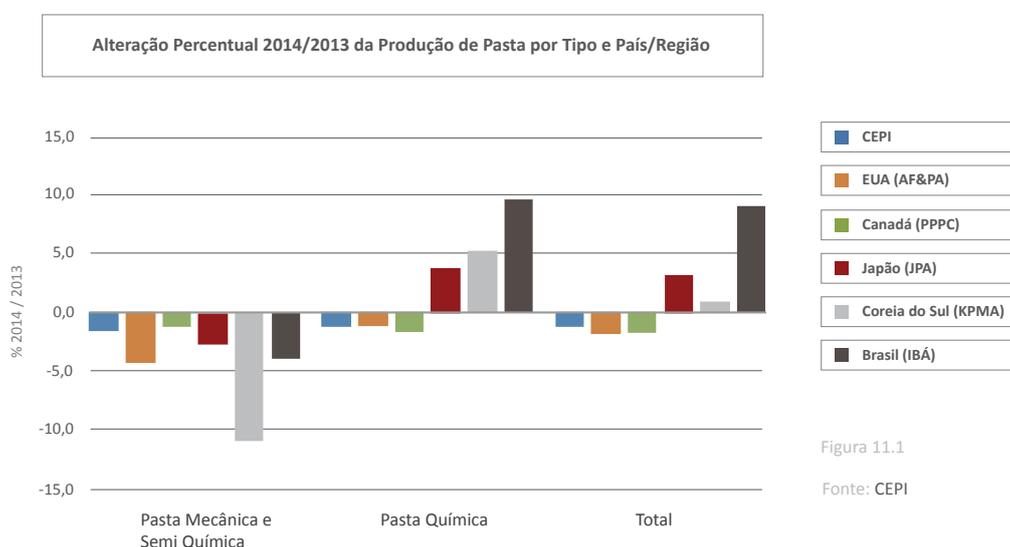


Figura 11.1

Fonte: CEPI

Os países que compõem a CEPI, entre os quais se encontra Portugal, diminuíram em 2,0% a produção de pasta face a 2013, para os 36,5 milhões de toneladas.

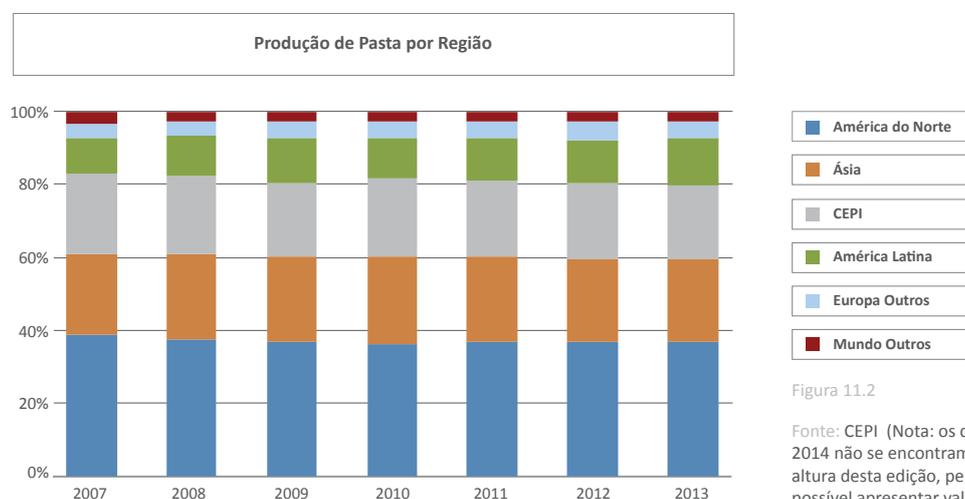


Figura 11.2

Fonte: CEPI (Nota: os dados mundiais de 2014 não se encontram disponíveis na altura desta edição, pelo que apenas é possível apresentar valores até 2013)

Em 2013, a CEPI representou 20,4% da produção e 22,8% do consumo mundial de pasta.

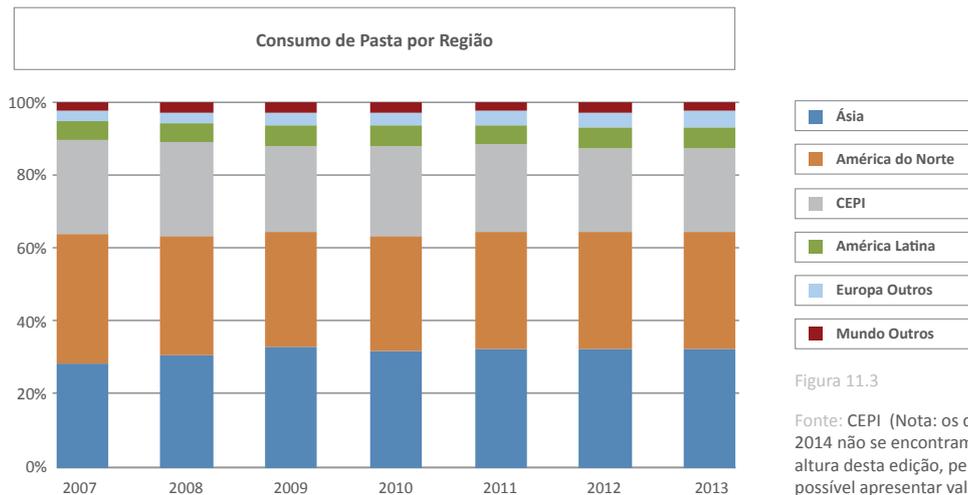


Figura 11.3

Fonte: CEPI (Nota: os dados mundiais de 2014 não se encontram disponíveis na altura desta edição, pelo que apenas é possível apresentar valores até 2013)

Os principais países europeus produtores de pasta são, de forma destacada, a Suécia e a Finlândia, com 31,6% e 28,3% do total, respectivamente.

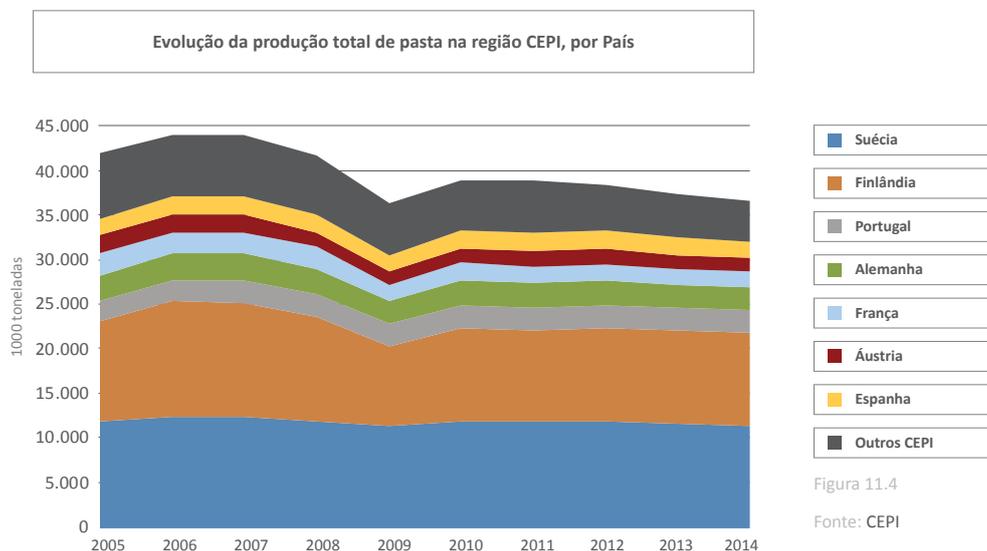


Figura 11.4

Fonte: CEPI

Em 2014, Portugal passou a ocupar o 3º lugar europeu na produção de pasta, passando a Alemanha, com 7,2% do total. Se considerarmos apenas as pastas químicas, uma vez que Portugal não produz pastas mecânicas, o nosso País também é o 3º produtor europeu, com 10,0% da produção deste tipo de pasta.

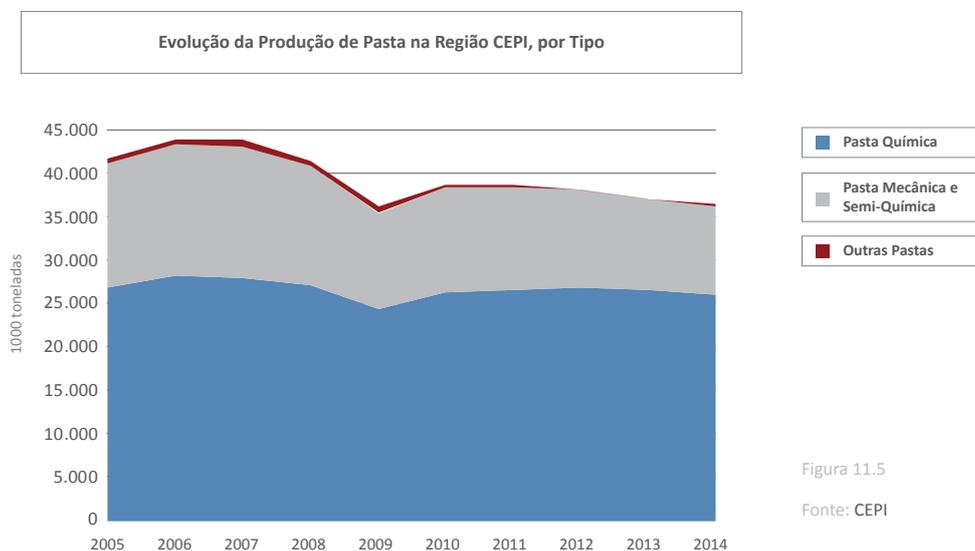


Figura 11.5

Fonte: CEPI



Em 2014, 72,2% da produção europeia foram pastas químicas, o que representa uma quebra de 1,6% face a 2013. As pastas mecânicas e semi-químicas representaram 27,8% da produção europeia e também diminuíram 2,5% face a 2013.

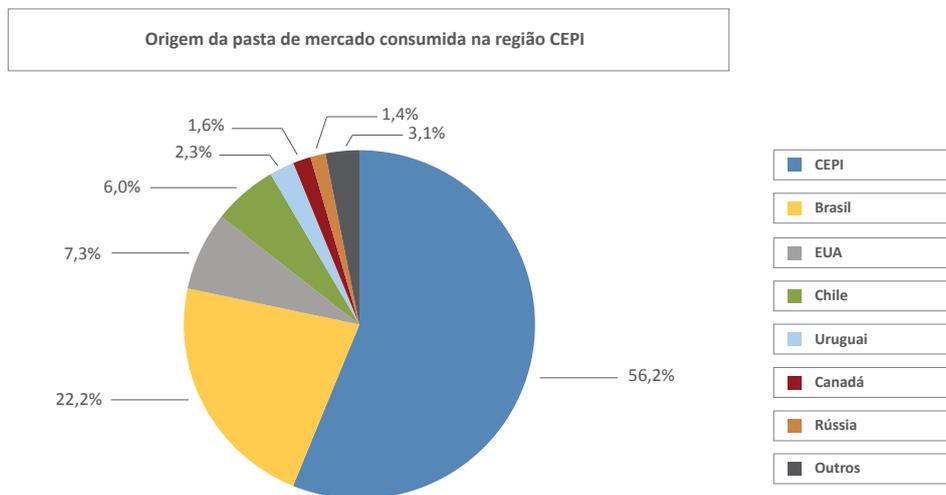


Figura 11.6

Fonte: CEPI

A maioria da pasta de mercado consumida na região CEPI (56,2%) foi produzida nesta mesma região, sendo a restante originária do Brasil (22,2%), EUA (7,3%), Chile (6,0%), Uruguai (2,3%), Canadá (1,6%) e Rússia (1,4%).

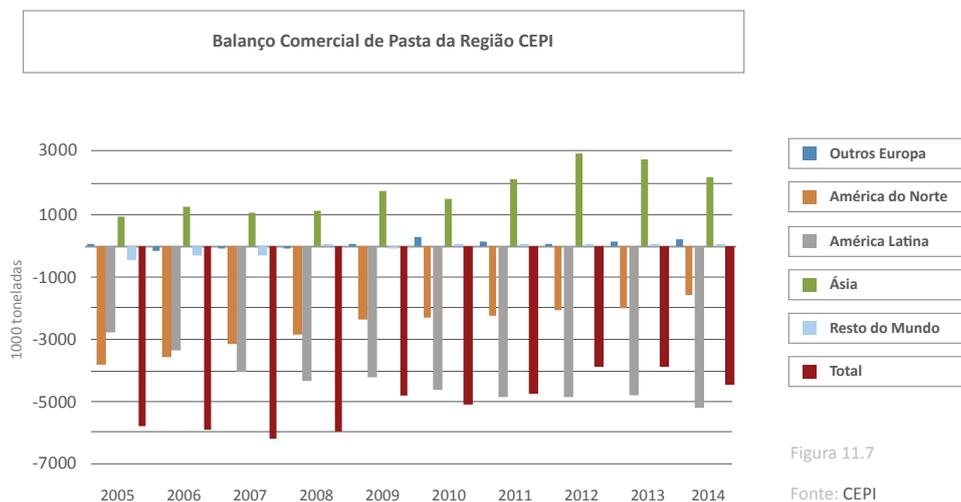


Figura 11.7

Fonte: CEPI

Os países da região CEPI são importadores líquidos de pasta com um balanço negativo a rondar, nos últimos 10 anos, os 5,1 milhões de toneladas anuais.

As principais origens da pasta importada são a América Latina e a América do Norte, sendo a Ásia o principal destino da pasta exportada.

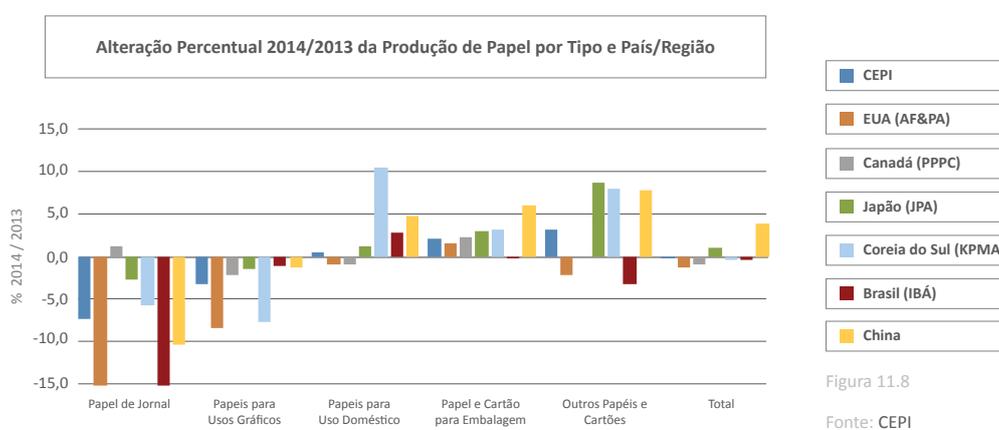


11.2 Papel e Cartão

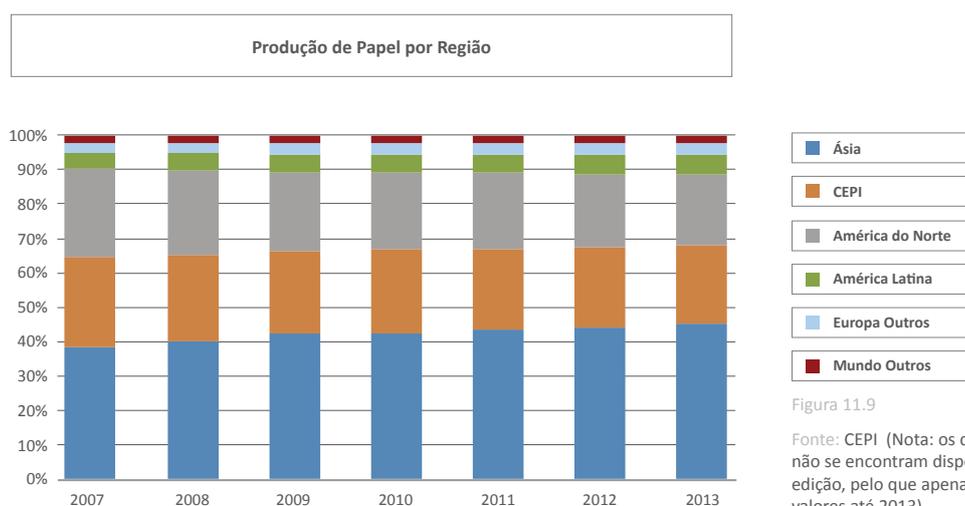
Em 2014, a produção europeia de papel e cartão diminuiu 0,1%, situando-se em 91,1 milhões de toneladas.

Portugal mantém-se como o 11º maior produtor europeu de papel e cartão, com 2,4% do total e o 2º maior produtor europeu de papel e cartão não revestido (UWF), com 21,5% da produção total deste tipo de papel.

A análise da produção mundial em 2014, comparativamente a 2013, mostra que o papel de jornal e os papéis para usos gráficos registaram quebras em todas as regiões, ao contrário dos papéis para uso doméstico e sanitário e do papel e cartão para embalagem, cuja produção aumentou face a 2013.



Os países que compõem a CEPI, entre os quais se encontra Portugal, apresentaram em 2014 uma diminuição na produção de papel e cartão de 0,1%, para 91,1 milhões de toneladas.



Em 2013, a CEPI representou 22,7% da produção e 18,9% do consumo mundial de papel.

Nota-se uma alteração na distribuição do consumo mundial de papel, com diminuições, entre 2007 e 2013, na Europa e Estados Unidos da América e aumentos em todas as outras regiões.



Consumo de Papel por Região

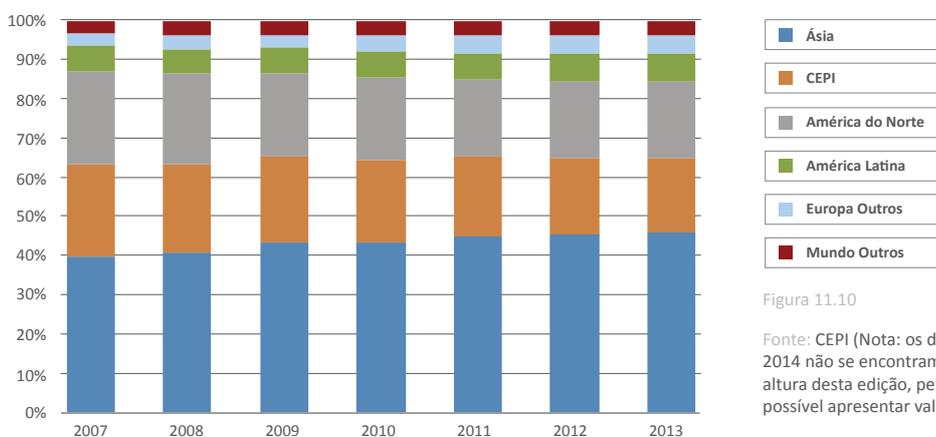


Figura 11.10

Fonte: CEPI (Nota: os dados mundiais de 2014 não se encontram disponíveis na altura desta edição, pelo que apenas é possível apresentar valores até 2013)

Os principais países europeus produtores de papel e cartão são a Alemanha, a Suécia e a Finlândia, com 24,8%, 11,4% e 11,4% do total, respectivamente.

Evolução da Produção de Papel na Região CEPI, por País

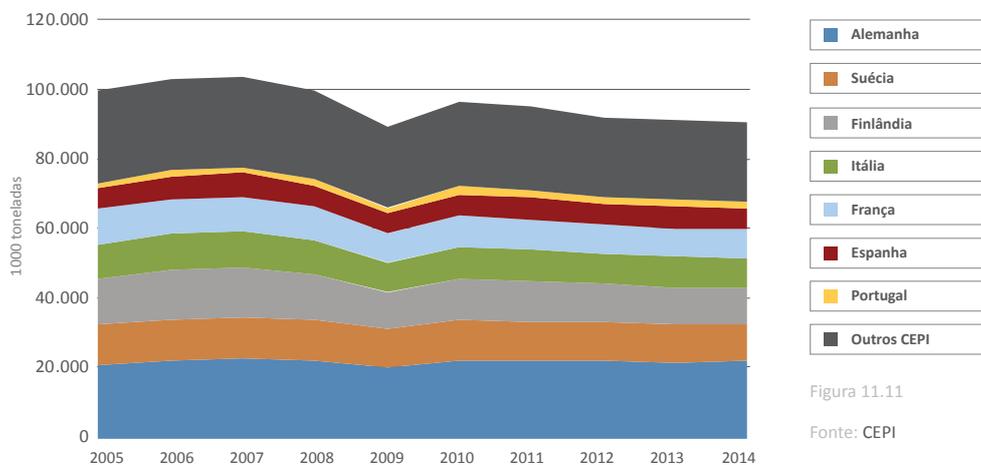
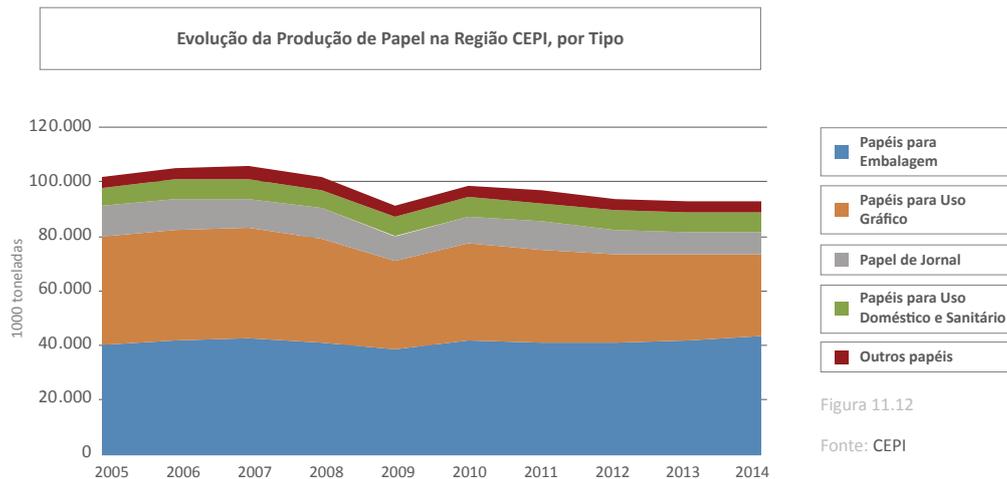


Figura 11.11

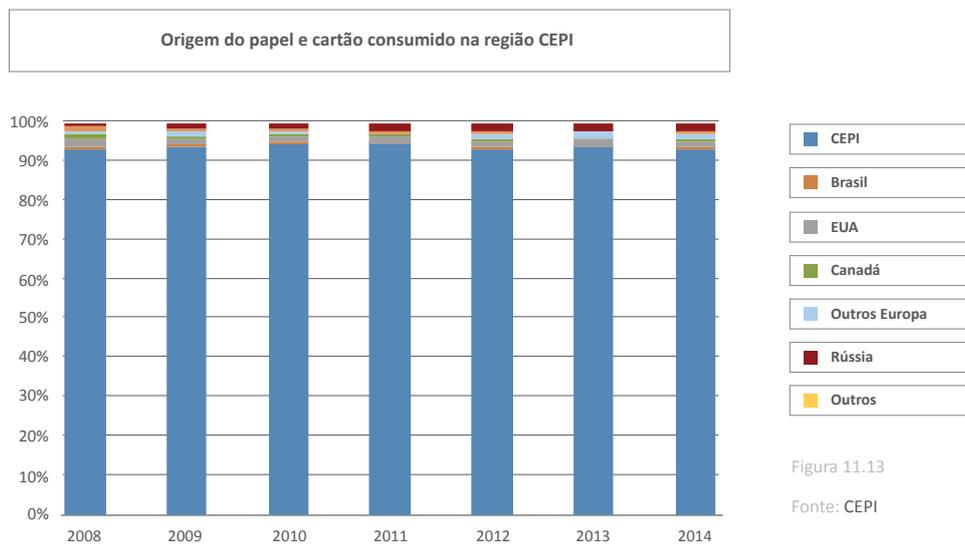
Fonte: CEPI

Em 2014, Portugal ocupa o 11º lugar europeu na produção de papel e cartão, com 2,4% do total.

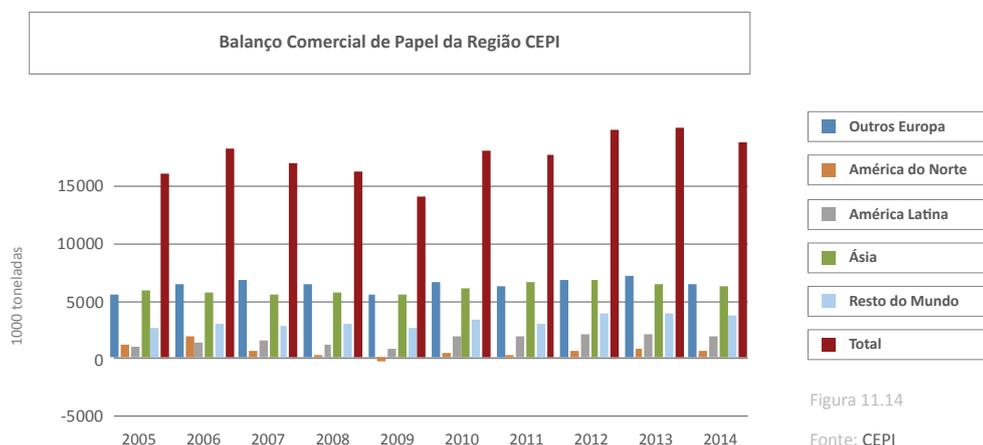
Se apenas considerarmos a produção de papel e cartão não revestido (UWF), que representa 72,0% da produção nacional, Portugal ocupa o 2º lugar europeu, com 21,5% do total deste tipo de papel.



Em 2014, 47,5% da produção europeia foram papéis para embalagem que aumentou 3,4% face a 2013. Seguem-se os papéis para usos gráficos, que representam 32,2% do total e cuja produção diminuiu 2,3% em relação a 2013.



A maioria do papel consumido na região CEPI (93,3%) foi produzida nesta mesma região, sendo o restante originário dos EUA (1,6%), Rússia (0,7%), Brasil (0,4%) e Canadá (0,3%).





Os países da região CEPI são exportadores líquidos de papel, com um balanço positivo médio, nos últimos 10 anos, a rondar os 13 milhões de toneladas anuais.

As principais origens do papel importado são os outros países europeus e a América do Norte e os principais destinos os outros países europeus e a Ásia.

11.3 Papel para Reciclar

Os países da região CEPI são exportadores líquidos de papel para reciclar, sendo o principal destino a Ásia.

A recolha e a utilização de papel para reciclar no mundo fixaram-se, em 2013, nos 232,9 e 234,2 milhões de toneladas, respectivamente.

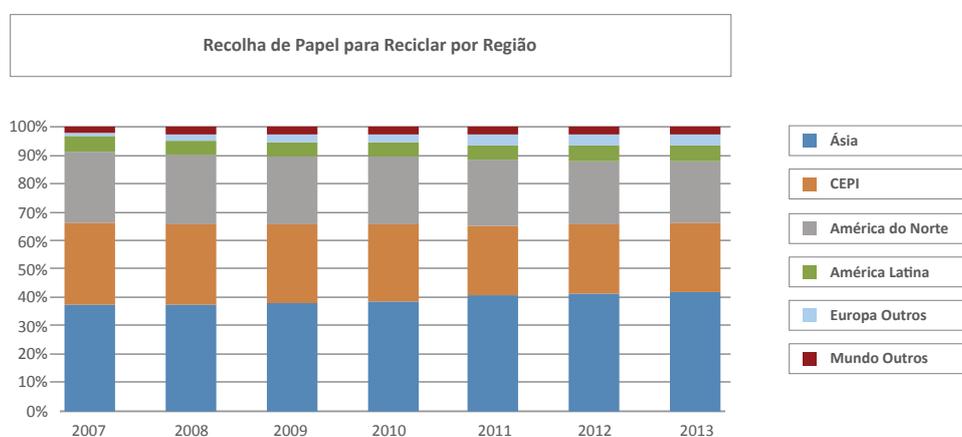


Figura 11.15

Fonte: CEPI (Nota: os dados mundiais de 2014 não se encontram disponíveis na altura desta edição, pelo que apenas é possível apresentar valores até 2013)

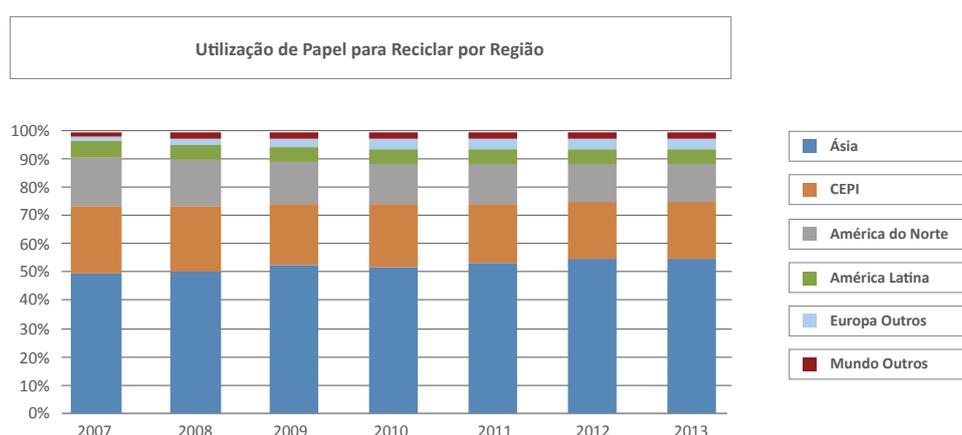


Figura 11.16

Fonte: CEPI (Nota: os dados mundiais de 2014 não se encontram disponíveis na altura desta edição, pelo que apenas é possível apresentar valores até 2013)

Os países da região CEPI são exportadores líquidos de papel para reciclar, com um balanço positivo médio, nos últimos 10 anos, a rondar os 8 milhões de toneladas anuais, sendo o principal destino a Ásia, mais concretamente a China.



Balço Comercial de Papel para Reciclar da Regio CEPI

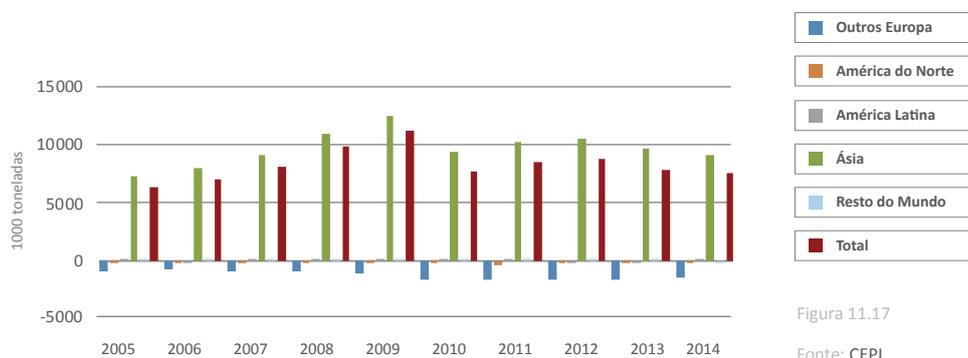
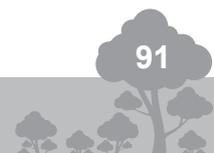
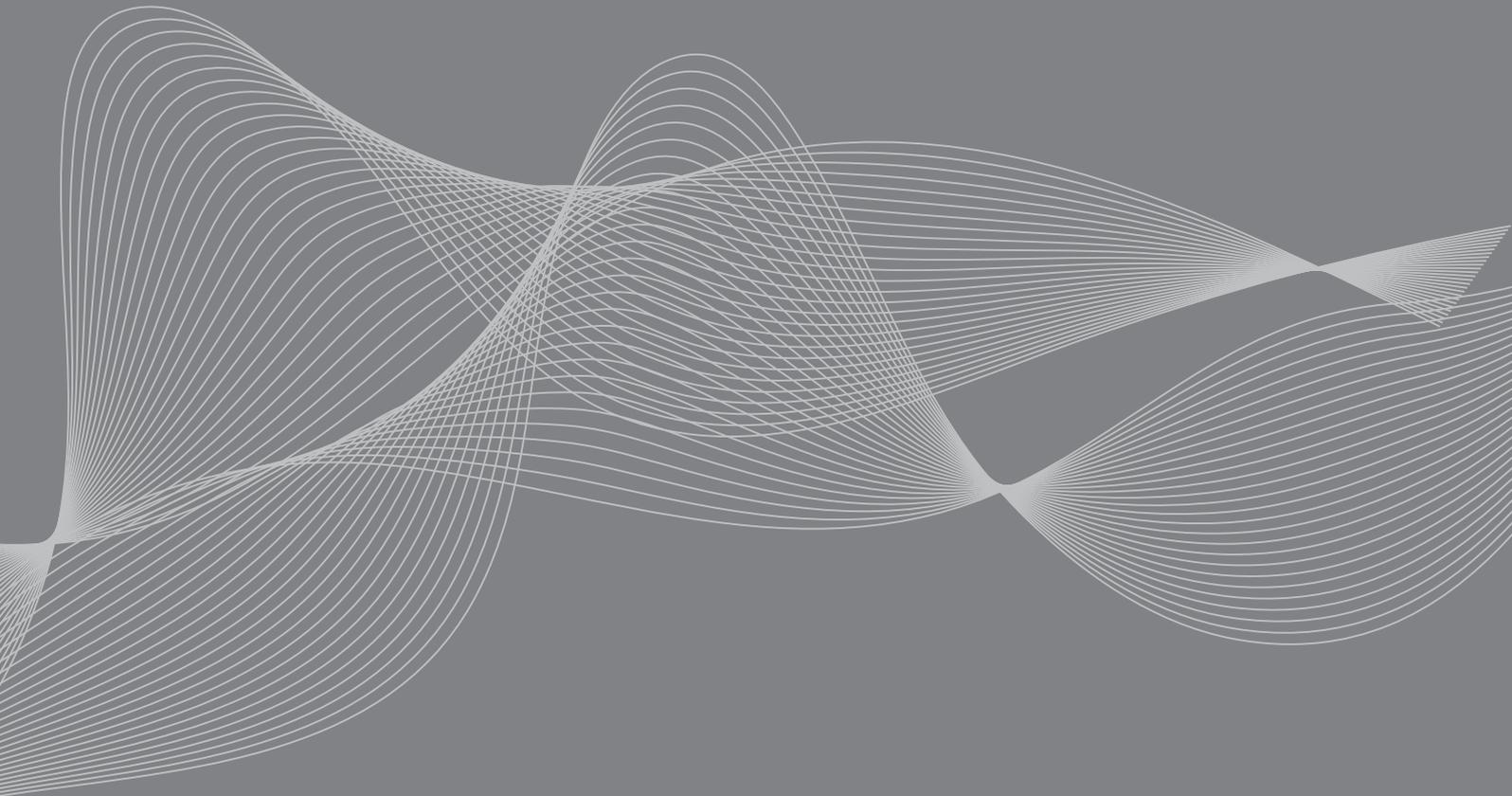


Figura 11.17

Fonte: CEPI







ICNF - Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas

Agricultura - Extensão de terreno que inclui as terras aráveis, culturas hortícolas e arvenses, pomares de fruto (excepto de castanheiro e de pinheiro manso), olivais, pastagens e pousios, que ocupam uma área superior ou igual a 0,5 hectares e largura não inferior a 20 metros. (AFN/IFN5, 2010).

Áreas ardidas - Terrenos de uso florestal, anteriormente ocupados por povoamentos florestais que devido à passagem de um incêndio estão actualmente ocupados por vegetação queimada ou solo nu, com presença significativa de material morto ou carbonizado. Tem uma área no mínimo de 0,5 hectares e largura não inferior a 20 metros. (AFN/IFN5, 2010).

Causalidade dos incêndios florestais - Uso do fogo (queima de lixo, queimadas, lançamento de foguetes, fogueiras, fumar, apicultura e chaminés), acidentais (transportes e comunicações, maquinarias e equipamento e outras causas acidentais), estruturais (caça e vida selvagem, uso do solo, defesa contra incêndios e outras causas estruturais), incendiário (inimputáveis e imputáveis), naturais (raio) e indeterminadas. (DGF/IFN, 2001).

Capacidade - Valor anual teórico da produção das máquinas, sem considerar as condições de mercado.

CEPI - Confederation of European Paper Industries.

Consumo de Pastas - Produção Integrada de Pastas + Vendas no Mercado Interno + Importações.

Consumo de Papel e Cartão - Produção + Importações - Exportações.

Espécie de árvore dominante - Espécie de árvore existente num povoamento florestal com a maior percentagem de coberto. (AFN/IFN5, 2010).

Exploração Florestal - Conjunto de operações necessárias para a transferência do material lenhoso produzido até ao local de transformação.

Floresta - Terrenos com mais de 20 metros de largura e área igual ou superior a 0,5 hectares ocupados com povoamentos florestais, áreas ardidas de florestas, áreas de corte raso ou outras áreas arborizadas. (AFN/IFN5, 2010).

Folhosas - Subdivisão do grupo de espécies de árvores florestais pertencentes ao grupo botânico das angiospérmicas dicotiledóneas que se caracterizam, de uma forma geral, por apresentarem flor e folhas planas e largas. Inclui o sobreiro, os eucaliptos, a azinheira, os carvalhos, o castanheiro e outras folhosas. (AFN/IFN5, 2010).

FMI - Fundo Monetário Internacional.

Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) - Representa o valor dos bens duradouros, destinados a fins não militares, adquiridos pelas unidades de produção residentes a fim de serem utilizados por um período superior a um ano no processo de produção e ainda o valor dos serviços incorporados nos bens de capital fixo (SEC - 79 § 337).

Grupos de Papéis Recuperados, segundo a classificação das qualidades Europeias de papéis recuperados (EN 643) -

Não escolhidos: A0, A1, A2, A3, A7, A9, B3

Papéis para Cartão Canelado: A4, A5, A6, D0, D1, D2, D3, D4, D5, D6

Papéis para Destintagem: A8, A10, A11, B1, B2, B4, B5, B6, B7, B8, B9, B10, B11, B12, B13, C1, C2, C3, C5, C6, C7, C10

Outros: C8, C9, C11, C12, C13, C14, C15, C16, C17, C18, C19

INE - Instituto Nacional de Estatística.

Improdutivos - Terrenos estéreis do ponto de vista da existência de comunidades vegetais ou com capacidade de crescimento extremamente limitada, quer em resultado de limitações naturais, quer em resultado de acções antropogénicas (ex: afloramentos rochosos e praias). Para uma área ser classificada como improdutivo terá que ocupar uma área superior a 0,5 hectares e uma largura não inferior a 20 metros. (AFN/IFN5, 2010).

Incultos - Terrenos ocupados por matos e pastagens naturais, que ocupam uma área superior ou igual a 0,5 hectares e largura não inferior a 20 metros. (DGF/IFN, 2001).



NUTS - Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos.

Outros Papéis para Fins Industriais e Especiais - Papel para cigarros e de filtro, folhas gessadas, papéis encerados e papéis com outros tratamentos e aplicações específicas.

Pasta Integrada - Pasta produzida destinada directamente à produção de papel dentro da mesma unidade fabril.

Pasta para Mercado - Pasta destinada à venda em mercado aberto nacional e estrangeiro.

Pasta Mecânica de Trituração - Pasta produzida triturando a madeira em fibras relativamente curtas. Esta pasta é usada principalmente para a produção de papel de jornal.

Pasta Mecânica Termo-mecânica (TMP) - Pasta produzida por um processo termo-mecânico no qual estilhas de madeira são “amolecidas” por vapor antes de passarem para um refinador pressurizado. As TMP são utilizadas principalmente nos mesmos tipos de papel das pastas mecânicas.

Em variantes dos dois processos anteriores produzem-se pastas de trituração pressurizadas e pastas mecânicas refinadas.

Pastas Semi-químicas - Pasta produzida por um processo com duas fases que envolve uma digestão parcial com produtos químicos, seguida por um tratamento mecânico, em refinador de disco. Esta pasta é principalmente utilizada na produção de folhas “fluting” para cartão canelado.

Pastas Semi-químicas: Químico termo-mecânica (CTMP) - Pasta produzida por um processo semelhante ao utilizado para pasta termo-mecânica (TMP) mas as estilhas de madeira são sujeitas a um tratamento químico antes de entrarem nos refinados. Estas pastas têm características apropriadas para fabricar “tissues”. Alguma pasta CTMP é utilizada para o fabrico de alguns tipos de papéis de impressão e escrita. As pastas CTMP são classificadas como pastas semi-químicas no Sistema Harmonizado do Conselho de Cooperação Aduaneira. Nas estatísticas da FAO e também em outras estatísticas da indústria, estas pastas químico-termo-mecânicas são agrupadas com as pastas mecânicas.

Pastas Químicas ao Sulfito - Pasta produzida pelo cozimento de estilhas de madeira num recipiente pressurizado na presença de licor de bissulfito. Os usos finais incluem papel de jornal, papéis de escrita, “tissues” e papéis de uso doméstico e sanitário. Esta pasta pode ser branqueada ou crua.

Pastas Químicas ao Sulfato (ou kraft) - Pasta produzida pelo cozimento de estilhas de madeira num recipiente pressurizado na presença de um licor de hidróxido de sódio (soda). Esta pasta pode ser crua ou branqueada. Os usos finais são muito numerosos, sendo a pasta branqueada utilizada em particular para papéis de usos gráficos, “tissues” e cartolinas. A pasta crua é utilizada geralmente para “liner”, para cartão canelado, papéis de embrulho, papéis de embalagem (sacos), envelopes e outros papéis especiais não branqueados.

Papel de Jornal - Papel utilizado principalmente para jornais. É fabricado principalmente com pasta mecânica e/ou papéis recuperados, com ou sem uma pequena quantidade de cargas. Os seus pesos variam de 40 a 52 gr/m² podendo chegar às 62 gr/m². O papel de jornal é de acabamento à máquina ou ligeiramente calandrado, branco ou pouco colorido e utilizado em bobinas para impressão normal, offset, etc.

Papel para Usos Gráficos não Revestido de Pasta Mecânica - Papel para imprensa e outros fins gráficos em que pelo menos 10% das fibras componentes são fibras de pasta mecânica. Este tipo é também designado por papel “groundwood” ou “wood-containing”.

Papel para Usos Gráficos não Revestido de Pasta química - Papel próprio para impressão ou outros fins gráficos em que pelo menos 90% das componentes fibrosas consiste em fibras de pasta química. Estes papéis podem ser fabricados a partir de diversos componentes com níveis variáveis de aditivos minerais e uma série de processos de acabamento tais como cortes, calandragem, “couché” e marcas de água. Este tipo inclui a maior parte dos papéis de escritório, como facturas e outros formulários, papel de cópia de computador, de caderneta e de livros. Papéis pigmentados e normalizados “revestidos” (com revestimento menor que 5 gramas por face) estão incluídos neste grupo.

Papel para Usos Gráficos Revestido - Todos os papéis para impressão e outros fins gráficos, revestidos em um ou ambos os lados com minerais tais como caulino, carbonato de cálcio, etc. O revestimento pode ser feito nos vários métodos, quer mecânicos, quer manuais e pode ser suplementado por super-calandragem.



Papéis para Usos Domésticos e Sanitários - Estes papéis incluem uma larga gama de papéis tissue para higiene utilizados em casas de habitação ou instalações comerciais e industriais. Exemplos são os papéis higiénicos, tissues lenços faciais, lenços de bolso, guardanapos, rolos de cozinha, toalhas e papéis para limpar, usados na indústria. Alguns “tissues” são também usados no fabrico de fraldas para bebés, tampões, etc. O material original bobinado é feito de pasta virgem ou de fibras recuperadas ou de mistura de ambas. É referido nas estatísticas de produção pelo seu peso em bobine antes da conversão em produtos finais. No entanto, estatísticas do comércio externo consideram dados quer em bobines quer em produtos acabados.

Papéis para Embalagem: Materiais para Caixas - Papéis (cartolinas) e cartões usados principalmente no fabrico de cartão canelado. Eles são obtidos a partir da combinação de fibras virgens ou recuperadas e têm boas características para dobrar, rigidez e possibilidade de serem cortadas. São principalmente usadas em caixas para produtos de consumo tais como alimentos congelados e embalagens para líquidos.

Papéis para Embalagem: Papéis para Embalagem (até 15g m²) - Papéis cujos fins principais são embrulhos ou embalagens. São feitos a partir de misturas de fibras virgens e/ou recuperadas e podem ser branqueados ou crus. Podem ser sujeitos a vários processos de acabamento e ou etiquetagem. Incluídos neste grupo estão os sacos “kraft”, outros “Kraft” para embrulhos e papéis à prova de gorduras de sulfito.

Papéis para Embalagem: Outros Papéis Principalmente para Embalagens - Esta categoria inclui todos os papéis e cartões utilizados para embalagens não referidos anteriormente. A maior parte é fabricada a partir de fibras recuperadas, por exemplo “greyboards” e destinadas à transformação que em alguns casos pode dar usos finais de não embalagem.

Papel para reciclar - Papel e cartão recolhido e separado com a finalidade de ser reciclado.

Povoamento florestal – Extensão de terreno com um mínimo de 0,5 hectares e largura não inferior a 20 metros, ocupadas com árvores florestais que, pelas suas características ou forma de exploração, tenham atingido ou venham a atingir porte arbóreo (altura superior a 5 metros) e uma percentagem de coberto no mínimo de 10%. Inclui os povoamentos jovens (de regeneração natural, sementeira ou plantação) que, no futuro, atingirão uma densidade de, pelo menos, 10% de coberto e uma altura superior a 5 metros; os pomares de sementes e os viveiros florestais; os quebra-ventos e as cortinas de abrigo desde que respeitem os critérios estabelecidos pelo uso floresta. (AFN/IFN5, 2010).

Produção Efectiva por Ramo - Corresponde à totalidade da produção das unidades residentes ou seus agrupamentos (ramos ou sectores institucionais) (SEC – 79 § 305).

Produtividade - Corresponde ao rácio entre o valor acrescentado bruto e o número de trabalhadores, ou seja, corresponde ao valor criado por trabalhador.

Reciclagem - Reprocessamento de papéis recuperados num processo de produção para o fim original ou outros fins, incluindo a compostagem mas excluindo a recuperação de energia. (DGF/IFN, 2001).

Recolha - Princípio da política de gestão de resíduos, incluindo a reutilização, a reciclagem de materiais, a reciclagem de lixos orgânicos e a recuperação de energia (assim como as exportações para fins similares). (DGF/IFN, 2001).

Resíduos - Qualquer substância ou objecto cujo proprietário decida, pretenda ou seja solicitado a abandonar. (DGF/IFN, 2001).

Silvicultura - Ciência que estuda a cultura, ordenamento e a conservação da floresta, tendo em vista o contínuo aproveitamento dos seus bens e serviços.

Taxa de reciclagem - Rácio entre o consumo de papel recuperado e o comércio externo líquido deste produto, utilizado para fins de reciclagem e o consumo de papel e cartão.

Taxa de Recuperação - Rácio entre produtos de papel e cartão recuperados e o consumo de papel e cartão.



Taxa de Utilização - Rácio entre o consumo de papel recuperado e a produção de papel e cartão.

Taxa de Cobertura - Corresponde ao rácio entre as Exportações e Importações.

Valor Acrescentado Bruto - É o saldo da conta de produção, ou seja, da produção e do consumo intermédio, que correspondem, respectivamente, aos recursos e aos empregos dessa conta (SEC – 79 § 113).





EDIÇÃO: CELPA - Associação da Indústria Papeleira

Rua Marquês Sá da Bandeira, N.º 74, 2.º

1069 - 076 Lisboa

Telefone: + 351 21 761 15 10 Fax: + 351 21 761 15 11

e-mail: celpa@celpa.pt <http://www.celpa.pt>

Design gráfico, paginação e preparação gráfica: VENTOSA - ideias que pegam / MAS Media Projects, Lda

Impressão e acabamento: VENTOSA - ideias que pegam / MAS Media Projects, Lda

Depósito Legal N.º 215366/04

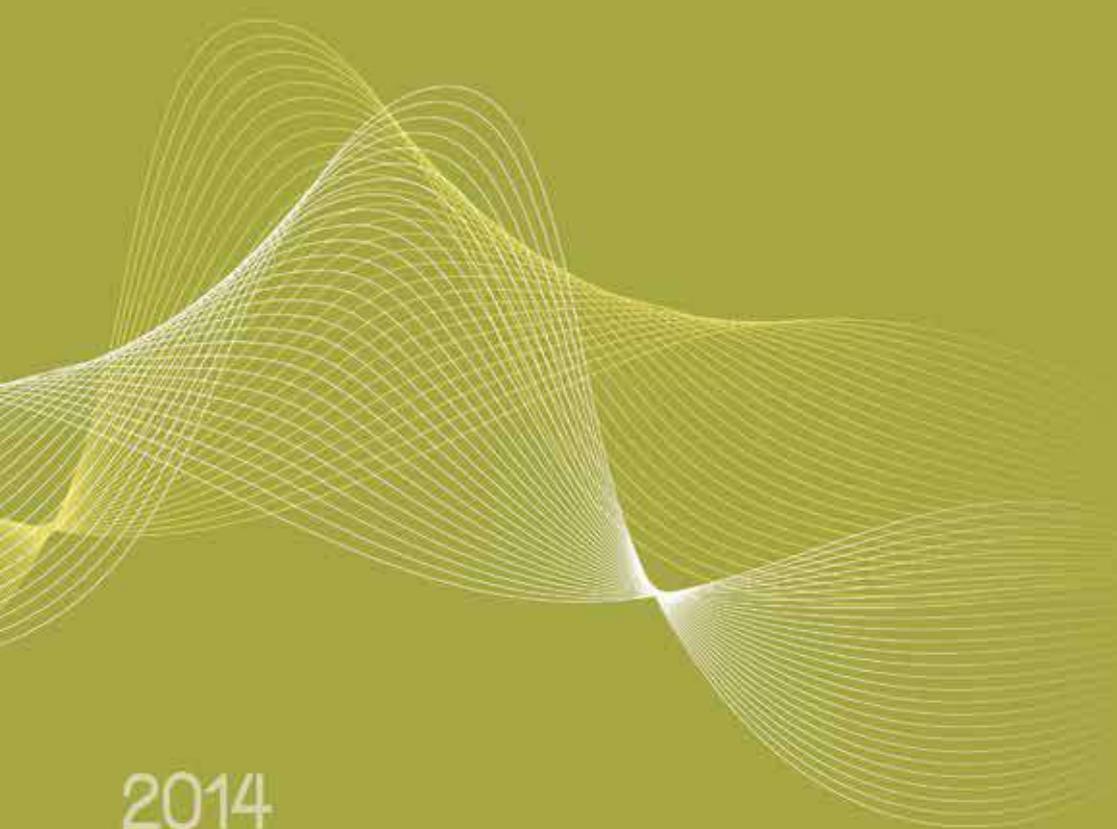
ISSN: 1645-4154

Tiragem: 550 Exemplares

Lisboa, Agosto de 2015.

O Boletim Estatístico da Celpa é impresso em papel Inaset Plus Offset de 100g/m² no miolo e 190g/m² na capa, produzido pelo Grupo Portucel Soporcel, empresa certificada pela NP EN ISO 9001/2008 e NP EN ISO 14001/2004.

“CELPA@2015: Quando utilizar publicamente alguma da informação, tabelas ou figuras, por favor, cite o “Boletim Estatístico da CELPA” como fonte.”



2014

Indústria Papeleira Portuguesa